



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
MESTRADO PROFISSIONAL**



GRACIELA REGINES DE PAULA NASCIMENTO SANTOS

**HISTÓRIA ORAL DE MULHERES EM COOPERATIVAS:
O PROCESSO DE EMPODERAMENTO PELA EDUCAÇÃO SOCIAL NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

**SALVADOR-BA
2019**

GRACIELA REGINES DE PAULA NASCIMENTO SANTOS

**HISTÓRIA ORAL DE MULHERES EM COOPERATIVAS:
O PROCESSO DE EMPODERAMENTO PELA EDUCAÇÃO SOCIAL NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Texto de dissertação apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Educação de Jovens e Adultos da Universidade Estadual do Estado da Bahia – UNEB, sob a orientação do Prof. Drº Antônio Pereira/UNEB.

Área de Concentração: Educação, Meio Ambiente e Trabalho.

**SALVADOR-BA
2019**

FOLHA DE APROVAÇÃO

GRACIELA REGINES DE PAULA NASCIMENTO SANTOS

HISTÓRIA ORAL DE MULHERES EM COOPERATIVAS: O PROCESSO DE EMPODERAMENTO PELA EDUCAÇÃO SOCIAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação do Mestrado Profissional da Universidade Estadual do Estado da Bahia – UNEB, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação de Jovens e Adultos. Aprovada em ____/____/____

BANCA AVALIADORA

Antônio Pereira (Orientador)

Doutor em Educação, Universidade Federal da Bahia
Prof. do Mestrado em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA/UNEB

Jacyara Paiva (membro externo)

Doutora em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo/UFES
Prof.^a da Universidade Federal do Espírito Santo/UFES

Ana Lúcia Nunes (membro Interno)

Doutora em Educação, Pontífice Católica de São Paulo/PUC-SP
Prof.^a da Universidade do Estado da Bahia/UNEB

Cândida Andrade de Moraes (membro externo)

Doutora em Educação, Universidade Federal da Bahia
Prof.^a da Universidade do Federal da Bahia/UFBA

*A Davi Abayomi, meu filho amado,
meu encontro precioso!*

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho não teria sentido sem o apoio e compreensão de pessoas especiais.

Neste primeiro instante, quero agradecer a Deus, aos espíritos de luz, aos encantados, ao meu Senhor do Bonfim amado, ao meu São Jorge Guerreiro por me segurar nos braços em todos os momentos em que pensei em fraquejar.

A mainha e a painho por serem alicerces contínuo, por serem minha fortaleza, meus exemplos de luta e amor pela vida e por acreditarem sempre que eu podia.

Às minhas irmãs amadas, Lorena e Jéssica, que sempre me incentivaram a ir além, não há limites para nós: mulheres negras, pobres e nordestinas!

Desejo igualmente agradecer ao meu filho Davi Abayomi, que talvez não tenha noção deste processo, e que sempre esteve lado a lado comigo nos seminários, nas entrevistas, nas orientações, me dando um abraço apertado ou simplesmente um *eu te amo, mamãe!*

Na mesma medida, agradeço a Armando Rodrigues, meu companheiro, que sempre cooperou com meus momentos em que precisava produzir.

Ao professor Antônio Pereira, meu orientador, pela paciência e condução deste estudo, por nunca me desmotivar nesta caminhada. Nesse contexto, agradeço às professoras Jacyara Paiva, Ana Lúcia Nunes e Cândida Andrade de Moraes pela colaboração e contribuições fundamentais para o desenvolvimento deste estudo.

Reservo um carinho especial aos meus amigos da SESOL, amigos para toda a vida, que me ensinaram muito, que contribuíram imensamente para minha formação política, que me apresentaram a Economia Solidária e por acreditarem em uma sociedade mais justa e igualitária.

Destaco, especialmente, a amiga Poliana Reis e o amigo - irmão André Ferreira, muito obrigada! Vocês foram o início de tudo, acreditaram em mim, me incentivam nesta caminhada.

Aos meus amigos do MPEJA, Deysiene Cruz, Hildebrando Filho, José Orestes Souza, Jársia Melo, Fernanda Brito, digo amigos, porque juntos fomos construindo esta trajetória, sendo um a base do outro, sem deixar ninguém pelo caminho, a vocês, meus amigos, muito obrigada!

Finalmente, quero agradecer às mulheres das cooperativas que fizeram parte deste estudo, pela disponibilidade, paciência e por dividirem suas histórias conosco, a vocês, minhas flores, muito obrigada!

Ninguém solta a mão de Ninguém! Juntos, seremos mais fortes! Obrigada a todos!

RESUMO

O tema central desta pesquisa trata sobre a História Oral de Mulheres Em Cooperativas: O Processo de Empoderamento Pela Educação Social na Educação de Jovens e Adultos e surgiu da minha experiência profissional com a Economia Solidária, no período em que trabalhei na Superintendência de Economia Solidária durante os anos de 2009 a 2017. Este trabalho se mostra de relevância social ao abordar as experiências de mulheres em cooperativa, que desempenham um papel singular ao contar sobre as suas histórias de vida e sobre as experiências advindas do trabalho cooperado. Para desenvolver esta pesquisa foi feita a seguinte questão de investigação, a saber: o processo de mediação da educação social, escolarização e o trabalho que foi vivido pelas mulheres das cooperativas oportunizou uma consciência de empoderamento? Tal questão será analisada com as cooperadas atuantes no movimento de Economia Solidária de Salvador, a partir de suas histórias orais de vida temática. Desse modo, o objetivo geral foi compreender através das histórias orais de vida de mulheres cooperativadas, de que forma a Educação Social na EJA promoveu o empoderamento dessas mulheres, explicando, nesse contexto, a escolarização, o trabalho, a prática de educação social e EJA. Os objetivos específicos foram analisar as histórias de vida de mulheres das cooperativas; perceber se ocorreu um processo de empoderamento e compreender o processo de escolarização, da educação social na EJA e o trabalho das cooperadas. Para fundamentação teórica apresentam-se no campo da educação e EJA em Freire (1979), Arroyo (2005), Haddad; Di Pierro (2000). No campo do empoderamento feminino, Davis (2016), Ribeiro (2017), Baquero (2012), Sandenberg (2006) e Romano(2002). Sobre as relações de gênero, recorreu-se às autoras Louro (1995;1997), Scott (1989), Rosembergue (2001) e, no âmbito da educação social, às contribuições de Pereira (2013), Paiva (2011), Machado (2010) e outros. Os resultados gerais indicam que o processo de escolarização foi importante para mulheres envolvidas na pesquisa, a partir do momento que reconhecem o papel da educação como fundamental para transformação social. A partir das narrativas, foi possível registrar resquícios das opressões sofridas pela questão gênero e do machismo estruturado pela sociedade. De forma positiva, percebeu-se a valorização do trabalho como processo de mudança social e de empoderamento feminino.

Palavras-chave: Cooperativas. Educação Social. EJA. Empoderamento. Mulheres.

ABSTRAT

The central theme of this research is the Oral History of Women in Cooperatives: The Process of Empowerment for Social Education in Youth and Adult Education and arose from my professional experience with the Solidarity Economy, during the period in which I worked in the Superintendency of Solidary Economy during the years 2009 to 2017. This work is of social relevance when discussing the experiences of women in cooperatives, who play a unique role in telling about their life histories and experiences from cooperative work. In order to develop this research, the following research question was asked: the process of mediation of social education, schooling and the work that was experienced by the women of the cooperatives gave an empowering conscience? This issue will be analyzed with the cooperatives working in the Solidarity Economy movement of Salvador, based on their oral histories of thematic life. Thus, the general objective was to understand through the oral histories of the life of cooperative women, how the Social Education in the EJA promoted the empowerment of these women, explaining, in this context, schooling, work, the practice of social education and EJA. The specific objectives were to analyze the life histories of women in cooperatives; to perceive if an empowerment process occurred and to understand the process of schooling, social education in the EJA and the work of the cooperative. Theoretical basis is presented in the field of education and EJA in Freire (1979), Arroyo (2005), Haddad; Di Pierro (2000). In the field of women's empowerment, Davis (2016), Ribeiro (2017), Baquero (2012), Sandenberg (2006) and Romano (2002). Regarding gender relations, the authors Louro (1995, 1997), Scott (1989), Rosembergue (2001) and, in the scope of social education, the contributions of Pereira (2013), Paiva (2011), Machado (2010) and others. The general results indicate that the schooling process was important for women involved in the research, from the moment they recognize the role of education as fundamental for social transformation. From the narratives, it was possible to record remnants of the oppressions suffered by the gender issue and the machismo structured by society. In a positive way, it was perceived the valorization of work as a process of social change and female empowerment.

Palavras-chave: Cooperatives. Empowerment. EJA. Social Education. Women.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

- Quadro - 1 Perfil dos Sujeitos
- Quadro - 2 Escolarização das Mulheres Cooperadas
- Quadro - 3 O Machismo e a Educação
- Quadro - 4 O que as Mulheres Falam Sobre o Trabalho
- Quadro - 5 Sobre o Processo de Empoderamento

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA	Educação de Jovens e Adultos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
SESOL	Superintendência de Economia Solidária
CESOL	Centro Público de Economia Solidária
ECOSOL	Economia Solidária
EES	Empreendimento de Economia Solidária
SENAES	Secretaria Nacional de Economia Solidária
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
CONFINTEA	Conferência Internacional de Jovens e Adultos
ES	Educação Social
ONU	Organização das Nações Unidas
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
REDE	Rede da Comissão de Articulação e Mobilização dos moradores da
CAMPI	Península de Itapagipe
DCESOL	Declaração de Conformidade da Economia Solidária
BANEB	Banco do Estado da Bahia
EPESS	Escola Permanente de Educadores Sociais
UNIFACS	Universidade Salvador
UCSAL	Universidade católica de Salvador

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 EDUCAÇÃO, RELAÇÃO DE GÊNERO, EMPODERAMENTO FEMININO E ECONOMIA SOLIDÁRIA	18
2.1 DIALOGANDO SOBRE EDUCAÇÃO	18
2.2 EDUCAÇÃO E RELAÇÃO DE GÊNERO	22
2.3 A SITUAÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE ATUAL E EMPODERAMENTO	26
2.3.1 A economia solidária e o trabalho das mulheres em cooperativas	32
3 A EDUCAÇÃO SOCIAL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE ADULTOS E SUA EXPRESSÃO NA QUESTÃO DO EMPODERAMENTO DAS MULHERES COOPERADAS.....	34
3.1 AFINAL, O QUE É EDUCAÇÃO SOCIAL?	34
3.2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	38
3.3 A RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO SOCIAL E EDUCAÇÃO DE ADULTOS	46
4 A HISTÓRIA ORAL COMO METODOLOGIA DE COMPREENSÃO DO PROCESSO DE EMPODERAMENTO DAS MULHERES COOPERATIVADAS PELA EDUCAÇÃO SOCIAL NA EJA	49
4.1 A PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO E A HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA	49
4.2 OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA HISTÓRIA ORAL	52
4.3 AS ENTREVISTAS	54
4.4 OS SUJEITOS	55
4.5 A ANÁLISE DOS DADOS	56
5 HISTÓRIAS ORAIS DE VIDA QUE REVELAM PROCESSOS DE EMPODERAMENTO DE MULHERES COOPERADAS.....	59
5. 1 A HISTÓRIA DE MARGARIDA	59
5.2 A HISTÓRIA DE ANGÉLICA	66
5.3 A HISTÓRIA DE JASMIM	72
5.4 A HISTÓRIA DE MAGNÓLIA	81
5.5 A HISTÓRIA DE VIOLETA	85
6 DESVELANDO OS PROCESSOS DE EMPODERAMENTO DAS MULHERES COOPERADAS PELA EDUCAÇÃO SOCIAL NA EJA.....	90

6.1 A ESCOLARIZAÇÃO E O SIGNIFICADO DA EDUCAÇÃO	90
6.2 O SIGNIFICADO DO TRABALHO COOPERATIVO E O DOS PROCESSOS EDUCATIVOS SOCIAIS	95
6.3 EMPODERAMENTO FEMININO E EDUCAÇÃO	100
7 CONCLUSÃO	104
REFERÊNCIAS	107
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA	112
APÊNDICE B - DIÁRIO DE BORDO	113
APÊNDICE D – FOTOS	127
ANEXO A – PARECER DO CONSELHO DE ÉTICA	128

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo, intitulado *História Oral de Mulheres em Cooperativas: O Processo de Empoderamento pela Educação Social na Educação de Jovens e Adultos*, é fruto de um desejo pessoal a partir de minha experiência profissional com a Economia Solidária.

Essa temática, que será discutida ao longo deste texto, sempre me despertou curiosidade ao perceber como a Educação Social, através dos processos não formais de aprendizagem, possibilitou transformação nas vidas das mulheres cooperadas e, além disso, me possibilitou a entender e a valorizar cada caminhada dessas mulheres que, de alguma forma, faz parte também da minha caminhada profissional, já então graduada em Administração e Licenciada em Matemática.

Em 2009, tive a oportunidade de ingressar na equipe da Superintendência Estadual de Economia Solidária – SESOL. Nessa época, não tinha ideia do que significava tal terminologia, uma experiência nova que aceitei fazer parte, a princípio, por oportunidade de trabalho. A Economia Solidária foi apresentada para mim como um sentido de vida, algo novo para meu contexto, mas que me encontrei e me identifiquei, perante tantas experiências de vida, de possibilidade de geração de renda, de humanidade e de solidariedade.

O trabalho desenvolvido, ao longo dos sete anos em que permaneci na SESOL, possibilitou-me outra visão de mundo, mais consciente, mais humanizada e de transformação pessoal. O acompanhamento aos empreendimentos econômicos solidários, como são chamadas as associações e cooperativas que atuam dentro desta perspectiva de geração de renda da Economia Solidária, pôde me proporcionar a visão de uma sociedade mais justa e economicamente viável, pautada no respeito ao meio ambiente, ao comércio justo, à solidariedade e à valorização da pessoa humana.

A experiência com economia solidária foi um rico momento de construção pessoal e de formação política. Uma oportunidade de formular e de ver a política pública se concretizando, pois, ao mesmo tempo em que eu participava de editais pensando nos sujeitos, tive a possibilidade de acompanhar o resultado deste investimento para aquelas diversas famílias beneficiárias. Acompanhar os Empreendimentos Econômicos Solidários – EES - possibilitou troca de saberes, vivências impagáveis.

Por essa experiência pessoal e por tantas histórias vividas junto aos grupos de economia solidária, me fez despertar para esta pesquisa que envolve as protagonistas deste ambiente, mulheres oriundas de cooperativas de Economia Solidária em Salvador, posto que os processos formativos (as dinâmicas, as oficinas e as rodas de conversas) oportunizaram um processo de construção de empoderamento das mulheres, o que revela uma perspectiva de autonomia e de mudança de realidade. Compreende-se a tamanha relevância deste estudo, pois tivemos a oportunidade de poder ao compartilhar essas experiências de vida a partir do lugar de fala de cada uma dessas mulheres. Mulheres negras e pobres que compreende uma parcela significativa da população que luta a cada dia para romper a estrutura patriarcal de um machismo estruturado na sociedade.

As mulheres escolhidas para colaborar com este estudo são mulheres oriundas de cooperativas que trabalham na perspectiva da economia solidária. Foram selecionadas cinco mulheres, por serem lideranças em suas cooperativas, atuantes da gestão desses empreendimentos e por exercerem um papel diferenciado em seu grupo de trabalho. Apesar do quantitativo selecionado, é uma amostra significativa, pois os sujeitos de pesquisa selecionados foram as líderes de cinco grupos diferentes e que representam diversas mulheres que estão desempenhando as mesmas funções. Thiollent (1947, p. 62) destaca a importância destas chamadas amostras intencionais definido pelo autor como “um pequeno número de pessoas que são escolhidas intencionalmente em função da relevância que elas apresentam em relação a um determinado assunto”. Assim, destaca, como fator relevante, a escolha do grupo escolhido em detrimento da sua representatividade social dentro da situação considerada.

O cenário exposto acima configura o mote relevante para o desenvolvimento desta pesquisa, que pretende entender o lugar da Educação Social – ES - na Educação de Jovens e Adultos - EJA, a partir dos processos educativos e de trabalho das mulheres cooperativadas.

Diante deste cenário deparam-se com a seguinte questão de investigação: O processo de mediação da educação social, escolarização e o trabalho que foi vivido pelas mulheres das cooperativas oportunizou uma consciência de empoderamento? Tal questão será analisada com as cooperadas atuantes no movimento de Economia Solidária de Salvador, a partir de suas histórias orais de vida temática.

O objetivo geral foi compreender através das histórias orais de vida de mulheres cooperativadas, de que forma a Educação Social na EJA promoveu o empoderamento dessas mulheres, explicando, nesse contexto, a escolarização, o trabalho, a prática de educação social

e EJA. Os objetivos específicos foram analisar as histórias de vida de mulheres das cooperativas; perceber se ocorreu um processo de empoderamento e compreender o processo de escolarização, da educação social na EJA e o trabalho das cooperadas.

Essa é uma pesquisa qualitativa de procedimento metodológico da história oral de vida temática, baseada numa compreensão particular do fenômeno a ser pesquisado. A partir das histórias de vida das mulheres em cooperativas, buscou-se compreender suas memórias, seu resgate de identidade, suas experiências vividas e explicações para os fenômenos do empoderamento social via educação e trabalho.

Trabalhar com a história oral é compreender, através das narrativas, o sujeito histórico, e o que pretendemos saber com as histórias de vida das mulheres cooperativadas. Conceitualmente a história oral destaca-se por ser um método utilizado para resgate de memória, da identidade, que através de entrevistas visa registrar a história de vida de pessoas, uma experiência que parte subjetivamente a partir do olhar dos envolvidos na pesquisa, a fim de compreender determinados objetivos traçados na pesquisa. Assim, para a geração dos dados da pesquisa, foram utilizados como instrumento de pesquisa entrevistas semiestruturada, gravadas e transcritas, diário de campo. Os dados gerados, chamados de registros das narrativas, foram analisados e interpretados.

O recorte de gênero faz-se necessário porque a mulher representa uma parcela relevante nos EES. Segundo dados do II Mapeamento de Economia Solidária no Brasil, em 2013, elas representam 31,9% dos integrantes em cooperativas no Brasil. É importante destacar o papel da educação na vida dessas mulheres, na emancipação e na melhoria de vida das pessoas. Com isso, a educação libertadora associada às práticas educativas promovem a possibilidade de construção de uma nova sociedade, baseada em valores libertários, de formação política e desenvolvimento de cidadania.

O recorte temático na educação social na EJA se deu em virtude de que o processo educativo que ocorre nas cooperativas, a partir da concepção de educação social que é voltada para pessoas em situação de vulnerabilidade social, que segundo Pereira (2015) é uma educação voltada para os menos favorecidos, excluídos de processos sociais. O autor ressalta que através desta educação ressocializadora os sujeitos encontram uma forma de mudança de realidade, numa perspectiva epistemológica freiriana, uma educação para a prática da libertação e a promoção social.

A EJA, modalidade de ensino que perpassa toda a educação básica, nasce na perspectiva de possibilitar o retorno aos estudos àqueles que por algum motivo não tiveram oportunidade de concluir no tempo certo da educação formal. Posteriormente, essa ação de política pública em atenção àqueles que não puderam dar continuidade aos estudos foi fortalecida no intuito de minimizar o índice de analfabetismo no país e a distorção idade – série na educação básica. Além de ser conceituada como sendo um campo de direitos, concebida como direito dos indivíduos que trazem em sua trajetória de vida singularidades, está também atrelada a um projeto de sociedade.

Por se tratar de uma modalidade de ensino como parte constitutiva da educação básica, deve ser tratada com toda importância devida, visto a garantir os direitos previstos aos indivíduos. Romão (2008, p. 55) reforça que “ela não pode ser colocada paralelamente ao sistema, nem como forma compensatória, nem como forma complementar, mas como modalidade de ensino voltado pra uma clientela específica.”

Nesse contexto, muitos jovens e adultos trabalhadores se isentaram da possibilidade de estudar devido às próprias condições de vida, pois muitos tinham que procurar meios de sobrevivência, o que os distanciavam da educação. Silva (2013) realizou um estudo com os estudantes da EJA e constatou que eles eram oriundos de famílias de baixa renda e que isso era um determinante para muitos terem evadidos da EJA, mas essa autora também constatou que são essas famílias as maiores incentivadoras do retorno dos seus filhos, netos, parentes à escola.

A história da EJA no Brasil é muito recente. Logo, para garantir o direito à educação e à qualidade do ensino, as políticas educacionais brasileiras, voltadas para a formação de jovens e adultos, necessitam carregar características de continuidade e adaptação para diversas realidades, o que assiste-se, no entanto, é uma avalanche de políticas de governo que nunca atingem a sua plenitude, fazendo com que a identidade da EJA se torne cada vez mais frágil e contundente. Dessa forma, os pilares de acesso da permanência e da conquista pela qualidade social dos conteúdos tornam-se frágeis, resultando em repetência, insucesso e abandono escolar (SILVA, 2014).

Dentre os principais motivos da evasão dos educandos(as) estão justamente a necessidade de trabalho e o casamento, principalmente para as mulheres, pois são as responsáveis, em grande maioria, pela execução das tarefas domésticas (espaço privado) e

também atuam no espaço público, caracterizando a dupla jornada, de modo a sacrificar os estudos e dificultar o retorno delas para as salas de aula.

Nesse contexto, trazemos para este estudo o conceito de empoderamento na questão da mulher cooperativada. O conceito de empoderamento em Freire (1986, p. 138) estaria ligado à classe social e “indica um processo político das classes dominadas que buscam a própria liberdade da dominação, um longo processo histórico de que a educação é uma frente de luta”. Assim, o empoderamento só é possível a partir de um processo de ação coletiva, que se dá na interação entre indivíduos, o qual envolve, necessariamente, um desequilíbrio nas relações de poder na sociedade.

Nessa perspectiva, Freire (1979, p.14) acredita que “o homem deve ser sujeito de sua própria educação”. Assim, enfatiza que isso seja possível, pois o homem é um ser inacabado, passível de mudança. A partir de uma visão baseada no contexto da educação libertadora concebida por Paulo Freire, considerando as condições de vida e de trabalho das mulheres cooperadas, assim, a Economia Solidária surgiu como uma proposta de mudança de sociedade, de geração de renda baseada na produção coletiva, fomentando a emancipação dos sujeitos envolvidos. Uma alternativa viável a um capitalismo excludente, a perspectiva de uma nova sociedade, baseada na cooperação, autogestão, cuidado com meio ambiente e da produção coletiva.

Partindo da proposta de educação libertadora, apresenta-se aqui a economia solidária como outra economia possível, não voltada para o capital e, sim, por valorização do ser humano e o desenvolvimento social. Para Singer (2002), “as contradições do capitalismo criam oportunidades de desenvolvimento de organizações econômicas cuja lógica é oposta ao modo de produção dominante”. Nesse sentido, a economia solidária oferece aos sujeitos a possibilidade de uma nova sociedade, de valorização das pessoas, de geração de renda, e do desenvolvimento local sustentável.

Diante do exposto, o texto está organizado em cinco seções, a saber: o primeiro capítulo, que trata sobre a **Educação, Relação de Gênero e Empoderamento Feminino e Economia Solidária**, traz a contextualização da questão de gênero, do empoderamento feminino, entrelaçando com a educação e o conceito de trabalho cooperado a partir da economia solidária; O segundo capítulo vem trazendo a ideia da **A Educação Social No Contexto Da Educação De Adultos E Sua Expressão Na Questão Do Empoderamento Das Mulheres Cooperadas**, no intuito de subsidiar e traçar um paralelo entre as temáticas

abordadas; O terceiro capítulo trata sobre **A História Oral Como Metodologia De Compreensão Do Processo De Empoderamento Das Mulheres Cooperativadas Pela Educação Social Na EJA**, discorrendo sobre a metodologia da pesquisa e os caminhos trilhados para chegar ao objeto da pesquisa; O quarto capítulo reserva **A História Oral Como Metodologia De Compreensão Do Processo De Empoderamento das Mulheres Cooperativadas Pela Educação Social Na EJA** e convida o leitor conhecer um pouco das suas histórias de vida e; O quinto capítulo refere-se as **Histórias Oraís De Vida Que Revelam Processos De Empoderamento De \mulheres Cooperadas** e o sexto capítulo que trata sobre o resultado da pesquisa **Desvelando Os Processos de Empoderamento Das Mulheres Cooperadas Pela Educação Social Na EJA**, apresenta um breve reflexão acerca das narrativas realizadas com as mulheres.

A partir da análise dos resultados da pesquisa e em diálogo com os objetivos propostos por este estudo, pretende-se desenvolver uma proposta de intervenção como devolutiva as integrantes das cooperativas. Essa atividade formativa será realizada com oficinas sobre o tema do empoderamento feminino, questões de gênero, educação social, educação de jovens e adultos e trabalho cooperativo, renda. Esta proposta de intervenção coaduna com a intenção deste mestrado profissional na produção de um produto final ao fim da pesquisa que foi realizada.

2 EDUCAÇÃO, RELAÇÃO DE GÊNERO, EMPODERAMENTO FEMININO E ECONOMIA SOLIDÁRIA

Falar a partir das mulheres negras é uma premissa importante do feminismo negro, como nos ensina Patricia Hill Collins sobre a necessidade dessas mulheres de se auto definirem. (RIBEIRO,2017, p.35)

O processo de escrita deste capítulo possibilitou o resgate histórico com minha própria história, digo minha, pois falo a partir do olhar de uma mulher negra, que ainda hoje vive sobre os resquícios do colonialismo opressor, marcado pelo silenciamento de muitas de nós, da negação do nosso direito de fala. Pensar os contextos da educação, de gênero, do empoderamento e das questões de geração de renda, a partir da economia solidária, trazem à tona as questões de interseccionalidade traçados ao longo da história.

Neste capítulo pretende-se conceituar educação, relações de gênero e emponderamento a partir de autores principais como Freire (1979), Brandão (2007), Saviani(2008) e Pinto(1993) para traçar um diálogo sobre a concepção de educação e delinear um olhar sobre três autores fundamentais para a construção do conceito. Para o campo do emponderamento, Freire(2001), Davis (2016), Ribeiro (2017), Sandenberg (2006) e Romano (2002).

Sobre a perspectiva de relações de gênero, recorreu-se as autoras Louro (1995), Scott (1989), Rosebergue (2001) no intuito de fortalecer a discussão sobre a temática de gênero, das relações de poder entre o universo feminino e masculino, dialogando com a educação e, para finalizar, um enfoque a questão da mulher na sociedade atual, a partir de uma visão clássica de Burdier (2011) e Sandenberg (2006) numa linha mais contemporânea. Tal discussão se faz necessário para fundamentar o aporte teórico deste capítulo, visto que as concepções trazidas pelos autores enriquecem a discussão.

2.1 DIALOGANDO SOBRE EDUCAÇÃO

Conceituar educação é primordial para que se possa entender como este vasto campo cria possibilidades para novas discussões. Dessa forma, é importante perceber como o viés

social da educação possibilita a conscientização, a transformação das pessoas, o exercício da participação social e política, promove a autonomia e a conquista de direitos.

Quando somos questionados sobre o significado da palavra educação, o que nos fica latente na memória ao primeiro momento é a materialização do ambiente escolar.

De fato, nos primeiros anos de vida, há o direcionamento para este ambiente institucional, mas a educação acontece em consonância com ambiente familiar, com o meio social onde vivemos e em tantos outros espaços que possibilitam o aprendizado, a troca de saberes e outros tantos ganhos de conhecimentos. A educação é o pilar de todos os cidadãos. As práticas educativas acontecem no nosso cotidiano, são reflexos do convívio social e dos valores históricos culturais passados de geração a geração e, através desse acúmulo de experiências é que construímos a nossa identidade.

Cabe informar que o conceito de empoderamento trazido na concepção freiriana versa sobre o olhar da conscientização, longe de um conceito americanizado a partir do capitalismo.

Educação em Freire (1979) é concebido como um processo de mudança social, não há como pensar em educação, sem pensar no processo de transformação do homem. Assim, o autor acredita que,

A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o à sua perfeição. A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém. (FREIRE, 1979, p. 14)

E como ser inacabado, em processo constante de educação, o homem está sempre em processo de mudança, passível de transformação. Esse conceito é o que permeia toda sua obra, a ideia de que o é o autor de sua própria trajetória de vida, de sua própria educação.

Pinto (1993, p. 29) atribui algumas características sobre a educação, uma delas diz respeito ao seu caráter como um fato social e apresenta que a educação “é determinada pelo interesse que move a comunidade a integrar todos os seus membros as formas sociais vigentes”, assim o homem seria formado pela sociedade, com intuito de integrá-lo ao meio social. Para este autor, as compreensões sobre a questão da educação, traduzem uma concepção ingênua e crítica sobre o olhar da educação. Esta concepção estaria ligada ao processo de educar, do cuidado que se deve ter, para não correr o risco de compartilhar ações não verdadeiras em relação aos educandos. O ato de tratar os educandos como mero expectador na transmissão de conhecimento, ignorante ou, até mesmo, como objeto seria uma atitude equivocada dos educadores.

Já a concepção crítica da educação, para Pinto (1993), é a antítese da ingênua, visto que promove a figura do educando como sujeito da educação, não como objeto desta. Assim, as concepções dialéticas nos mostram o quanto é preciso valorizar o saber dos educandos, como protagonista de sua própria trajetória de aprendizado.

Assim, pensar a educação e suas particularidades envolve concebê-la em suas diferentes modalidades e o papel social que representa. Envolve também, um olhar mais amplo para o conceito que a palavra pode proporcionar para os sujeitos.

A educação envolve processos de troca de saberes, vai muito além do ensinar e aprender, está em todos os locais de convívio social seja ele a família, a escola, o bairro, a comunidade, em todos os ambientes a possibilidade de aprendizado acontece. É através da Educação que promove-se a socialização e a interação dos indivíduos, é a oportunidade de adquirir conhecimento, envolve aspectos culturais e sociais.

Pensar em Educação é redimensionar o olhar para todas as possibilidades de transformação social, do seu papel enquanto cidadão, na perspectiva de desenvolvimento humano e na busca de conhecimento. É ampliar o horizonte e antigos conceitos da sala de aula, dos quatro muros da escola ou até mesmo do ambiente familiar e social.

Nesse sentido é que Brandão (2007) afirma:

A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida. Ela pode existir imposta por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre os homens, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos. (BRANDÃO, 2007, p.10)

A Educação pode se inventar e reinventar em um processo constante que envolve aspectos culturais e fatores da sociedade que pertencemos. O autor destaca também o papel da educação como mecanismo de poder, em que quem detém maior conhecimento controla e reforça as mazelas sociais. Para Saviani (2008), a escola não é o único veículo de aprendizagem, pois,

[...] educa-se através de múltiplas formas, através de outras instituições, como os partidos, os sindicatos, associações de bairro, associações religiosas, através de relações informais, da convivência, dos meios de comunicação de massa [...]. Portanto, há múltiplas formas de educação, entre as quais se situa a escolar. (SAVIANI, 2008, p. 97)

A partir desse contexto, é possível perceber a valorização do saber de cada espaço de diálogo, em cada troca, em todos os locais onde os processos formativos acontecem. Freire (1979, p.28) acredita que “[...] o homem deve ser sujeito de sua própria educação”. Assim,

ênfatiza que isso seja possível, pois o homem é um ser inacabado, passível de mudança. Essa mudança permite a ele adquirir ao longo da vida muitos conhecimentos que vão se multiplicando com o passar do tempo.

Os conceitos freirianos trabalham com a ideia de educação como caminho para a liberdade, só através dela podemos mudar a realidade existente. Elucida a ideia de classes, da apropriação dos bens produzidos e, a partir desta teoria, caracteriza a pedagogia dominante, em que a educação é trabalhada na perspectiva de dominação e a pedagogia do oprimido é a educação como prática de liberdade.

A Educação é fonte libertadora. Através da Educação tem-se acesso ao conhecimento, promovendo a ruptura de um processo de opressão, processo este de libertação da consciência, tornando-se sujeitos críticos e reflexivos, capazes de transformar nossa realidade a qual estamos inseridos. Só uma sociedade realmente desigual não prioriza a educação, que é direito fundamental de toda e qualquer pessoa. Pensar a educação como contexto desfavorável é perceber que precisa-se ressignificar o espaço de aprendizagem, promovendo uma educação libertadora e emancipatória, que estimule a autonomia intelectual a partir da formação de cidadãos críticos. Pensar uma sociedade mais justa e igualitária, garantindo direitos e oferecendo condições para construção de uma vida digna.

É preciso dialogar com os envolvidos na educação, trabalhando o ser político que existe em cada indivíduo, valorizando cada sujeito e o momento do aprendizado. Unindo escola e sociedade, os atores devem estar engajados nessa causa: professores, alunos, família, instituições e sociedade, todos, em busca de soluções, a fim de favorecer a educação.

Para Pinto (1993, p.29), “a educação é o processo pelo qual a sociedade forma seus membros à sua imagem e uma função de seus interesse”, ou seja, a sociedade replica modelos formativos do que dita como importante para a formação de seus indivíduos. Uma sociedade vai promover currículos formativos baseado nos interesses que visam a integrar todos as formas sociais vigentes, sejam elas questões econômicas ou sociais, o que ele atribui ao fator social.

Gadotti (2012) apresenta a ideia de uma Educação não neutra, plural, que se manifesta a partir de concepções e valores.

A educação é um fenômeno complexo, composto por um grande número de correntes, vertentes, tendências e concepções, enraizadas em culturas e filosofias diversas. Como toda educação é política, como nos ensinou Paulo Freire, ela não é neutra, pois, necessariamente, implica princípios e valores que configuram uma certa visão de mundo e de sociedade. (GADOTTI, 2012, p. 10)

Gadotti (2012) destaca o papel da educação política, atendendo a determinadas concepções e valores. Currículos elaborados para atender determinadas vertentes, que não necessariamente é capaz de suprir todas as demandas da sociedade. O direito ao saber não conseguiu chegar a todos, muitos são excluídos do processo educacional.

Sobre esse ser político, Freire (2011, p. 108) afirma que “a educação não vira política por causa da decisão deste ou daquele educador. Ela é política”. Refletindo sobre esse aspecto, o homem é um ser político, que tem voz e autonomia em seus pensamentos. Para Gadotti (2000, p.277) a autonomia “não pode ser separada de uma concepção política e econômica, que defende a capacidade popular de decidir, dirigir, controlar, isto é, de se autogovernar. Isso implica a participação direta nas decisões”.

É importante ressaltar que toda esta reflexão sobre o campo da educação deve ser analisada de forma diferenciada, quando tratamos das relações de gênero constituídas na sociedade, onde as mulheres, em especial, não tiveram ao longo da história as mesmas oportunidades que os homens. Sobre esta questão discutiremos ao longo deste capítulo.

2.2 EDUCAÇÃO E RELAÇÃO DE GÊNERO

A problemática acerca da questão de gênero sempre esteve enraizada em nossa sociedade. Sobre a questão de gênero, Adichie (2015, p. 36-37) revela que “ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos. Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas do gênero”. A autora reforça que homens e mulheres são condicionados a padrões sociais machistas em vez de ser ele mesmos. Os construtos sociais estabelecidos pela sociedade, a partir da diferenciação sexual entre homens e mulheres, institui a forma desigual em que as relações de gênero são organizadas, bem como as questões de socialização distorcidas que acentua a diferenciação entre os gêneros, permeando uma cultura do machismo.

Atrelar o conceito de educação à relação de gênero remete literalmente ao contexto histórico do universo feminino e masculino, como está nas entrelinhas da afirmação de Scott (1990, p. 14) quando diz que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais

fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”.

A mesma relação referida anteriormente sobre as relações de poder pode ser feita no âmbito da educação, posto que essa área foi marcada pelas desigualdades entre mulheres e homens, em movimento a favor do público masculino, atenuando as diferenças entre os sexos. Davis (2016) relata a luta das mulheres negras americanas em acessar a vida escolar, luta traçada também pelo desejo de libertação, contrariando a elite dominante da época que viam na população negra uma incapacidade intelectual, esse pensamento não só permeava as terras estadunidenses, mas como em boa parte do mundo.

No início dos tempos, a escola era um ambiente exclusivo ao público masculino, as mulheres não tinham acesso ao sistema educacional, ou tinham que estudar em locais separados. Mesmo quando atingiam a escola, em muitos casos essa atuação era movida por uma discriminação sexista, que as excluía, contudo acabaram se escolarizando.

[...]penso que podemos concordar que gênero é uma categoria útil para a História da Educação. Uma categoria que, articulada às categorias de raça e classe (pelo menos), pode nos ajudar a propor novas questões, rever antigas formulações, tornar visíveis sujeitos e processos até então ignorados [...] Mas uma categoria que, pensada em sua radicalidade, talvez também ponha em questão muitas de nossas certezas e nos obrigue a revolucionar nosso modo na perspectiva de "fazer" História. (LOURO, 1995, p 109).

A autora chama a atenção para o modo como o ambiente escolar trata a questão de gênero ao analisar tal fenômeno e aponta suas raízes nos primeiros anos de escolarização, Louro (1997) enfatiza que:

É impossível esquecer que uma das primeiras e mais sólidas aprendizagens de uma menina, na escola, consiste em saber que, sempre que a professora disser que “os alunos que acabarem a tarefa podem ir para o recreio”, ela deve se sentir incluída. Mas ela está sendo, efetivamente, incluída ou escondida nessa fala? Provavelmente, é impossível avaliar todas as implicações dessa aprendizagem; mas é razoável afirmar que ela é, quase sempre, muito duradoura. (LOURO, 1997, p. 66)

O trecho leva a reflexão que, culturalmente, o processo de exclusão está contido em nossas atitudes e essas ações refletem, sucessivamente, no ambiente escolar. Tal conduta chama atenção para uma preocupação quanto aos processos formativos dos profissionais que atuam na formação inicial dos sujeitos, visto que eles também sofrem influência de um processo histórico, em que as questões de gênero também se fazem latente. Louro (1997) ainda destaca que:

É muito comum que uma profissional, já adulta, refira a si própria no masculino: “eu como pesquisador...”. Afinal, muitos comentariam, isso é “normal”. Como também

será normal que um/a orador/a, ao dirigir para uma sala repleta de mulheres, empregue o masculino plural no momento em que vislumbrar um homem na platéia (pois essa é a norma, já que aprendemos e internalizamos regras gramaticais que indicam ou exigem o masculino). (LOURO,1997, p. 66)

No Brasil, com a promulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1997, a temática da educação sexual foi contemplada como um tema transversal, ainda de forma tímida, discutir sobre sexualidade passava a ser uma questão social a ser debatida com os educandos. O texto, em seu bojo trazia referência a sexualidade como parte integral da personalidade de cada um, uma necessidade básica, como algo que motiva, que influencia pensamentos e sentimentos. Como direcionamento para as discussões transversais no âmbito educacional o texto ainda aborda como eixo norteador o bloco que fala das relações de gênero,

[...] combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para sua transformação. Desde muito cedo são transmitidos padrões de comportamento diferenciados para homens e mulheres. A flexibilização dos padrões visa a permitir a expressão de potencialidades existentes em cada ser humano e que são dificultadas pelos estereótipos de gênero. (BRASIL,1997, p. 322)

O documento promove assim um estímulo a igualdade de gênero, ao passo que reconhece também essa diferença e a necessidade desse trabalho pedagógico no ambiente escolar. A dimensão social aplicada culturalmente ao sexo masculino colocou a figura do homem como sendo superior ao das mulheres, colocando-as em papéis secundários, oprimidas, submissas, retrato de pura discriminação sexista. Esse contexto foi sustentado durante longos períodos da história, em que a exclusão, a negação de direitos femininos e as relações de poder eram visivelmente percebidos.

As questões de educação e gênero destacaram-se durante a década de 90, a partir de algumas manifestações internacionais, que tinham o intuito de promover reformas nas políticas educacionais, motivadas pelo reconhecimento da educação como estratégia para o desenvolvimento e enfrentamento das desigualdades sociais. Na época, foram realizadas cinco conferências organizadas pela ONU. De acordo com Rosembergue (2001), estes espaços de diálogo e de construção coletiva tinham como estratégia discutir sobre as mulheres, a educação e o desenvolvimento de temáticas importantes que possibilitou iniciativas animadoras para época,

assegurar ou garantir o acesso total, igual ao dos homens, mais amplo e o mais cedo possível de meninas e mulheres à educação em todos os níveis (primário, secundário e superior) de educação, assim como à educação profissional e ao treinamento técnico; – eliminar todos os estereótipos de gênero das práticas, matérias, materiais, currículos e instalações educacionais; – eliminar as barreiras que impedem o acesso

à educação a adolescentes grávidas ou mães jovens. (ROSEMBERGUE, 2001, p. 516)

Estes compromissos de certa forma visavam garantir que as mulheres tivessem reservado o direito a educação em qualquer nível escolar, tendia a desmistificar estereótipos culturais do ambiente machista que colocavam a figura feminina secundária e, por fim, garantir o acesso à educação as jovens mães.

Nessa perspectiva, não se pode esquecer que a concepção de gênero está diretamente ligada aos contextos político, social e cultural, no qual se criam estereótipos de feminilidade e masculinidade. Fagundes (2014) revela que a noção de gênero perpassa uma construção social. Assim,

[a]s ciências sociais e humanas utilizam o conceito de gênero para se referirem à construção social do sexo anatômico, com o claro intuito de distinguir a dimensão biológica da dimensão social que constituem e identificam uma pessoa como mulher ou homem. (FAGUNDES, 2014, p 5)

Scott (1989) destaca que homens e mulheres estão imbricados em relações de poder e faz referência às construções desenvolvidas sobre a terminologia da palavra gênero. A autora enfatiza que esse conceito foi, por vezes, usado com intenção de substituir a terminologia “mulheres”, e que diante desta perspectiva implicaria sempre na ideia de que os estudos sobre as mulheres fazem parte dos estudos do mundo do homem. A autora considera que;

o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. (SCOTT, 1989, p. 7).

Nesta perspectiva, os padrões estabelecidos na sociedade, em relação às questões de gênero, foram cruciais para o estabelecimento da sociedade que se vive hoje, onde as relações de gênero ainda são separatistas, e que, durante muito tempo, atribuiu ao público masculino a ideia de fortaleza e, ao feminino, uma certa fragilidade que intencionalmente desmerecia a mulher. Em diversas áreas esse resquício histórico se fez presente, não só no ambiente familiar, mas em toda sociedade.

Almeida (2010), trabalha a ideia do ser homem ou ser mulher perpassa por uma construção social que é constituída a partir dos padrões que cada sociedade define para o masculino e feminino, que extrapolam as diferenças sexuais, biológicas-genéticas e

organizam valores, normas e privilégios diferenciados. Assim, colocariam ambos os sexos em condições desiguais de sobrevivência. Almeida (2010) reforça ainda que,

Com base na consolidação intermitente desses princípios, sobrevivem ainda hoje em nossa sociedade estereótipos do homem-sexo forte, dominador e ativo, em oposição a mulher o sexo fraco, dominável e passivo, para além de todas as conquistas pessoais. A cada sexo corresponde um modelo de vida que, embora relacionado à noção biológica, a ela transcende para uma construção social e cultural. (ALMEIDA, 2010, p. 17)

Contudo, engana-se quem pensa que as questões separatistas de gênero limitaram as conquistas das mulheres na sociedade. Estas sempre lutaram por seus direitos e vêm em um processo de protagonismo e de reconstrução do seu papel social, por isso é importante salientar e reafirmar o papel dessa nova mulher na sociedade atual.

2.3 A SITUAÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE ATUAL E EMPODERAMENTO

Contextualizar a situação da mulher na sociedade só é possível a partir do momento que conhecemos o histórico da figura feminina ao longo do tempo. É importante analisar a trajetória da mulher não dissociada das relações de gênero, classe e raça, condições essenciais para demarcar as reais condições em que, em especial, as mulheres negras ocupam neste processo. Ribeiro (2016) alerta para que essas categorias não sejam pensadas de forma isolada, mas sim de forma indissociável.

Por isso, pensar o cenário que envolve a mulher na sociedade atual, especialmente sobre a mulher negra, alvo preferencial do desemprego, da violência e da falta de oportunidades. De forma geral, a figura feminina sempre esteve marcada pelo papel de coadjuvante no ambiente familiar, de negação de direitos, de violência e de desigualdade no ambiente de trabalho.

A cartilha Mulheres Transformando a Economia (2015) salienta que:

no mundo em que vivemos não há o reconhecimento do trabalho desenvolvido pelas mulheres na produção da vida (trabalho doméstico e de cuidados), mesmo que ele seja fundamental para toda a humanidade. Em geral, a mulher que cuida da casa e dos filhos é tratada como não trabalhadora - ou apenas dona de casa - e classificada nas estatísticas como economicamente inativa. (MULHERES, 2015, p. 8)

Essa invisibilidade social, enraizada por um processo histórico, foi pauta de lutas de diversos movimentos de mulheres. Empenhadas em construir um processo de reconhecimento, através da luta pela igualdade de direito e de ressignificação do seu papel social, as mulheres não se calaram e nem ficaram alheias as possibilidades de transformação. Para compreensão destas possibilidades e ressignificação de vida, foi necessário trazer um recorte para as significativas mudanças que vem ocorrendo com o papel da mulher na sociedade atual. Falar da mulher na atualidade é valorizar a conquista do seu lugar social no contexto atual e, ainda de forma não tão tímida, a mulher como provedora do lar.

Bourdieu (2011) sinalizava para a compreensão da violência simbólica no convívio de gênero, essa relação de falso poder atribuída ao gênero masculino, reforça que:

A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseada em uma divisão sexual do trabalho de produção e reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os habitus moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes de percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendente. (BOURDIEU, 2011, p. 45)

O reflexo que podemos visualizar hoje é marcado por lutas, por conquistas, por espaços de diálogos e por direitos. A atuação da mulher em diversos campos só foi possível quando muitas redesenharam seu papel social, romperam com a estrutura histórica para virar protagonistas de sua própria caminhada. O que estamos presenciando hoje é uma nova conjuntura, uma nova perspectiva social que permite um outro olhar para o campo de atuação da mulher, deixando aquelas velhas práticas do passado, que traz em seus resquícios a figura feminina apenas para o ambiente familiar, para as atividades domésticas, para trás. Contudo, salientamos que as desigualdades de gênero ainda persistem, a divisão do trabalho ainda penaliza as mulheres seja com relação a diferença salarial ou aos cargos ocupados no ambiente de trabalho.

Partindo desse pressuposto, percebe-se o quanto o presente estudo visa contribuir para esta realidade da mulher na contemporaneidade, em que se faz necessário, cada vez mais, oportunidades e visibilidade dos espaços de transformação, dos ambientes representativos que proporcionem emancipação e autonomia. Não há como falar da mulher atual e não falar sobre o empoderamento feminino que vem através desta emancipação, de autonomia, de consciência crítica do seu papel social. Como analisa Sandenberg (2006) na perspectiva feminista,

[...] o empoderamento de mulheres, é o processo da conquista da autonomia, da autodeterminação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal. (SANDENBERG, 2006, p.2)

A expressão empoderamento feminino, tão presente nos dias atuais, constitui uma perspectiva para mulheres de mudança social. Processo que vem atrelado a uma nova postura perante a sociedade, de rompimento com determinados valores sexistas construídos ao longo do tempo, e que constitui um leque de dimensões sejam elas sociais, políticas, culturais, econômicas e ideológicas.

O bojo deste estudo visa contribuir para a discussão sobre a emancipação feminina pela via do trabalho, ou seja, a partir dos aspectos socioeconômicos, da busca por autonomia através de suas atividades laborais. O conceito de empoderamento a partir do trabalho como viés para sua autonomia e transformação de vida.

A inclusão da mulher no mercado de trabalho configurou uma luta por um processo de transformação perante uma estrutura historicamente excludente na sociedade. Os desafios postos a essa categoria social expressam a necessidade de atenção a este grupo, pois de certo, as mulheres sempre estiveram em uma posição secundária em comparação aos homens, no que diz respeito as relações de trabalho. Contudo, não se pode esquecer que, ao longo da história, as mulheres sempre trabalharam, dedicaram seu tempo aos fazeres do lar, e, durante muito tempo, essa questão foi invisibilizada.

A partir da inclusão das mulheres ao mundo do trabalho no contexto das mulheres, identificam-se as possibilidades de conseguir romper traços de um capitalismo perverso evidenciado pela exclusão social, pelos dos estigmas, pelos dos preconceitos e pela violação de direitos em geral. O contexto deste estudo chama atenção para a atuação das mulheres que trabalham em cooperativas, mulheres que representam uma parcela significativa para a economia e promovem com suas atividades de geração de renda. O perfil apresentado revela a atuação e a participação das mulheres nas atividades coletivas, remetendo a inserção da mulher ao mercado de trabalho, a geração de renda e a sua formação política.

A vivência neste cenário coletivo permite a estas mulheres uma perceptível mudança perante a realidade apresentada. Elas passam a acreditar na sua capacidade e na sua competência para sua inserção na economia e na sociedade, como afirma Rago (2001):

Acredito que as mulheres têm um aporte específico na construção da cultura e da linguagem, aporte marcado pelas diferenças de gênero experimentadas ao longo da própria vida, a partir de determinadas configurações sociais e culturais, e não determinadas por diferenças biológicas de sexo (RAGO, 2001, p. 19).

O contexto acima descreve em sua compreensão que os grupos de mulheres sintonizam com uma emancipação cidadã, que além de proporcioná-las meios de reconhecimento e pertencimento, proporciona a autonomia financeira com a geração de renda que o trabalho lhes oportuniza. O trabalho coletivo permite as mulheres a geração de renda e ganhos e, ainda mais relevante, o resgate da sua identidade, a formação política, o aumento da autoestima, a percepção de mundo e todos os outros aspectos de sobrevivência biopsicossociais, ou seja, em seus aspectos biológico, psicológico, espiritual, social e de emancipação cidadã.

Estudos já revelam o quão é relevante a atuação das mulheres em atividades coletivas pelo Brasil, como mostram os dados do Banco Central em 2015 que demonstram que as mulheres cooperadas no Nordeste é de 45%, no Sul é de 43%, Centro-Oeste de 40% e as regiões Norte e Sudeste com 38% (Banco Central, 2015) Isso revela o quanto tem sido importante a criação de cooperativas no país para o empoderamento das mulheres. Essa relação mostra que as mulheres não só avançaram no mercado de trabalho, como também buscam se unir em grupos para se desenvolverem juntas.

É destaque ainda a questão no que diz respeito a identidade de gênero que, segundo Louro (1996), perpassa pela construção social e histórica do ser feminino ou masculino, ou seja, as características e atitudes atribuídas a cada um deles em cada sociedade. E, atualmente na sociedade brasileira, as mulheres estão tomando espaços, principalmente no que diz respeito ao contexto sociocultural em que vivem. Assim, é possível promover o conceito de espaços de sociabilidade, de compartilhamento de experiências e autonomia, uma nova construção sobre o papel das mulheres na sociedade e a importância da sua participação social. Salienta-se a importância desta temática, principalmente porque estudos sobre mulheres em ambientes coletivos, na perspectiva de geração de renda, são referências escassas.

Partindo desse pressuposto, percebe-se o quanto o presente estudo visa contribuir para essa realidade da mulher na atualidade, em que se faz necessário cada vez mais oportunidades e visibilidade dos espaços de transformação, dos ambientes representativos que proporcionem emancipação e autonomia.

É pensar reflexivamente a realidade de mulheres no contexto atual, em uma lógica que contraria um estigma imposto de exclusão e meandros de uma face capitalista do mercado. Mas, sobretudo a necessidade de conhecermos, principalmente, o processo de transformações, dimensões sociais, econômica, histórica e cultural.

A luz dessa experiência, salienta-se a relevância social deste presente estudo para tornar latente o papel da mulher como protagonista de seu próprio sustento. Configura-se um espaço social de conquista de direitos e igualdade de gênero.

Pesquisar sobre as experiências vivenciadas pelas mulheres nos grupos cooperativos é de grande relevância. Como profissionais das ciências sociais e humanas, é necessário estar atento às demandas e às possibilidades que os processos desta mulher protagonizam sobre sua própria história. O conceito de autonomia, de uma forma transversal, leva a trabalhar com um tema muito latente nos dias atuais, o empoderamento. A terminologia empoderamento é muito usada pelo movimento social, no intuito de promover a conscientização sobre diversos aspectos de dimensão social.

No Brasil, Freire (2001) promoveu uma adaptação da terminologia *Empowerment* que, na língua inglesa, tem o sentido de “dar poder”, acoplado ao português, esse termo vem para disseminar a ideia de que o sujeito é o próprio responsável pela sua transformação, através do empoderamento ele evolui e se fortalece. Freire (2001) atribuiu um sentido especial a essa terminologia, não como algo que ocorre de fora para dentro, mas um processo que ocorre internamente e permite ao sujeito a emancipação, o engajamento, a politização e a consciência do seu papel social como cidadão.

É importante pensar o empoderamento a partir de um processo de conscientização. Assim, Freire (2001) traz a tona o processo de libertação a partir da educação, da libertação dos oprimidos, da busca por conhecimento da realidade, procurando uma visão mais crítica e a não passividade diante de situações postas. Em muitos dos seus escritos, ele fomenta essa ideia de libertação e de transformação pelo intenso processo de conscientização crítica dos sujeitos.

Nesse processo, para Freire (1991, p. 112), “a conscientização é o aprofundamento da tomada de consciência” diz respeito ao homem que, percebendo a noção de mundo, libertando-se do processo de opressão, e desenvolvendo um autoconhecimento, é capaz de promover uma autorreflexão, o que permite uma retomar a consciência.

Nesse contexto, refletindo o empoderamento como um instrumento de emancipação, a autora Joice Berth (2018), em seu livro *O que é empoderamento?*, chama a reflexão de tal terminologia, por este conceito ser empregado de forma despolitizada e descontextualizada da realidade. Segundo a autora, o conceito de empoderamento estaria ligado as lutas emancipatórias, no que tange, não apenas as conquistas individuais, mas imbricariam, nesta perspectiva, as questões de gênero e raça.

Nessa perspectiva, é importante entender que o empoderamento acontece de forma processual e, para que aconteça, faz-se necessário a percepção do sujeito envolvido, um processo de conscientização da sua necessidade de transformação e mudança.

Percebe-se o empoderamento como processo de transformação social, a partir de uma consciência da realidade existente. Esta nova noção de mundo permite a este sujeito uma visão crítica sobre o contexto social ao qual está inserido, tornando-os mais ativo e participativo, com uma melhor compreensão da realidade existente.

Compreendendo que no centro desses estudos estão as mulheres que atuam em cooperativas, é importante salientar que o empoderamento, numa perspectiva feminista, é um tema latente e contemporâneo, ligado às lutas das mulheres por direitos e por espaços mais equitativos. Sarah Mosedale (2005 apud Sandenberg 2006) destaca que:

a) para se “empoderar” alguém ter que ser antes “desempoderado” - ex. as mulheres enquanto um grupo; b) ninguém “empodera” outrem – isto é, trata-se de um ato auto-reflexivo de “empoderar-se”, ou seja, a si própria (pode-se, porém “facilitar” o desencadear desse processo, pode-se criar as condições para tanto); c) empoderamento tem a ver com a questão da construção da autonomia, da capacidade de tomar decisões de peso em relação às nossas vidas, de leva-las a termo e, portanto, de assumir controle sobre nossas vidas; d) empoderamento é um processo, não um simples produto. Não existe um estágio de empoderamento absoluto. As pessoas são empoderadas, ou desempoderadas em relação a outros, ou então, em relação a si próprias anteriormente. (SARAH MOSEDALE, 2005 APUD SANDENBERG, 2006, p.4)

Assim, entendendo o empoderamento como um processo de construção de sua própria autonomia, é possível ter um olhar especial para estas mulheres em cooperativas, pois, a partir do trabalho, permitem a elas vivências, trocas de saberes, de conhecimentos e das disparidades de gênero constantes nestes espaços. Romano (2002) destaca que o empoderamento proporciona romper com o processo de dominação, apontando que,

[...] por meio do empoderamento busca-se conscientemente quebrar, eliminar as relações de dominação, bem como combater a ordem naturalizada ou institucionalizada dessa dominação, seja de ordem pessoal ou grupal, econômica, política, cultural ou social, para assim construir relações e ordens mais justas e igualitárias. (ROMANO, 2002, p. 12)

2.3.1 A economia solidária e o trabalho das mulheres em cooperativas

Este capítulo, para mim, representa um momento singular, pois, a partir de uma experiência profissional, pude ter acesso às algumas mulheres que encontraram na oportunidade de geração de renda uma forma de mudar de vida. Essa experiência, me impulsionou e despertou a curiosidade em conhecer um pouco das histórias de vida dessas mulheres e suas vivências enquanto trabalho cooperado.

A Economia Solidária é uma perspectiva de geração de renda pautada em valores como a autogestão, cooperação, cuidado com o meio ambiente, oferta de serviços, comercialização, finanças ou consumo, baseado na democracia e na cooperação, o que chamamos de autogestão. Ou seja, na Economia Solidária não existe patrão nem empregados, pois todos os/as integrantes do empreendimento (associação, cooperativa ou grupo) são, ao mesmo tempo, trabalhadores e donos. É um movimento social que luta pela mudança da sociedade, por uma forma diferente de desenvolvimento, que não seja baseado no modelo capitalista, mas em um desenvolvimento voltado para as pessoas, construída pela população a partir dos valores da solidariedade, da democracia, da cooperação, da preservação ambiental e dos direitos humanos.

Considerando que a Economia Solidária baseia-se em lógicas distintas do capitalismo, contribuindo para a articulação de redes, possibilitando as trocas de saberes e de experiências. Para Singer (2005) a temática deve ser observada como uma prática pedagógica,

A Economia Solidária é um ato pedagógico em si mesmo, na medida em que propõe nova prática social e um entendimento novo desta prática. A única maneira de aprender a construir a Economia Solidária é praticando-a. Mas, seus valores fundamentais precedem sua prática. (SINGER 2005, p. 9)

Nesse contexto de práticas sociais, diversos grupos, chamados de empreendimentos econômicos solidários, que atuam no país em uma lógica que difere do capitalismo e que tentam vencer as amarras de um sistema estruturado, vêm crescendo no país, impulsionados por crises sociais oriundas do capital. Assim, Souza (2011, p. 173 -174) apresenta o conceito de economia Solidária como “um termo que vem sendo empregado para designar e identificar politicamente uma variedade de iniciativas coletivistas de produção, comércio, consumo, poupança e crédito balizadas por princípios idealmente igualitários e democráticos”.

Algumas dessas iniciativas coletivas atuam de acordo com os princípios de cooperativismo em que se estabelecem uma lógica de produção voltada para a igualdade,

autonomia e democracia participativa, onde se preza pela organização e valorização do trabalhador. Culti (2002) conceitua o cooperativismo como sendo:

[...]sistema de cooperação que aparece historicamente junto com o capitalismo, mas é reconhecido como um sistema mais adequado, participativo, democrático e mais justo para atender às necessidades e os interesses específicos dos trabalhadores, além do que, propicia o desenvolvimento integral do indivíduo por meio coletivo.(CULTI, 2002, p. 6).

As cooperativas de produção são uma realidade em todo Brasil, destaca-se que muitas delas são constituídas por mulheres. Segundo dados do portal rede de cooperativismo, o censo de cooperados de fevereiro de 2016 mostram que 41% do universo é composto por mulheres, o que corresponde a pouco mais de 2,8 milhões de um total de cerca de 7 milhões de associados.

Esses dados revelam o quanto fundamental é o trabalho dessas mulheres nas cooperativas, agrega-se a esse fator a possibilidade de independência financeira, de desenvolvimento profissional, de aumento de autoestima e de qualidade de vida. Por esse contexto, o foco deste estudo se dá a partir do olhar dessas mulheres em cooperativas, uma parcela relevante da população que atua no mercado informal.

3 A EDUCAÇÃO SOCIAL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE ADULTOS E SUA EXPRESSÃO NA QUESTÃO DO EMPODERAMENTO DAS MULHERES COOPERADAS

Este capítulo apresenta o conceito de Educação Social, a partir da visão de diversos autores, bem como enfatiza o arcabouço teórico do processo de construção do histórico da EJA para o contexto do estudo. Posteriormente, é realizado um diálogo entre as duas vertentes: Educação Social e EJA no intuito de traçar um paralelo sobre as temáticas e de poder compreender a importância da educação, o processo de escolarização e como as atividades formativas impactaram na vida das cooperadas a partir das suas narrativas.

3.1 AFINAL, O QUE É EDUCAÇÃO SOCIAL?

Compreender a pluralidade que envolve a palavra Educação permite conhecer a diversidade de possibilidades, em que as ações e práticas educativas podem estar presentes, seja no ambiente escolar, seja em outros espaços que primem por uma mudança social. Enveredar pela conceituação da terminologia da Educação Social é um convite para esse novo olhar, de como vem sendo trabalhada as questões sociais nos diversos espaços.

A Educação Social pode ser entendida como a prática da área de conhecimento da Pedagogia Social, engloba as práticas educativas que acontecem fora do ambiente escolar e surge, inicialmente, com intuito de abarcar os grupos mais vulneráveis. Ainda como um conceito em discussão, está ligada ao desenvolvimento humano dos indivíduos, às questões sociais, à prática de educação para liberdade no ambiente onde estes sujeitos estão inseridos, refere-se a uma proposta de intervenção social que dialoga em articulação com a sociedade. Como nos relata Pereira(2013),

a educação social se define como uma prática educativa que busca a integração dos diversos indivíduos e grupos marginalizados, lutando para que estes sejam considerados como sujeitos de direitos; portanto, uma educação que está concomitantemente, dentro e fora dos muros da escola, que pertence tanto ao campo das práticas pedagógicas formais, como não formais, sem deixar de sensibilizar-se pelas informais. Concebemos que essa educação é o campo onde as práticas se fazem presentes e a pedagogia social, como ciência dessas práticas, busca estudá-las,

ao mesmo tempo, fornece-lhes possibilidades didáticas para sua concretização. (PEREIRA, 2013, p. 2)

Na tentativa de formação de conceito inicial, Trilla (1996) destaca três possíveis definições para a terminologia, a primeira estaria associada a um conceito em que o adjetivo “social” se refere a um objetivo da educação, o desenvolvimento social da pessoa, partindo para as dimensões da personalidade dos indivíduos, o que se conhece como psicologia social. Uma outra vertente estaria ligada aos indivíduos que se encontram em risco social, tangenciando com questões e com os problemas sociais dos indivíduos; e, por fim, a Educação Social como uma educação não formal, ligado aos agentes que se encontram nos contextos sociais. Embora existam essas três vertentes para o campo desta educação, o importante é destacar que as três se entrelaçam, pois, falam sobre o sujeito em desenvolvimento, enveredado em contextos de vulnerabilidades sociais e pertencentes a grupos sociais.

Paiva (2011) apresenta uma conceituação da Educação Social de forma ampla, atendendo àqueles que querem participar destes processos formativos. Assim, discorre que

Educação Social como uma prática da Pedagogia Social que está além da informação, porque acredita no ser humano como ser incompleto e que está sempre sendo, um ser inacabado em constante desenvolvimento, por isso não limitamos a Educação Social às classes sociais ou à criança, tão pouco aos chamados “excluídos” pela sociedade. A Educação Social é para todos, e está presente durante toda vida neste ser sensível, perceptível, capaz de transcender em seu meio social que se chama humano-e-ensinar, a educação social fala do desenvolvimento humano do ser. (PAIVA, 2011, p. 41).

Paiva (2011), de forma simples e humana, contemplou neste trecho um sentido muito especial para a Educação Social, de uma educação para todos. De forma sensível, ela abarcou o sentido que se propõe este estudo, uma educação trabalhada para além do ambiente escolar, em espaços que possam trabalhar o desenvolvimento humano. A autora, ainda nesta perspectiva, completa que “é como se a Educação Social seguisse por uma trilha alternativa enquanto a Educação escolar por um caminho asfaltado, não menos complexo” (Paiva, 2011, p. 43).

Machado (2010) também acredita que a Educação Social acontece a partir de práticas educativas, ocorrendo em diversos espaços, sem ter necessariamente um currículo pré-estabelecido, o que a diferencia do ambiente escolar. Segundo Machado (2010, p.44), o intuito não é de transmitir conteúdo, e sim o exercício de temáticas que fomente a “construção de

conhecimento, a transformação da realidade e a emancipação através da conscientização crítica dos fatos do cotidiano”, podendo assim alcançar os objetivos das práticas educativas.

Entender o universo que compõe a Educação Social, nos remetem a destacar que o papel da Pedagogia Social como ciência prática da educação, não cabe apenas a discussão no campo teórico, este bojo, engloba também práticas pedagógicas que possibilitem ações transformadoras de realidade. Como ciência, a Pedagogia Social viabiliza a sistematização do conhecimento obtidos através da práxis socioeducativa como revela Caliman (2011):

É uma ciência, porque tende a colocar ordem, sistematizar os conhecimentos obtidos no cotidiano da práxis socioeducativa. Transforma fatos e ocorrências em conhecimento organizado. E, para fazer isso de modo adequado e correto, emprega métodos de pesquisa adequados e consolidados, utilizados pelas outras ciências humanas, tais como a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia. Os métodos são procedimentos padrão que, adequadamente aplicados, servem para explicar, compreender e interpretar a realidade que se apresenta complexa e cheia de problemas. (CALIMAN, 2011, p. 246)

Por ser uma ciência, a Pedagogia Social dialoga com as questões sociais, provoca uma reflexão do cotidiano, das problemáticas que acometem os sujeitos ou grupos envolvidos em determinados processos. Assim, a Educação Social, como uma vertente desta ciência, vem sendo construída de forma prática. É notório que abarque interferência de diversas áreas, tornando assim um ambiente multidisciplinar.

Machado (2011), numa perspectiva de tratar os precedentes que envolvem as bases científicas da Pedagogia Social, destaca três tendências dominantes: a empírico analítica, a hermenêutica - simbólica e a sociocrítica, estas agregam diferentes concepções e características cognitivas e sociais. Estas três concepções clássicas revelam a flexibilidade presente na área e a contribuição de diversos campos que pudessem oferecer uma melhor compreensão da Educação Social e da participação dos sujeitos nesta ação. A autora destaca que:

[...] a tendência empírico analítica visa transformar a sociedade pela aquisição e domínio de conhecimento;[...]já na tendência interpretativa, o processo de produção do conhecimento ocorre por intermédio de pesquisa etnográfica com base na sociologia interacionista, da hermenêutica e da fenomenologia;[...] na tendência crítico social, fundamentada na sociologia crítica, na teoria da comunicação e na linguística, a produção de conhecimento se dá por meio da pesquisa social crítica, em que o pesquisador se compromete e participa de estudo de contextos pessoais e sociais. (MACHADO, 2011, p. 267).

As tendências abordadas constituem um alicerce para o desenvolvimento no âmbito da educação social, visto que envolve o domínio de conhecimentos sem o qual não haveria o compartilhamento com os indivíduos, enfatiza as relações interpessoais, proporcionando um processo interacional e de construção mútua e, por fim, emancipação social dos sujeitos.

A partir destas conceituações uma questão se impõe: que referencial a educação social se ampara para defender uma educação emancipadora? Os autores como Pereira (2013), Paiva (2011), Ribas Machado (2010), dentre outros afirmam que é em Paulo Freire que essa educação é amparada. É neste contexto que se destacam todo legado, deixado por Freire, de uma educação voltada para a transformação, da perspectiva de mudança de realidade e de práticas formativas libertadoras.

Assim, destacam-se a importância da Educação Social e o seu papel de intervenção, a partir de práticas transformadoras. É nesta perspectiva que esta educação busca, a partir de ações integradoras, visar a concepção crítica da realidade ao qual estes sujeitos, em situação de vulnerabilidade social, estão inseridos. Vulnerabilidade marcada pela distinção de gênero nas relações de trabalho, de classe social na questão raça, pois todas as participantes desta pesquisa são mulheres negras e residentes de bairros periféricos, onde o alto índice de violência se faz presente, bem como, questões relacionada à dupla jornada em cuidar dos filhos, em que muitas assumem papéis de pai e mãe. Dessa forma, é possível trabalhar questões que norteiam os grupos sociais, problematizando e promovendo a politização, fomentando, assim, a emancipação social a partir da educação, na medida em que se proporciona troca de saberes, de conhecimento de direitos, de valorização de sua condição de mulher protagonista de suas próprias histórias.

Diante desse cenário, reforça-se a importância das atividades educativas junto a estes grupos sociais, aqui neste trabalho, representado por mulheres pertencentes a cooperativas no âmbito da Economia Solidária, para a possibilidade de transformação social, a partir das práticas formativas. Ressalta-se, ainda, que diante das inúmeras possibilidades que a educação social apresenta e de sua variação de campo de trabalho, focaliza-se, no discorrer deste texto, as práticas realizadas para além dos muros das escolas. Àquelas que acontecem na educação de adultos.

Para este trabalho, enveredar-se-á pelo caminho da Educação Social, abordado por Trilla (1996), da educação não-formal, praticada com os grupos de economia solidária. O que permite desenvolvimento humano, consciência crítica, formação política e a formação cidadã.

3.2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Para discorrermos sobre esta parte do capítulo, faz-se necessário retomar a importância da Educação Social e a Educação de Jovens e Adultos. A relevância dessa relação ocorre na medida que é oferecido aos sujeitos desta modalidade de ensino uma educação mais problematizadora, mais próxima de sua realidade, entendendo este sujeito de forma diferente, com necessidade específica e com outras motivações particulares para o espaço escolar. Nesse sentido, a Educação Social permite a ressignificação da escola, na medida que este sujeito de direitos tem a possibilidade de trabalhar com práticas formais e não-formais importantes para seu novo olhar sobre as questões sociais que o cerca, assim, aproximar as duas temáticas se faz necessário pela pluralidade que envolve a educação.

A História de Educação de Jovens e Adultos nos revela um amplo contexto histórico da luta pela Educação, desde o período colonial, ao duro e difícil ambiente da ditadura, aos diversos movimentos que lutaram por uma educação digna e de qualidade. Nessa perspectiva, a abordagem deste capítulo vem apresentar a Educação de Adultos não como uma visão tradicional da reposição de estudos via escolarização, nem como uma forma redutora, trabalhará-se-á com uma lógica de educação para a vida.

De certo, inicialmente necessitamos contextualizar essa modalidade de educação que sempre foi vista como uma ação compensatória, não estimulante, estereotipada e excludente, Como nos apresenta Di Pierro (2005),

Frente ao mundo inter - relacionado, desigual e inseguro do presente, o novo paradigma da educação de jovens e adultos sugere que a aprendizagem ao longo da vida não só é um fator de desenvolvimento pessoal e um direito de cidadania (e, portanto, uma responsabilidade coletiva), mas também uma condição de participação dos indivíduos na construção de sociedades mais tolerantes, solidárias, justas, democráticas, pacíficas, prósperas e sustentáveis .A educação capaz de responder a esse desafio não é aquela voltada para as carências e o passado (tal qual a tradição do ensino supletivo), mas aquela que, reconhecendo nos jovens e adultos sujeitos plenos de direito e de cultura, pergunta quais são suas necessidades de aprendizagem no presente, para que possam transformá-lo coletivamente. (DI PIERRO, 2005, p.1119-1120)

No período colonial, as ações educativas para jovens e adultos já aconteciam por intermédio dos religiosos da época, que transmitiam aos alunos não só informações contidas no evangelho, mas também normas de boa conduta e um ofício para que pudessem participar da economia colonial. Estes missionários atendiam aos índios e posteriormente negros.

Contudo, em 1759, os jesuítas foram expulsos do Brasil, pois, já estavam criando uma certa independência do Estado.

No período imperial, marcado pela garantia de escolarização de todos e de uma educação de qualidade, movida pelo aspecto legal de 1824, mas que na prática não condizia com o que trazia a fonte teórica. Neste momento, só tinha direito a uma educação de qualidade aquela pequena parcela da população, assim excluía-se desse mote os negros, os indígenas e as mulheres. Outro fator é que o documento delegava as províncias a responsabilidade da educação básica, assim favorecendo de forma lateral um pequeno grupo. Assim, Haddad; Di Pierro (2000) relata que:

O pouco que foi realizado deveu-se aos esforços de algumas Províncias, tanto no ensino de jovens e adultos como na educação das crianças e adolescentes. Neste último caso, chegaríamos em 1890 com o sistema de ensino atendendo apenas 250 mil crianças, em uma população total estimada em 14 milhões. Ao final do Império, 82% da população com idade superior a cinco anos era analfabeta. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 109)

Já no período da república, destaca-se o que traz a constituição de 1891, que como marco legal vem delegando atribuições as províncias e aos municípios pelo ensino público básico. Para a união foi reservado apenas o papel de animador desse processo, só ficando responsável pelo ensino secundário e superior, promovendo ainda assim a manutenção de uma educação para elites, excludente, que não abarcava a classe mais necessitada. Haddad; Di Pierro (2000) comenta que este período:

A nova Constituição republicana estabeleceu também a exclusão dos adultos analfabetos da participação pelo voto, isto em um momento em que a maioria da população adulta era iletrada. Apesar do descompromisso da União em relação ao ensino elementar, o período da Primeira República se caracterizou pela grande quantidade de reformas educacionais que, de alguma maneira, procuraram um princípio de normatização e preocuparam-se com o estado precário do ensino básico. Porém, tais preocupações pouco efeito prático produziram, uma vez que não havia dotação orçamentária que pudesse garantir que as propostas legais resultassem numa ação eficaz. O censo de 1920, realizado 30 anos após o estabelecimento da República no país, indicou que 72% da população acima de cinco anos permanecia analfabeta. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 109).

.Diante desse contexto, destaca-se que neste momento ainda não se percebe nenhuma política voltada para a EJA, que pense uma educação direcionada, ou políticas públicas que contemplem esta categoria educacional. Com a chegada da era Vargas consegue-se perceber alguns pontos relevantes para educação, como a criação da LDB e o processo de inovações no campo educacional. A proposta era desenvolver um novo modelo que pensasse a educação voltada para preparar os trabalhadores, a fim de atender a economia brasileira, atrelado ao

processo de popularização da escola. Paiva (1987) revela que tal qual o momento político da época, a educação também sofreu algumas transformações, autora sinaliza que:

Vargas incluía em seu programa de “reconstrução nacional” a ‘difusão do ensino intensiva do ensino público, principalmente técnico-profissional, estabelecendo para isso um sistema de estímulos e colaboração direta com os Estados”, conforme os termos da plataforma da Aliança Liberal. Com efeito, o governo torna a iniciativa de construção dos Liceus Industriais nos Estados, reforma o ensino comercial e industrial. (PAIVA, 1987, p.113).

Apesar do cenário de transformações na área de educação, a maioria das ações ainda eram voltadas para o quantitativo no que diz respeito à instituição popular. O período político também foi marcado pela expansão da educação no campo, da educação técnico profissional, foi a era marcada pelo entusiasmo, pela educação, e ali crescia a perspectiva de uma educação popular gratuita e universal, que atendesse as camadas populares.

Para Paiva (1987), é nesse mote, que a educação de adultos começa a ser vista como parte integrante da Educação Popular, visto que as escolas, em seu sistema regular, atribuíam o curso noturno aos adultos. Contudo, passou a ser visto como alfabetização, pois as pessoas que eram atendidas estavam no período de distorção idade série.

Diante deste contexto, foi possível verificar, após a revolução de 30, alguns movimentos significativos em prol da educação de adultos, mas só em 1940 é que as primeiras iniciativas começam a tomar fôlego no cenário nacional, quando é criado o Fundo Nacional de Ensino Primário- FNEP. O intuito era que o fundo criasse um sistema de ampliação da educação primária que contemplasse o ensino supletivo para adultos e adolescente. Este movimento veio crescendo e ganhando força em paralelo aos ideais deixados ao final da segunda guerra mundial, onde se chamava a atenção para as desigualdades sociais e o dever de investimento na educação, principalmente, na educação de adultos.

Da invisibilidade aos primeiros passos, a Educação de Adultos foi concebida como uma extensão da escola formal. Nos anos 50, tendências significativas apareceram neste cenário por uma educação libertadora, como forma de conscientização como destaca Gadotti (2008),

Na década de 50, a educação de adultos era entendida principalmente como educação de base, como desenvolvimento comunitário. No final dos anos 50 duas são as tendências significativas na educação de adultos: a da educação de adultos entendida como educação libertadora, como conscientização(Paulo Freire) e a educação de adultos entendida como educação funcional (profissional), isto é, o treinamento de mão de obra mais produtiva, útil ao projeto de desenvolvimento nacional dependente. (GADOTTI, 2008, p. 35).

Esse cunho mais populista de uma educação mais humana e voltada para o povo configurou o que alguns chamaram de período das luzes para a Educação de Adultos. Os anos de 60 e 64 foi marcado por eventos que se preocupavam com a requalificação da Educação de Jovens e Adultos. No Rio de Janeiro foi realizado o II Congresso Nacional de Educação de Adultos, onde a premissa maior era redefinir as características específicas e um espaço próprio para essa modalidade de ensino. O evento contou com a participação do Professor Paulo Freire que desencadeou a ideia de um programa permanente de enfrentamento da alfabetização, surgindo aí o Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, que acabou sendo extinto pelo Golpe de Estado de 1964.

O que se viu neste período foi a ruptura do movimento de educação, desmantelamento das políticas públicas, a repressão das iniciativas de cultura popular, de um governo repressor e autoritário, tão latente nos dias atuais. Durante este período, houve um retalhamento da educação de adultos que para que esta ideia continua-se viva, precisou se camuflar com o nome de educação popular, visto a negativa do estado aos direitos destinados a esta modalidade de ensino.

Sobre o olhar quase clandestino, a Educação Popular ia tomando forma e se constituindo como uma prática educativa e de reafirmação dos interesses populares em relação à educação de jovens e Adultos. Freire (2008) observa que na medida em que a Educação de Adultos fosse difundida a partir da Educação Popular, tornaria um conceito mais abrangente.

Contudo, o Estado precisava viabilizar uma nova estratégia para dialogar com as camadas mais populares, tentar reverter uma imagem já desgastada pelo período do golpe militar, visto que se fazia necessário minimizar a dicotomia dos baixos níveis de escolaridade da população com a proposta de um grande país, como os militares propunham-se construir. Neste sentido, nasce o Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL, em 1967, para Gadotti (2008) este movimento foi concebido como um sistema que visava basicamente o controle da população (sobretudo rural).

Os autores Haddad; Di Pierro (2000) definem as três características básicas do movimento,

A primeira delas foi o paralelismo em relação aos demais programas de educação. Seus recursos financeiros também independiam de verbas orçamentárias. A segunda característica foi a organização operacional descentralizada, através de Comissões Municipais espalhadas por quase todos os municípios brasileiros, e que se

encarregaram de executar a campanha nas comunidades, promovendo-as, recrutando analfabetos, providenciando salas de aula, professores e monitores. Eram formadas pelos chamados “representantes” das comunidades, os setores sociais da municipalidade mais identificados com a estrutura do governo autoritário: as associações voluntárias de serviços, empresários e parte dos membros do clero. A terceira característica era a centralização de direção do processo educativo, através da Gerência Pedagógica do MOBREAL Central, encarregada da organização, da programação, da execução e da avaliação do processo educativo, como também do treinamento de pessoal para todas as fases, de acordo com as diretrizes que eram estabelecidas pela Secretaria Executiva. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p.115).

Assim, essas três características criavam um cenário favorável ao governo, centralizar as ações. O objetivo era o controle político e a descentralização das bases conservadoras. Para a época, este movimento era considerado como de grande relevância para a população analfabeta adulta, pois trazia como objetivo erradicar o analfabetismo, possibilitar inserção dos analfabetos na sociedade e prover medidas que desse oportunidade através da educação.

Contudo, com as constantes modificações e interferências nos objetivos iniciais do programa, precarizaram as ações.

Paiva (1987) destaca que o MOBREAL tinha intenções políticas e ideológicas bastante nítidas, o que era expresso na urgência da sua execução, na forma improvisada com que foi lançada, sem planejamento de continuação das atividades educativas para os neo-alfabetizados e uma preocupação em seu impacto sobre a opinião pública. A autora relata ainda que:

Nesse sentido o Mobreal caracterizou-se inicialmente como campanha de alfabetização, atingindo cerca de 500.000 alunos nos seus primeiros 4 meses de funcionamento. Em seguida, a experiência mostrava a necessidade de imprimir maior profundidade ao trabalho educativo e a urgência de oferecer cursos de continuação. (PAIVA, 1987, p. 297).

A partir deste momento, o ensino supletivo ganhava vez, marcado por uma estratégia de uma nova concepção de escola, de contribuir com o sujeito para sua vida profissional e o desenvolvimento do país. Essa perspectiva vem a tona com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de número 5.692 de 11 de agosto de 1971 que tinha o intuito de suprir a escolarização e promover uma educação continuada Segundo Haddad; Di Pierro (2000),

A Lei atenderia ao duplo objetivo de recuperar o atraso dos que não puderam realizar a sua escolarização na época adequada, complementando o “êxito empolgante do MOBREAL que vinha rápida e drasticamente vencendo o analfabetismo no Brasil”, e germinar “a educação do futuro, essa educação dominada pelos meios de comunicação, em que a escola será principalmente um centro de comunidade para sistematização de conhecimentos, antes que para sua transmissão”. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p.116).

Durante esse período, houve um forte investimento no ensino supletivo para jovens e adultos, que passou a ser reconhecido como um direito de cidadania. Para tanto, essa estratégia estava a contento do que se esperava desta modalidade de ensino. Na época também foram implantados os Centros de Estudos Supletivos - CES, que se organizaram em função do tempo, do custo e, principalmente, da efetividade. Neste momento, foi promovida uma reforma no ensino de alfabetização através de assistência técnica e cooperações financeiras.

A década de 80 vem marcada por uma proposta de redemocratização, momento de investir em uma política mais democrática, uma educação mais comunitária que propusessem uma postura mais crítica com relação à alfabetização. Nesse contexto, o MOBRAL passou por alterações, principalmente, nas áreas de educação, cultura, saúde, nutrição, saneamento, treinamento profissional, lazer, ecologia e previdência social. Esse ambiente ainda possuía milhões de jovens e adultos analfabetos, era preciso mudar. Em 1985, foi criada a Fundação Educar e o MOBRAL, extinto.

A Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos – Educar nasce numa nova roupagem do MOBRAL com intuito de solucionar os problemas do ensino básico, com o objetivo de fomentar a execução de programas de alfabetização e educação básica, destinados aos que não tiveram acesso à escola ou que dela foram excluídos prematuramente. Além disso, conforme Niskier (1989), esta fundação, promovia o acesso a metodologias alternativas e mais modernas, requalificando o corpo docente, dignificando a sua formação, reforçando as estruturas municipais, resgatando a sua função educativa e valorizando o magistério.

Diante deste cenário Gadotti (2008) chama atenção para a implantação desta nova orientação do governo, definida pelo referido autor como “Nova República”,

[...]com a “redemocratização”(1985), a “Nova República”, sem consultar os seus 300 mil educadores extingue o MOBRAL e cria a Fundação Educar, com objetivos mais democráticos, mas sem o recursos de que o MOBRAL dispunha. A educação de jovens e Adultos foi, assim, enterrada pela “Nova República” e o auto-denominado “Brasil Novo”(1990) do primeiro presidente eleito depois de 1961, criou o PNAC (Plano Nacional de Alfabetização e Cidadania), apresentado com grande pompa publicitária em 1990 e extinto no ano seguinte sem qualquer explicação a sociedade civil que o havia apoiado. (GADOTTI, 2008, p. 36)

A Nova República foi marcada por um novo cenário para educação de jovens e adultos, de ruptura ao regime autoritário anteriormente vivido no período militar e a extinção do MOBRAL. A substituição desse programa pela Fundação Educar fez com que a instituição assumisse, de acordo com Haddad; Di Pierro (2000), a responsabilidade de articular, em conjunto, o subsistema de ensino supletivo, a política nacional de educação de jovens e

adultos, cabendo-lhe fomentar o atendimento nas séries iniciais do ensino de 1º grau, promover a formação e o aperfeiçoamento dos educadores, produzir material didático, supervisionar e avaliar as atividades.

A Fundação Educar é extinta em 1990, com intuito de enxugar a máquina pública, além disto ainda foi suprimida a doação voluntária de 2% das Pessoas jurídicas, ação que servia como fundo para o programa. Essa iniciativa prejudicou diversas ações educativas na época, pois, todos foram pegos de surpresa com tal medida.

Os anos subsequentes a 1990 também foram marcados por importantes iniciativas para a Educação de Jovens e Adultos, nesse período percebe-se um crescente envolvimento internacional com a EJA por meio das Conferências Internacionais para Educação de Adultos – CONFINTEAS, que tinham como objetivo reconhecer a importância dessa modalidade de ensino e traçar estratégias para seus diversos campos de execução com qualidade. Surgem também os Fóruns Estaduais de EJA, com intuito de discutir e fazer o controle social para efetivação das políticas públicas, diagnosticando ações e atividades necessárias a educação. Todas essas manifestações desencadearam posteriormente os Encontros Nacionais de Educação de Jovens e Adultos - ENEJAS, que tinha como principal finalidade promover mudanças na política e fazer com que o direito a educação fosse contemplado.

Contudo, Haddad; Di Pierro (2000) alertam para o fato de que a política pública nos anos 90 também abarcou alguns programas que tiveram foco na Educação de Jovens e Adultos como o Programa Alfabetização Solidária (PAS), com o objetivo de desencadear um movimento de solidariedade nacional para reduzir as disparidades regionais e os índices de analfabetismo significativamente até o final do século. Assim, consistia em um programa de alfabetização inicial com apenas cinco meses de duração, destinado prioritariamente ao público juvenil e aos municípios e periferias urbanas, onde se encontram os índices mais elevados de analfabetismo do país.

Um outro programa citado pelos autores Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), visava introduzir uma proposta de política pública de educação de jovens e adultos no meio rural no âmbito das ações governamentais da reforma agrária. O Plano Nacional de Formação do Trabalhador (PLANFOR) foi pensado como formação requerido pelo mercado de trabalho que, ao lado das competências técnicas específicas e habilidades de gestão, compreende a educação básica dos trabalhadores, motivo pelo qual comportam iniciativas destinadas à elevação da escolaridade de jovens e adultos do campo e

da cidade. Haddad; Di Pierro (2000) ainda reforçam que este programa era operado descentralizadamente por uma rede heterogênea de parceiros públicos e privados de formação profissional, composta por secretarias de educação e outros órgãos públicos estaduais e municipais, instituições do “Sistema S”, organizações não governamentais, sindicatos patronais e de trabalhadores, escolas de empresas e fundações, universidades e institutos de pesquisa.

As políticas educacionais dos anos 90, porém, foram delineando uma transição na direção do esvaziamento do direito social à educação básica em qualquer idade, ao qual correspondeu um movimento da fronteira que delimita as responsabilidades do Estado e da sociedade na provisão dos serviços de educação de jovens e adultos. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 127).

Neste contexto, vale ressaltar que tanto as décadas de 1990 a 2000, a educação de jovens e adultos tinha uma concepção, concebida pela UNESCO, de Educação ao Longo da Vida, uma educação voltada para um futuro viável. A sexta e última CONFINTEA realizada em 2009, manteve esse propósito, de uma educação voltada para inclusão social, para o conhecimento, em um propósito de construção social baseada em uma sociedade mais igualitária.

Ventura (2017, p. 60) destaca que em 2015 foi realizado um Seminário Internacional sobre Educação ao Longo da Vida – CONFINTEA BRASIL + 6, em que os discursos afirmavam ser “mais inclusiva e equitativa, inclui entre os objetivos da Educação de Jovens e Adultos a capacidade de adaptações e transformações socioeconômicas”. Reiteravam de forma evasiva sobre tal conceito, que nada mais era do que uma educação produtivista, voltada para o atendimento do capital.

Historicamente, a educação de jovens e Adultos nunca ocorreu de forma humanizada, os sujeitos desta modalidade de ensino, sempre tiveram uma educação a quem dos seus direitos. Uma fragilidade política e pedagógica que sempre colocou estes sujeitos às margens do processo educacional.

De fato, o que percebemos atualmente no campo da EJA é a negação de direitos e o desmonte dessa modalidade de ensino. O cenário é composto pelo fechamento das escolas noturnas, de evasão escolar, da prática de uma educação ainda compensatória, voltada para o capital e que não atende o público destinado, muito longe de ser o espaço de direitos tão referenciado por Arroyo (2005).

Esta contextualização do histórico da EJA foi fundamental para o decorrer deste trabalho, para que se pudesse traçar uma linha que justifique o foco deste estudo. Para o

estreitamento dos conceitos da Educação de Jovens e Adulto e sua aproximação viável com a Educação Social no contexto das mulheres que atuam em cooperativas. Assim, na relação dialética com a EJA, a educação Social pode “contribui para recuperar o sentido de pertencimento do sujeito – jovem e adulto – nas suas relações mais amplas com a comunidade, percebendo seu potencial de transformação.” (STRECK; SANTOS, 2011, p. 34).

3.3 A RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO SOCIAL E EDUCAÇÃO DE ADULTOS

Entrelaçar os conceitos que envolvem a relação da Educação Social e a Educação de Adultos é mergulhar na infinidade de possibilidades que a educação apresenta. A partir de uma visão transversal, pode-se constatar o papel da educação social atuando como forma de uma educação não-formal, mas exercitando, de forma não convencional, o conceito de educação.

Como já dito anteriormente, mergulhar-se-á pelo contexto da educação Social, no qual os processos não formativos de aprendizagem se fazem presente. Para contextualizar essa parte do capítulo, recorreu-se a Streck e Santos (2011) que traçam um paralelo entre a Pedagogia Social e a Educação de Adultos. Na oportunidade, os autores destacam como possível e viável o entrelaçamento dos contextos, vistos que essa possibilidade acontece a partir da função social que a educação desempenha.

a EJA, inspirada na Educação Popular ocupa um lugar de posicionamento político de mudança e libertação, explicitamente assumido. No entanto, a complexidade social traz exigências que desafiam as práticas educativas sob o ponto de vista do enfrentamento das desigualdades e dos sofrimentos por ela infligidos à população.(STRECK; SANTOS, 2011, p. 30).

Diante dessa proposta é que se insere o papel da Pedagogia Social como uma proposta de intervenção, como ciência aplicada. Como já discutido anteriormente, não cabendo apenas a discussão no campo teórico, este bojo engloba, também, práticas pedagógicas que possibilitem ações transformadoras de realidade, viabilizando a sistematização dos conhecimentos obtidos através das práxis socioeducativa. Streck e Santos (2011, p. 30) afirmam que “a Pedagogia Social pode ser inserida nessa discussão para contribuir para a elaboração de suportes teóricos e metodológicos de intervenção no campo da educação geral e, especialmente, no campo da Educação de Jovens e Adultos”.

Assim, entendendo a pluralidade do campo educação e do seu papel social, no qual se destacam os processos formativos, é importante pensar a Educação de Adultos para além de um processo compensatório, mas sim, promover uma educação libertadora e cidadã. Seja em ambientes formais ou não, a possível inter-relação entre a Educação Social- ES e a EJA se faz real e necessária.

Pereira (2015), em um dos textos sobre a relação entre Educação Social e a Educação de Jovens Adultos, problematiza essa relação a partir dos sujeitos em situação de vulnerabilidade e desfilamento social, bem como de uma pedagogia crítica que trabalhe pelo viés dessas situações vividas pelos sujeitos na condição de provocar uma conscientização crítica e mudança de vida. O autor revela,

não temos dúvida de que o estabelecimento da relação dialética entre a ES e a EJA deve se dá na perspectiva da pedagogia problematizadora de fundamento freireano entendo que não é a aplicabilidade desse pressuposto, mas na sua ressignificação a partir das necessidades dos sujeitos e contextos sociais conflitantes. (PEREIRA, 2015, p. 31973) .

O autor chama atenção para a problematização da ES e EJA, visto que é importante que se tornem latentes as questões pertinentes para que tal relação possa ser viável. Questões norteadoras que provoquem nos sujeitos a reflexão crítica de sua realidade, a possibilidade para compreender seu entorno e sua trajetória de vida, exemplifica com argumentos válidos,

[...] qual o contexto conflitante provocador das vulnerabilidades e desfilamentos? Que leituras desse mundo serão desveladoras da realidade para esses sujeitos em processo educativo? Que noção de sujeito histórico, econômico e social será referenciado? Que técnicas e métodos pedagógicos melhores se aplicam para entender e mudar essa realidade? (PEREIRA, 2015, p. 3197).

Através destas indagações aos sujeitos, é possível viabilizar um trabalho com temáticas que possam desenvolver uma sensação de pertencimento e de mudança de vida. Assim, é possível construir métodos pedagógicos que atentem para grupos que compartilham necessidades específicas, buscando restabelecer os vínculos sociais oriundos de uma educação socializadora.

É importante salientar que no contexto deste estudo, do empoderamento das mulheres cooperativadas a partir da ES, destaca-se o processo a inclusão ao mundo trabalho, visto que não há como dissociar que o processo de exclusão do ambiente escolar paralelamente os exclui do mundo do trabalho, um efeito em cadeia, marcado por desigualdades. O trabalho coletivo em cooperativa, para além da relação de renda, também é desenvolvido no intuito de propiciar outros processos formativos que fomentam também uma promoção social.

Neste contexto, Tiriba e Picanço (2010, p. 27) traçam um paralelo sobre a ideia do trabalho como prática educativa e reforçam “que não são tão poucos os que se inquietam sobre o caráter educativo que envolve as iniciativas que visam a sobrevivência dos setores populares”. Mesmo acontecendo em outros espaços, para além do ambiente escolar, a Educação se faz presente neste contexto propiciando a formação humana. As autoras ratificam que,

Reafirmar que o trabalho é o princípio educativo é reconhecer que é no próprio processo trabalho, ou seja, é na práxis que os seres humanos criam e recriam a realidade social, como é nesse processo, também, que homens se educam ou se formam como seres humanos. Enfim, procura-se trazer a superfície uma outra pedagogia [...].(TIRIBA; PICANÇO, 2010, p 27).

Diante desse contexto, estaria a Pedagogia Social, a partir de sua práxis, atuando em diversos espaços, promovendo processos educativos relevantes para sujeitos, fomentando, através dos conceitos trabalhados, a transformação de sua própria história. Por isso, é tão latente e possível a associação da EJA com a Educação Social, pois, a partir de ações socioeducativas, é possibilitado aos sujeitos a oportunidade de se educar, de trocar saberes e conhecimentos.

Como já dito anteriormente, o contexto deste estudo perpassa pelas formações que acontecem dentro das cooperativas de mulheres, que visam promover, seja nos espaços delas ou não, reflexões sobre temáticas do seu cotidiano. O propósito é trabalhar questões que surtam efeito para mudança de realidade, seja formações com relação à renda, a viabilidade do seu negócio, sobre direitos humanos, ou consumo conscientes. Uma gama de temáticas que possibilitam troca de saberes e construção de sujeitos mais críticos.

Neste contexto, recorreremos a Mészáros (2008, p. 45) quando destaca que “é por isso que, também no âmbito educacional, as soluções não podem ser formais; elas devem ser essenciais. Em outras palavras. Elas devem abarcar a totalidade das práticas educacionais da sociedade estabelecida”.

4 A HISTÓRIA ORAL COMO METODOLOGIA DE COMPREENSÃO DO PROCESSO DE EMPODERAMENTO DAS MULHERES COOPERATIVADAS PELA EDUCAÇÃO SOCIAL NA EJA

Este capítulo vem delinear a proposta metodológica para o cumprimento do objetivo da pesquisa. Define o caminhar deste processo conceituando o que abarca a pesquisa qualitativa e o método a ser utilizado, que é a História Oral Temática. Essa metodologia permite conhecer mais de perto as histórias das pessoas entrevistadas, na medida em que as narrativas vão construindo, a partir de memórias, um resgate de fatos importantes na vida do entrevistado que, a partir de sua subjetividade, vai dando identidade aos seus relatos e proporcionando o registro de um rico instrumento para análise e compreensão a fim de poder responder ao objeto da pesquisa. Assim, esse método de pesquisa foi aplicado neste estudo para compreender, através das histórias orais da vida de mulheres cooperativadas, de que forma a Educação Social na EJA promoveu o empoderamento dessas mulheres, explicando, nesse contexto, a escolarização, o trabalho, a prática de educação social e EJA.

Para tanto, envereda-se por conhecer as trilhas, o passo a passo de como se dá o processo da História Oral, bem como a caracterização dos sujeitos envolvidos na pesquisa. O momento crucial para esta jornada se dá com as entrevistas, pois é através desse instrumento de pesquisa, que os dados são gerados para subsidiar e prover sustentação prática ao objetivo deste estudo. Por fim, promover a análise de conteúdo, como um procedimento de pesquisa, a fim de tornar o que foi produzido como uma fonte de relevância teórica para o campo científico.

4.1 A PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO E A HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA

Inicialmente, salienta-se a importância do desenvolvimento de pesquisas qualitativas no campo da Educação para a produção e elevação dos conhecimentos da área da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Este estudo tem abordagem qualitativa que busca uma compreensão particular do fenômeno a ser pesquisado, focalizando suas atenções em

elementos específicos e não isolados do fenômeno, pois segundo Triviños (1987, p.137), “o processo da pesquisa qualitativa não admite visões isoladas, parceladas, estanques”.

A pesquisa qualitativa destaca-se por ter seu foco no caráter subjetivo do objeto analisado, procura conhecer o como. Assim, é preciso reconhecer a complexidade do objeto de estudo. Minayo (2001) afirma que,

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis .(MINAYO, 2001, p. 21)

Esse tipo de pesquisa proporciona mergulhar em diversas possibilidades, aquelas não quantificáveis, que visam fortalecer o fenômeno a ser estudado. Na pesquisa qualitativa o foco está em todo o processo, não se resumindo apenas ao resultado. É importante, nesse sentido, compreender o contexto ao qual o fenômeno estudado está inserido. Nesse contexto, Godoy(1995) salienta que,

Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. No trabalho intensivo de campo, os dados são coletados utilizando-se equipamentos como videoteipes e gravadores ou, simplesmente, fazendo-se anotações num bloco de papel. (GODOY, 1995, p. 62).

Diante desse cenário, a ambiência criada para o processo de pesquisa é de suma importância para que a interação entre pesquisador e pesquisado possa se constituir um cenário favorável ao intuito da pesquisa. O contexto deste estudo envolve o tipo de pesquisa qualitativa, a partir de fundamentos metodológicos da História Oral que compreende um estudo a partir das histórias de vidas dos sujeitos, das memórias, do resgate de identidade, das experiências vividas.

A História Oral não é um método novo de pesquisa. Os fatos sociais que compõem a história da humanidade, de certo, foram sendo construídos a partir de fontes orais, no intuito de compor o cenário histórico, delimitando tempo – espaço do fenômeno estudado. Como ratifica, Meihy e Holanda (2007, p. 13) quando aborda que “fonte oral é o registro de qualquer recurso que guardas vestígios de manifestações da oralidade humana”.

Estes autores apontam algumas conceituações sobre a temática, dando destaque a este método de pesquisa. Nesse sentido, Meihy e Holanda (2007, p. 18) corroboram que a

“história oral é uma prática de apreensão de narrativas feita através do uso de meios eletrônicos e destinada a: recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente, e facilitar o conhecimento do meio imediato.” Além dessa conceituação, os teóricos ainda trabalham com a definição de gênero dentro da história oral, distinguindo-as em: história oral de vida; História oral temática e tradição oral.

Para o seio desta construção metodológica optou-se pela história oral temática, visto que este gênero abarca um bojo de discussão acerca de um conteúdo já pré-definido, existe um foco central a ser observado. Esse tipo de gênero permite realizar um recorte para o atendimento específico do objeto de pesquisa.

Assim, a metodologia a ser aplicada no decorrer deste estudo será da história oral temática. Esse método envolve narrativas e memórias, onde os sujeitos, a partir dos relatos, vão construindo um caminho das experiências, a partir de uma temática específica, que neste caso é o empoderamento das mulheres cooperativadas pela educação social na educação de adultos. Ao entrevistador/ investigador cabe atrelar as narrativas ao contexto do objeto da pesquisa a ser desenvolvida. Como salienta Meihy e Holanda (2007),

História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definições de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (MEIHY E HOLANDA, 2007, p. 15)

A construção deste estudo se desenvolve a fim de atender à problemática e objetivos desta pesquisa. Essa etapa será realizada a partir da interpretação e buscas de respostas para as questões de investigação. Para essa pesquisa, adotam-se uma abordagem a partir das narrativas, evidenciando a relação entre o objeto e/ou as práticas de formação em uma perspectiva de cooperação das histórias e das experiências contidas nas narrativas dos sujeitos implicados em processos de pesquisa.

As contribuições, as memórias e as experiências de vida dos sujeitos constituem um arcabouço de informações relevantes para a construção das narrativas dos sujeitos entrevistados. Como destaca Souza (2007),

Trabalhar com a memória, seja a memória institucional ou a do sujeito, faz emergir a necessidade de se construir um olhar retrospectivo e prospectivo no tempo e sobre o tempo reconstituído como possibilidade de investigação[...] A memória é escrita num tempo, um tempo que permite deslocamento sobre as experiências. Tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si,

dos lugares, das pessoas, da família, da escola e das dimensões existenciais do sujeito narrador.(SOUZA, 2007, p. 63)

A partir das narrativas, pode-se reconstruir o processo de empoderamento das mulheres cooperadas, suas experiências, a emancipação social e a transformação da realidade vivida, pois como salienta Souza (2007),

No trabalho de coleta de depoimentos o investigador dirige o informante diante do objeto e das questões que pesquisa, ou seja, é o pesquisador quem dirige e conduz a entrevista frente aos acontecimentos da vida do informante que possam ser incluídos no trabalho. Na história de vida, diferente do depoimento, quem decide o que deve ou não ser contado é o ator, a partir da narrativa da sua vida, não exercendo papel importante à cronologia dos acontecimentos e sim o percurso vivido pelo sujeito. Ainda que o pesquisador dirija a conversa, de forma sutil, é o informante que determina o “dizível” da sua história, da sua subjetividade que de e dos percursos da sua vida. (SOUZA, 2007, p. 66)

Neste contexto, o planejamento das atividades deve ser feito de forma que possibilite ao participante o conhecimento do objeto de estudo, bem como do projeto como um todo, fazendo com que este se sinta parte integrante da pesquisa.

4.2 OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA HISTÓRIA ORAL

Para a construção deste procedimento metodológico utilizar-se-á o processo desenvolvido pelos autores Meihy e Holanda (2007) em sua obra “Historia Oral: como fazer, como pensar”. Os autores reforçam a ideia de que um bom planejamento para o desenvolvimento das entrevistas é imprescindível para um bom desenvolvimento do trabalho dentro da história oral. Assim, eles definem algumas etapas para que este processo possa ocorrer, Meihy e Holanda (2007, p. 30): “a) elaboração de projeto, b) gravação, c) estabelecimento do documento escrito e sua seriação, d) sua eventual análise, e) arquivamento, f) devolução social”.

A etapa inicial desse caminhar se dá com a elaboração do projeto, em que são definidos os critérios de procedimento deste estudo, bem como, todas as informações que norteiam o bojo do documento a ser desenvolvido. O segundo momento se dá com as gravações, momento fundamental para a pesquisa, neste quesito Meihy e Holanda (2007, p.

30) salientam que “as gravações devem ser previstas em detalhes de *locus* e participações: onde e quem participa das sessões é fundamental”.

Durante a terceira etapa, ocorre o processo de transcrição de dados, da confecção do documento propriamente dito, com o registro literal das informações obtidas durante as gravações. Na quarta etapa, ocorre a análise de conteúdo do material produzido. Meihy e Holanda (2007) chamam a atenção para o fato de ficar bem definido se os dados serão tratados ou não posterior as gravações e reforçam,

Há grupos que só aceitam a história oral quando esta se mostra, depois de escrita, analisada. Este posicionamento, contudo exige a realização das etapas anteriores e recomenda-se que, quando parte do projeto, não seja feita a análise sem proceder todo processo de transcrição o estabelecimento final do texto. Outros, contrariamente, entendem que a produção do texto escrito e o exame da entrevista podem ou não ocorrer, não sendo raros os que consideram que só a confecção do documento é tarefa suficiente para cumprir os ideais da história oral. (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 31)

A quinta etapa é reservada ao arquivamento dos dados, envolve a responsabilidade e o cuidado com o material que foi produzido. A última etapa, é um momento especial, que trata da devolução social, ou seja, apresentar aos participantes o desfecho final do projeto.

Para este projeto seguiu-se todas as etapas definidas pelos autores. O projeto inicial foi elaborado com intuito de delimitar os primeiros passos da construção deste estudo e criar um norte para este momento relevante para a execução do objetivo da pesquisa. As gravações das entrevistas foram agendadas e ocorreram nos espaços das cooperativas envolvidas neste processo, no intuito de criar um ambiente harmônico e favorável para que as entrevistadas pudessem se sentir o mais confortável possível.

A cada uma das entrevistadas foi atribuído um nome de uma flor, para que fosse preservada a identidade das participantes da pesquisa. Nas entrevistas foram eliminadas dos relatos situações que pudessem identificar a pessoa entrevistada ou as pessoas mencionadas na entrevista. Exceto a entrevistadora, ninguém mais teve e terá acesso à identificação das entrevistadas e os dados obtidos somente foram usados dentro do propósito da pesquisa e, ao se publicar os resultados, a sua exatidão será preservada.

O material produzido foi transcrito de forma literal, após este momento, os dados foram tratados e analisados. A análise do conteúdo foi feita de forma detalhada, valorizando o material produzido e relacionando com fontes teóricas, no intuito de tornar relevante o estudo aqui desenvolvido.

Após o tratamento e análise do conteúdo produzido, iremos promover uma proposta de intervenção com as participantes a partir dos resultados da pesquisa. Esta devolução social é um rico momento para a valorização de cada uma das participantes, dando voz, e promovendo o reconhecimento da sua participação enquanto protagonista de suas próprias histórias.

4.3 AS ENTREVISTAS

As entrevistas são instrumentos de extrema relevância para coleta de dados em uma pesquisa científica. A partir dessa fonte de informações, é possível dissertar sobre diversos temas no decorrer do documento a ser trabalhado, além de ser uma fonte rica de dados que possibilitam uma maior contribuição do estudo. Meihy e Holanda (2007) destacam que

Entrevista em história oral é a manifestação do que se convencionou chamar de documentação oral, ou seja, suporte material derivado de linguagem verbal expressa para esse fim. A documentação oral quando apreendida por meio de gravações eletrônicas feitas com o propósito de registro torna-se fonte oral. A história oral é uma parte do conjunto de fontes orais e sua manifestação mais conhecida é a entrevista. (MEIHY;HOLANDA, 2007, p. 14)

Para o desenvolvimento deste estudo foram entrevistadas cinco mulheres de cooperativas que trabalham no âmbito da perspectiva de Economia Solidária e foram escolhidas por serem lideranças em suas cooperativas. A preferência das mulheres neste contexto foi fomentada a partir dos dados do último mapeamento da Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES - finalizado em 2013, que destaca a ampla participação de mulheres neste contexto.

Na entrevista participativa ou dialogada, tanto o pesquisador quanto o entrevistado participam de forma ativa, permitindo subsídios para colher dados relevantes, dada a necessidade de um relacionamento próximo e construtivo. A investigação desenvolvida se deu no intuito de gerar informações, tentando preencher as lacunas existentes da temática baseada no aprofundamento do tema.

A averiguação sistemática qualitativa permite explorar novos enfoques, não se coloca de forma rígida e engessada. Envereda-se por um cenário de construção que permite descobrir

novos caminhos, talvez desconsiderados no momento inicial. Meihy e Holanda (2007) chamam atenção para o fato de que,

muito do que é verbalizado ou integrado à oralidade, como gesto, lágrima, riso, silêncios, pausas, interjeições ou mesmo as expressões faciais – que na maioria das vezes não tem registros verbais garantidos em gravações - , pode integrar os discursos que devem ser trabalhados para dar dimensão física ao que foi expresso em uma entrevista oral. (MEIHY;HOLANDA, 2007, p14).

Essas entrevistas foram gravadas e depois transcritas para que não se perdesse nenhuma fala das entrevistadas. É importante todo registro, após cada entrevista, dos sentimentos, observações e especulações relacionadas à entrevista, já que esse conteúdo pode ser importante na análise do material. A análise preservou a integridade das falas de forma a não deturpar as colocações dos sujeitos da pesquisa.

A escolha da entrevista semiestruturada se deu por entender a necessidade de nortear a entrevista, possibilitando a coleta de informações mais completas, que segundo Triviños (1987 p.146), “valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessária”.

As entrevistas ocorrerão nas cooperativas, no local de trabalho de cada uma dessas mulheres, nos horários e datas sugeridos por elas. O intuito foi de deixar as participantes mais à vontade possível, respeitando suas singularidades. Salientamos que as entrevistas foram realizadas pelo livre consentimento da pessoa participante, além disso, as entrevistadas tiveram ciência de todo o processo da pesquisa, sendo da competência da pesquisadora informá-la de forma simples e exata, para uma boa compreensão e para que sua decisão de participar fosse tomada com plena consciência do objetivo da pesquisa.

4.4 OS SUJEITOS

Inicialmente, é importante contextualizar o processo de escolha dos sujeitos envolvidos na pesquisa, para possibilitar maior compressão e nortear este estudo.

Falar das mulheres em cooperativas é promover o reconhecimento do papel desta mulher na sociedade atual, bem como valorizar as conquistas desta classe, a partir do seu trabalho coletivo. Destaca-se que diante de todas as adversidades que compõe o universo

feminino, expor a forma como estas mulheres promovem seu empoderamento e contam suas histórias, é de extrema relevância tanto para as participantes como para toda comunidade científica e pesquisadores da área.

Os sujeitos escolhidos para esta pesquisa são mulheres que participam das cooperativas, que trabalham na perspectiva da Economia Solidária – ECOSOL. Como já exposto anteriormente, a ECOSOL tem princípios pautados na autogestão, no trabalho coletivo, na preservação do meio ambiente, no comércio justo e na solidariedade.

Na oportunidade, foram entrevistadas mulheres de cooperativas que, a partir de uma lógica solidária, promovem a geração de renda, participam de espaços coletivos e formativos. O âmbito desta pesquisa abarca cinco mulheres que trabalham com materiais recicláveis e artesanato e, nesse contexto, obtendo sua autonomia e independência financeira. Elas foram escolhidas por serem lideranças em suas cooperativas, por desenvolverem um papel essencial na condução de seus empreendimentos. A cada uma foi atribuído o nome de uma flor, conforme quadro abaixo:

QUADRO 1– PERFIL DOS SUJEITOS

Nome	Idade	Função na Cooperativa
1. Margarida	60 anos	Diretora Financeira
2. Angélica	62 anos	Coordenadora
3. Jasmim	51 anos	Presidenta
4. Magnólia	32 anos	Presidenta
5. Violeta	56 anos	Orientadora

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2019).

4.5 A ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados obtidos com as entrevistas é um importante material para a relevância da pesquisa. Bardin (2009, p. 33) define “que a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análises das comunicações.” Para análise do material foi utilizado a análise de

conteúdo trabalhada por Franco (2008), através da perspectiva de Bardin (2009). Para Bardin, inicialmente o pesquisador deverá obter o primeiro contato com os dados, a partir de uma leitura flutuante, procurando uma visão do todo. Em um segundo momento, o material deverá ser separado e submetido a análise. O terceiro passo, refere-se a formulação de hipóteses e indicadores que devem advir da amostra selecionada. E o último procedimento está ligado à categorização das unidades de análise, para tal, o pesquisador deve realizar um inventário minucioso, separando e isolando as unidades para em seguida realizar sua classificação.

As entrevistas foram realizadas por meio de um roteiro de perguntas (Anexo I) para conhecer de que forma a história de vida das mulheres cooperativadas entrelaçam com a Educação Social, na Educação de Adultos. Foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas com as trabalhadoras. Segundo Gil (1999, p. 117), a entrevista é, “a técnica em que o entrevistador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação”.

As entrevistas foram gravadas e transcritas, autorizadas pelos sujeitos do estudo, sendo anotado, após cada entrevista, os sentimentos, as observações e as especulações relacionadas à entrevista, já que essa subjetividade é importante na análise dos dados. A análise preservou a integridade das falas de forma a não deturpar as colocações dos sujeitos da pesquisa. Inicialmente, foi feita uma leitura superficial, no intuito de fixar o conteúdo, depois realizou-se uma exploração do material, recortando os dados e fazendo a agregação segundo o conteúdo.

Os resultados desta pesquisa procuraram responder os objetivos traçados no início deste estudo. Todos os dados coletados foram transcritos fielmente por se tratar de um método de história oral, respeitando cada fala das entrevistadas por se tratar de um importante material para a relevância da pesquisa.

Este conteúdo foi analisado a partir do olhar de Franco (2008), através da perspectiva de Bardin (2009). Após os procedimentos iniciais de pré-análise, o último procedimento esteve ligado à categorização das unidades de análise, para tal, foram isoladas as unidades para em seguida realizar sua classificação.

A análise de conteúdo versa sobre técnicas de pesquisas atreladas a determinado contexto, que visa, de alguma forma, promover a interpretação do que foi pesquisado, estabelecendo uma comunicação com os objetivos do estudo. Franco (2008, p.

23) reforça que “é um procedimento de pesquisa que se situa em um delineamento mais amplo da teoria da comunicação e tem como ponto de partida a mensagem”.

O processo de categorização é essencial para a análise de conteúdo do material produzido com a pesquisa, por se tratar, para Franco (2008, p. 59), “de uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos”. Nesse contexto, a autora aborda dois possíveis caminhos para a categorização, o primeiro a partir de categoriais previamente criadas, na qual se busca respostas específicas do investigador, o segundo quando as categoriais de análises não são definidas, ou seja, elas nascem a partir dos discursos, das falas dos entrevistados.

Para esta análise, optou-se pelo segundo caminho sugerido, pois o conteúdo emerge do discurso das respostas aos questionamentos propostos. A partir do que foi surgindo ao longo das entrevistas, foi possível destacar algumas categoriais mais latentes. Destaca-se também que as interpretações e análises explicativas foram feitas em culminâncias com teorias que pudessem referendar o ponto de vista abordado no momento da discussão.

Elencou-se três categoriais de análise para fundamentar o resultado desta pesquisa, essas categoriais estão divididas em: a escolarização e o significado da educação; o significado do trabalho cooperativo e o dos processos educativos sociais; e o empoderamento feminino e a educação.

As três categoriais foram selecionadas a partir do retorno obtido com as entrevistas efetuadas e que representaram relevantes fontes de dados para a pesquisa.

Estima-se que a pesquisa contribuirá para a promoção e divulgação científica da Educação de Jovens e Adultos, na perspectiva da educação social. Na dimensão acadêmica, contribuirá para a melhoria do conhecimento da área da educação de jovens e adultos, na dimensão social a produção contribuirá com a temática de empoderamento das mulheres cooperativadas pela via da história oral que busca desvelar as memórias, resgate histórico da trajetória de vidas dos entrevistados, que constitui em um excelente procedimento de escuta e conhecimento dos envolvidos em uma pesquisa.

5 HISTÓRIAS ORAIS DE VIDA QUE REVELAM PROCESSOS DE EMPODERAMENTO DE MULHERES COOPERADAS.

*Maria, Maria
é um dom, uma certa magia
Uma mulher que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta.
(MILTON NASCIMENTO, 1978)*

As histórias aqui citadas são explicações verídicas de cinco mulheres que trabalham em cooperativas, e foram selecionadas por exercerem papel de destaque em seus grupos. Para este estudo, foi preservada a identidade de cada uma delas, no intuito de não expor as entrevistadas, nem causar nenhum constrangimento com situações citadas durante as entrevistas.

Para este método de história oral foi atribuído nomes de flores as entrevistadas, dando um toque de leveza as lindas histórias compartilhadas com este estudo. Histórias de vida de mulheres que sempre lutaram pelo seu espaço, que sempre acreditaram que podiam ser mais, que são vencedoras.

Este capítulo de forma especial revela os olhares dessas mulheres sobre suas próprias histórias, de seu *locus* social, uma visão particular que como revela Ribeiro (2017, p 64) “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir.”

5.1 A HISTÓRIA DE MARGARIDA

“A cooperativa para mim é tudo!”

Eu tenho 4 filhos, já estou na cooperativa há 15 anos. E o que eu faço aqui agora, eu estou como Diretora Financeira, que sou responsável pela mobilização dos produtos e a circulação para vender. A venda dos produtos e o pagamento das coisas da cooperativa o que eu faço, a gente faz aqui é, nós reciclamos o papel e transformamos o papel em produto reciclado, como o de papelaria cadernos, fazemos

papel de bananeira e forramos os lápis, alguns produtos a gente sempre está disponibilizando nas feiras, nas faculdades e sempre tem algum cantinho que a gente coloca nossos produtos.

Sou casada, criei meus filhos mais meu marido, crio, que ainda tem dois adolescentes e dois estão casados. São adultos, 27, 26 não são mais adolescente não, mas dizem que quando estão nas costas da mãe, continua sendo né? (risos) ainda tem um casal lá comigo.

Sempre trabalhei em geral, ai eu fui fazer um pré-vestibular, conheci Begônia, nesse conhecimento, Begônia me chamou para vir em uma reunião, eu e outra colega no mesmo curso pré-vestibular da UNEB, é até um pessoal de uma associação que tem na engomadeira e o pessoal da UNEB que dava o pré-vestibular. Ai eu cheguei e vim aqui visitar e na visita estava tendo uma mesa de reunião e queriam que Begônia fosse a diretora, aí ela disse que só seria diretora, se eu mais a menina, que não tinha nada a ver aqui com a cooperativa, fizéssemos parte da direção também. A gente ficou e a menina assim assustada, ai eu disse você está doida? A gente não sabe nada disso aqui, aí ela pegou e disse: não eu só aceito com vocês duas. Aí a gente pegou, encarou. Aí nisso já tem dez anos. Eu achei que depois da nossa equipe desenvolveu bem mais a cooperativa. A gente pega material nas escolas, a gente vai nos Juizados e nas escolas fazer oficinas, a gente participou do primeiro CESOL daqui de Salvador a gente que, uma equipe com a gente que organizou tudo, a gente que ficou fazendo parte do financeiro e deu certo que o CESOL está até hoje, né! Que se não tivesse dado certo o primeiro, porque o primeiro foi o piloto, a gente ficou quatro anos nisso a gente sempre está em algum lugar fazendo alguma coisa. Às vezes o pessoal manda estudantes para cá para a gente fazer oficina.

Depois que comecei a trabalhar na cooperativa mudou tudo! A autoestima, o narizinho para cima, a liberdade, tudo, tudo, tudo...acho que se não fosse essa cooperativa eu não seria ninguém, sem brincadeira. Não é a questão nem do dinheiro, eu também

conquistei alguma coisa, algum benefício com o dinheiro que eu peguei da cooperativa, eu comprei uma casinha em Amargosa de um trabalho grande que a gente fez da Casas Bahia e a Brasilgás. Ai chegou a gente fez um projeto, nesse projeto a gente foi aprovada e a gente ganhou um dinheirinho bom! Quem ficou no projeto ganhou um dinheirinho bom e eu comprei uma casinha barata, eu comprei tá lá bonitinha, como é que foi tudo, tudo.

De viajar, conhecer os lugares, de não ficar apegada a depender do marido para tudo, entendeu? Meu marido, eu dependo para casa, o que foi de dentro de casa é com ele, mas o que é meu é meu! Se eu quiser ir para algum lugar, eu vou, não tem esse negócio de que você não vai porque você não faz nada, depende de mim! Não, eu vou porque eu vou trabalhar e também conhecer outros lugares, tudo, mudou tudo, tudo [...].

Esses professos formativos foram muito importante! Se você aprender qualquer coisa e aplicar aquilo que você aprendeu, ele se torna importante, né? Porque se você, o que não é importante é aquilo que você não quer saber, não quer aprender, faz de conta que não ouviu, aí pronto não significa nada. Mas todas as oficinas, todas aulas que a gente teve, tudo foi importante e a gente está sempre aplicando em algum lugar. Ah! Tá acontecendo isso, a gente aprendeu dessa forma, vamos fazer dessa forma, eu sempre, tanto eu quanto na Begônia, Flor de Lis a mesma coisa, a gente está sempre atenta a isso. Eu sou educadora pela escola do EPESS¹, você chegou a saber? Foi quase dois anos eu acho fazendo curso, é da UFBA de educadores sociais.

A gente ficou quase dois anos, foi muito importante, foi muito rico, ensinou muita coisa, direitos, documentação, contabilidade. Hoje SESOL tem lojas no Shopping foi por causa da gente, do EPESS, que eles ensinaram, um professor chamado Cravo de contabilidade, ele ensinou que dez por cento de supermercados, do

¹ Escola Permanente de Educadores Sociais de Salvador

comércio de tudo é para você fazer benefício social e é descontado no Imposto de Renda. Aí pronto, a gente ficou andando lá, primeiro começou pelo Shopping Piedade eles deram um estande, a gente vendeu como que, aí eles deram outro, ficou dois, tempo de São João.

Aí nisso, dessa vez agora, a gente estava com o pessoal do EPESS de Sussuarana, aí eu cheguei falei para eles isso, que eu tinha aprendido isso dessa forma, e que a gente já tinha conseguido no primeiro piloto do CESOL, eles pregaram e aplicaram, procuraram os shoppings e falaram, os shoppings aí cederam, nisso que cedeu, o outro CESOL também foi aprendendo, mas a gente que aprendeu, aprendeu através dos cursos, das coisas que a gente participa.

Eu acho que eu me empoderei, eu me emponderei! Se empoderar é se acentuar naquilo que você faz, né? Gostar daquilo que você faz, querer fazer melhor sempre melhorar, eu tô sempre assim, eu estou mal assim de cabeça, mas minha cabeça está assim cheia de novidades, para quando eu sentar eu dizer agora largar tudo e então está sempre mudando!

A cooperativa para mim é tudo! Todo dia eu digo, eu estou envelhecendo porque quando eu cheguei aqui eu tinha 50, 45 anos, já vou fazer 60 para o ano, mas eu fico triste porque têm poucas pessoas e eu não estou podendo porque eu não estou podendo colocar o trabalho adiante porque a gente não tem condição de pagar um salário, de pagar uma pessoa para dizer assim venha trabalhar aqui, porque no tempo da gente, a gente tinha mais mais consciência, nem é consciência, Begônia era sustentada pela mãe ou pelo meu marido quer dizer a gente vinha e dava duro, mas hoje a necessidade está muito, é marido desempregado, pai e mãe desempregado e todo mundo quer ganhar uma ponta.

Então, a dificuldade só essa, mas para mim isso aqui é tudo, tudo! Se disser assim tem x, o que é que você vai fazer? A gente muda isso aqui em um minuto. Quando eu cheguei aqui não tem tinha nenhum maquinário, a gente ficava aqui, pegava o prego e ficava pô,

pô, pô para pegar poder furar um caderno, um negócio. Hoje em dia a gente tem máquina para furar, máquina para cortar papel, máquina para colocar o papel para ficar liso rapidinho, não tinha nada disso aqui [...].

Eu não tenho vestibular, segundo grau completo eu tenho, quando teve aquela fase que a UFBA não precisava pagar para fazer o vestibular, eu fiz a primeira fase de matemática e passei, não passei na segunda, já recebi convite para fazer gestão financeira, alguma coisa com finanças, eu ainda penso em fazer, mas eu penso em primeiro acalmar um pouco[...].

Eu sempre morei aqui em Salvador, morei em Brotas, em Cosme de Farias, quando eu fiz oito anos vim morar aqui na Engomadeira e estou até hoje.

Eu sempre estudei por aqui, estudei no 19bc, ali aquele colégio, no Pinto de Carvalho lá em São Caetano, meu currículo escolar é tudo excelente. Tudo 10, 9 não aceito tomar a média, em nada. Foi, eu casei com 16 anos aí só conclui até oitava série, aí depois eu com 30 e pouco quase 40 anos, meu menino estudando inteligente como o que, ele achava de ficar namorando no pátio da escola, quando eu cheguei no segundo ano eu fui lá, aí eu cheguei, fui lá ele tava na varanda com duas meninas sentadas no colo dele, uma de um lado e outra do outro eu disse: Edimar vai para sala de aula que eu já fui lá e você não estava lá e você tá aqui. Aí ele disse, eu sei tudo que está acontecendo lá, aí eu disse, se você sabe tudo vamos embora para casa que você não precisa estudar. Aí tirei ele da escola e aí, no ano seguinte, eu me matriculei, matriculei ele na mesma escola, todos os dois no primeiro ano, eu tinha 42 anos.

Aí eu voltei a estudar, estudei os três anos e fui excelente, fui elogiada como a aluna mais inteligente do colégio da minha época, me chamaram na secretaria todos os professores dizendo que minha nota era a melhor. Era turma a noite e eu nunca gostei de ficar pescando, pedindo as outras para me ensinar nada, tudo meu era eu que

desenvolvia, aí ele pegou estudou e concluiu comigo também, não foi na minha sala, foi na sala da faixa etária dele, aí ele foi até o fim. Aí hoje em dia ele já fez um curso de técnico e tá trabalhando com a formação do curso técnico dele. Foi importante voltar a estudar, eu também fiz um curso de redação na UNIFACS durou um ano e foi muito importante, eu me desenvolvi muito, eu fiquei muito feliz estudando, concluindo, eu gosto de vez em quando de desafiar um livro [...].

Foi o meu filho que não queria estudar sempre fugindo da sala de aula, eu peguei e voltei só para fiscalizar ele, no que eu voltei para fiscalizar ele eu também desafiava ele, dizia que eu ia tirar nota melhor que ele e eu tirava e ele ficava nervoso [risos]. E eu parei [de estudar] porque eu casei com 16 anos já estava de barriga, fui criar filho, meu marido ganhava pouco, não tinha condição de sustentar a casa sozinho, aí eu fui trabalhar para poder sustentar a família, aí, depois que minha caçula nasceu minha vida melhorou um pouco. Aí, meu marido já arranjou outro trabalho ficou em um emprego de noite e outro de dia. Aí, eu já fiquei mais tempo dentro de casa tomando conta dos filhos, com esse tomar conta, foi que fui na escola e tirei ele da escola e depois passei a estudar também.

Eu não ligava muito para isso, mas agora eu ligo, agora eu tenho vontade de fazer curso de inglês, eu tenho vontade de fazer vários cursos, se eu pudesse não sairia da sala de aula, eu fico pensando, meu Deus eu tenho vontade de fazer um curso de finanças para poder aplicar o dinheiro, que eu gasto muito..[risos] e ganha pouco aí fico nessa perturbação [risos], nessa pegada aí [...].

Educação para mim é respeito um ao outro, é amizade e é conhecimento, acima de tudo é um conhecimento, mas é, vem em um conjunto. Porque, se você tiver conhecimento da coisa, tiver respeito pelo seu colega do lado, mesmo que tem dificuldade de aprender alguma coisa, mesmo que ele não tenha cultura de ser intelectual, de ser muito bom você tem que respeitar e aceitar a pessoa. Agora, a

educação de hoje, né? Tá meia pegando, né? Tanto na família quanto na escola, respeito em mais da família, né? Do que na escola.

Aqui na cooperativa é ótimo! As que saíram mesmo já estão velhinhas. A gente fica preocupado, vai visitar, tem uma que é que saiu a pouco tempo, ela caiu, foi para o interior morar em Santo Antônio de Jesus, ela caiu quebrou a mão, aí a gente fica preocupada com ela, eu já vi, mas Begônia mais a outra ainda não fui visitar, não consegui visitar ainda, a gente se preocupa, a gente gosta muito todas elas que participou aqui da cooperativa. A gente era aquela pessoa que discutia aqui, mas quando eu chegava dizia que a gente iá fazer o trabalho, todo mundo se juntava para fazer melhor. Ninguém ficava, eu não quero assim, a outra não quero assim, se a gente está aqui fazendo eu ou Begônia, todo mundo fazendo a mesma coisa e, olha, fulano está fazendo melhor, então a gente fazer da outra forma para fulano finalizar, porque o melhor foi o dele.

Às vezes, eu estava fazendo uma coisa e não estava ligada no que os outros fazendo, aí mandava eu parar, eu dizia foi o quê? Ah, é para você para gente fazer igual ao seu [risos]. Porta-retrato mesmo eu desenvolvi uma maneira diferente de fazer, toda vez que vai fazer um porta-retrato eu tenho que estar perto para poder fazer porque os delas são mais grossinho e o meu eu tiro o exagero do papel e o meu ficar bem fininho, entendeu? Não ficar assim ó, e aí elas pegam e manda parar para ele eu fazer a finalização da capa. A gente só trabalha com material reciclado, a gente recicla o papel, a gente passa a tinta, passa gesso para ficar bonito, vários produtos que a gente faz, quando a gente dá oficina também, a gente pergunta o que é que a pessoa quer aprender, né? A gente faz brinco de papel, faz um bocado de coisa, corrente de papel.

Essa troca de saberes é muito, muito importante. Begônia mesmo é muito inteligente, ela pega muita informação política que eu não sou boa, e se você não entende bem de política, você não entende nada da vida, você é comandado, você é empurrado, ela pega muito

rápido essas coisas de política mesmo, ela senta junto de mim e começa a falar sobre o assunto.

5.2 A HISTÓRIA DE ANGÉLICA

“...não vamos trabalhar com homens nenhum, então vamos ficar só as mulheres!”

Eu tenho 62 anos, completei este ano, tenho dois filhos, já os dois casados. Infelizmente não tenho netos porque não querem. Mas, assim, Sempre fui uma mulher batalhadora, nunca gostei de esperar nada de ninguém, nem quando criança, adolescente sempre fiz um bico aqui, um bico ali, para poder ter um meu dinheirinho na mão.

Minha mãe não tinha condições de dar para os quatro filhos, era costureira e criou a gente em cima de uma máquina de costura, porque, um pai que era presença ausência sempre, então ela era também era chefe da casa, então eu sempre batalhei para buscar o meu. E nisso, eu me acostumei e mesmo estudando consegui meu emprego, emprego formal, né. Ainda adolescente eu comecei a trabalhar formalmente a partir dos 18 anos, mas sempre fazia uns biquinhos, vendia fogos, fazia um lanche, sempre fazendo alguma coisa extra para ter além do salário. E gostava muito mais de fazer sempre na área de comida, sempre um lanchinho aqui outro ali e ai fui levando.

Sou separada judicialmente, exatamente por conta dessa, dessa minha. Eu acho, assim, que eu não sou muito de esperar para ninguém me dar, e sempre fui assim e talvez isso até tenha atrapalhado um pouco o relacionamento porque o marido se acostumou a não botar dentro de casa, era alcoólatra, e eu não ia ficar esperando para comer e nem dar comida aos meus filhos. Então, sempre batalhei, mas graças a Deus levei quase 25 anos nesta luta com homem alcoólatra,

mas criei meus filhos dentro da dignidade e venci e, graças a Deus, estão bem!

Eu fiz o segundo grau completo, porque minha mãe criou a gente com muita dificuldade, muita dificuldade mesmo, só não passamos fome, mas aquela coisa de que roupa é natal e são joão e olhe lá [risos]. Porque assim, comida nunca ela deixou faltar, porque não podia esperar por meu pai que também era alcoólatra e pensava primeiro nele. Mas, assim, ela dizia o que posso dar para vocês é o estudo, ela não tinha, quer dizer ela sabia escrever e ler, ler e escrever, porque foi até o terceiro ano primário, mas sabia ler e escrever e fazer conta como ninguém, mas assim, era uma pessoa que conversava com qualquer um sem fazer feio a ninguém, e ela dizia sempre procurar estudar!

Ficava no pé da gente e eu não fui para faculdade porque naquela era muito mais difícil do que hoje e eu queria dar uma vida melhor para minha mãe, que sempre morou de aluguel. Depois, veio morar em cima da ponte, na água, que aqui tudo no Uruguai era maré, nos viemos morar na maré, então minha adolescência foi na maré e dizia para mim que eu iria dar uma casa de verdade para minha mãe, então eu parei de estudar, completei meu segundo grau e fui trabalhar. E, graças a Deus, eu venci que consegui dar uma casa de construção para minha mãe e depois fazer a minha. Eu consegui ir direto, tive minha filha. Já no último ano, é que eu engravidei, casei, mas conclui o segundo grau todo.

Aí, já mais de trinta e cinco anos, eu estava desempregada e aí apareceu um carro aqui do programa do PNUD, aqui no Uruguai, chamando as pessoas que estavam desempregadas que queriam ganhar dinheiro e tal. E aquela conversa que me atraiu e fizeram uma reunião, eu fui. Então, com esse chamado do PNUD, aí eu fui para essa reunião, então chegou lá, era um programa de desenvolvimento territorial, e chegando lá conheci outras pessoas que estavam como eu, desempregadas, sem possibilidade de voltar ao mercado formal e

tinham a mesma afinidade que eu: trabalhar na área de alimentação, homens e mulheres, e aí nós fomos participando de várias, imensas, inúmeras reuniões e aí nós juntamos e formamos um grupo.

Mas aí, alguns foram saindo e aí a coisa foi assim, os homens foram saindo por eles tinha uma outra ideia, que era na realidade de fazer a gente trabalhadora e não ser autônomas, como hoje nós somos. E aí as mulheres que queriam alguma coisa se juntaram e, aí, a gente disse: - não, não vamos trabalhar com homens nenhum, então vamos ficar só as mulheres! Porque todo mundo vai estar no mesmo patamar e, assim, nasceu a cooperativa. Então, assim, já teve mais de quarenta mulheres no início, mas depois assim, as pessoas precisam bancar as suas necessidades, porque a comida precisa todo dia, e no início as coisas são muito difíceis. E ai um entra, o outro sai, e assim foi, mas graças a Deus, vencemos! Hoje nós temos 20 mulheres, todas da Península de Itapagipe.

A cooperativa é essencialmente composta de mulheres, hoje nós temos 20 mulheres. E hoje às vezes por não ter um ponto de comercialização fixo, a gente trabalha por encomenda para evento, fazemos todo tipo de alimentação, lanches, caldo, comidas típicas, acarajé, abará, tortas doces e salgados, bolo confeitado, fazemos tudo, depende do cliente.

Participamos de diversos processos formativos, inúmeros, até porque como esse chamado foi aqui em Itapagipe, então como tinha outras organizações, escolas, que já existiam aqui Itapagipe que também foram para este chamado e fomos nos juntando, fomos conhecendo outras entidades e daí surgiu a Rede Campi. Então, a cooperativa também é participante da Rede Campi que é uma rede da Comissão de Articulação e Mobilização dos Moradores da Península de Itapagipe. Então, eu sou uma das fundadoras da cooperativa e também fundadora também da Rede Campi, integrante da Rede Campi e nesse processo nasceu também o Complexo de Reciclagem da Bahia. Então, a cooperativa, junto com o complexo dentro da Rede

Campi, foi caminhando juntos e nesse caminhar junto nós começamos a participar de vários cursos de formações políticas, começamos a participar de vários espaços públicos tanto na Península como fora, na cidade como um todo, né. Hoje, eu também sou conselheira do Conselho Estadual de Economia Solidária, faço parte da Rede de Alimentação de Economia Solidária da Bahia, como coordenadora dessa rede e sou coordenadora também da cooperativa.

Olha, eu vou lhe dizer, não vou lhe dizer que é minha vida, porque minha vida é meus filhos, mas é uma parte muito importante da minha vida, porque quando a minha filha passou no vestibular e o marido, que tanto fazia empregado como não, não dava dentro de casa mesmo, meu filho ainda era adolescente, não trabalhava, ainda não tinha começado como menor aprendiz, então era só eu e ela, e ela no momento que ela passou estava desempregada. Aí ela me disse, não minha mãe, eu não vou! E eu disse não, você vai sim! Se você passou é porque Deus quis, e se Deus quis é porque ele vai mostrar o caminho.

Então, nessa época a gente fazia o café, eu estava empregada, nunca deixei a cooperativa, mas estava empregada. Consegui um emprego por amizade, eu era secretária em um escritório de advocacia e fazia meus bicos na cooperativa né, quando tinha os eventos nos fins de semana ou a noite, quando eu podia participar, eu participava e nos fins de semana a gente tinha os cafés da manhã na Penha que era sábado e domingo. Então, eu pegava meu salariozinho todo, porque ela passou na UCSAL, e dava na UCSAL, e o que me mantinha dentro de casa durante a semana era o que ganhava trabalhando com a cooperativa nos fins de semana.

Então, isso para mim foi muito importante porque assim, eu tinha de onde sustentar meus filhos, nunca passamos fome, graças a Deus, apertava, arrechava, mas vencemos! O menino não quis fazer faculdade, mas assim, tem vários cursos, viaja sempre para estar se

especializando na área dele que é informática, mas ela seguiu e hoje a gente está na luta. Ela também é uma das participantes da cooperativa.

Esses espaços de formação me possibilitou muitas coisas, viu. Primeiro que eu acho que é o importantíssimo é o conhecimento, que isso aí eu vou levar para vida toda, até para minhas reencarnações futuras. Mas assim, conheci muita gente, tive a oportunidade de conhecer outros Estados, que minha condição financeira não dava, inclusive outro país! [risos]. Que nunca nem tinha me passado pela cabeça. Eu fui para o Fórum Social Mundial né, duas vezes, aqui fora do Brasil, na Tunísia. Então, isso para mim é um ganho muito grande e assim conhecimento é o principal de tudo, e a gente conhece e tem oportunidade de passar para o outro conhecimento, informação, que muita gente não sabe e não tem como buscar. Como as meninas da cooperativa mesmo, tudo que eu aprendo lá eu procuro passar, pra que elas aprendam pelo menos um pouco né, se informem dos seus direitos, do que está acontecendo no país, no mundo, aqui, local, no território. Então eu busco sempre isso.

Eu me empoderei muito aqui, muito, porque antes assim eu não tinha essa coisa de tá falando, de ficar me expressando assim, eu era mas calada, eu era mais de ouvir e então, nesses espaços formativos, eu fui aprendendo outros assuntos, não só de gastronomia, não só de como fazer feijão, de como servir os clientes, fui aprendendo outras coisas né, sobre os direitos humanos, sobre os nossos direitos, nossos deveres, a questão política pela qual a gente passa, que política a gente faz desde a hora que nasce, todo santo dia, mas fui entendendo um pouco mais é nessa conjuntura política mesmo que a gente está hoje. A gente tem um retrocesso muito grande, porque as mulheres tiveram várias conquistas, nós, e hoje a gente tá vendo aí o risco de perder.

Os trabalhadores já perderam grande parte dos seus direitos e ainda corre o risco de perder muito mais né, então para mim isso muito, muito importante esse empoderamento, esse conhecimento,

essa informação. Houve um incremento de renda, com certeza, porque com essa parceria, essa junção da cooperativa com a rede de alimentação de economia solidária, então a gente pode participar de eventos maiores como a exemplo do carnaval com a parceria do complexo de reciclagem. Então, assim, esses eventos maiores possibilitou não só para mim, mas para todas da cooperativa, mas para toda a rede em fim ganhos expressivos. E, principalmente, um que marcou todo mundo da rede como um todo foi o do Rio +20, que nós fomos para o Rio servir alimentação e todo mundo teve um ganho muito bom, muito bom que só foi agradecimento [risos]. Esperamos que tenham outros maiores [risos].

Ser mulher é o início de tudo, é a força, é a emoção, é a superação, sem a mulher não existe nada, porque sem a mulher o homem não nasceria. E sempre que tem um homem em uma posição maior, eu digo me reportando a Dilma, nossa presidenta, a nossa primeira presidenta mulher, ela estava ao lado de Lula, então sempre que tem um homem de posição você pode olhar que tem uma mulher na frente, uma mulher ao seu lado, uma mulher atrás dele, né. Porque a mulher para mim é tudo! E uma mulher que busca conhecimento, que não baixa a cabeça para ninguém, que cria seus filhos, principalmente nesse mundo de hoje machista, fazendo com que esses meninos tenham respeito pelas mulheres, porque eles não podem apenas dizer não vai fazer com minha irmã, mas fazer com a filha dos outros não pode.

Então, a gente precisa ensinar para esses homens machistas que o que eles não querem para suas irmãs, eles também não podem fazer com a filha de ninguém, nós temos que ter respeito! Tanto pela mulher, na sua integridade física, como, principalmente, a psicológica, né. Às vezes eles falam – ah eu não bato! Mas às vezes xinga, às vezes vou para rua pegar outra mulher mesmo, não vê que ele está ofendendo aquela mulher, aquele psicológico dela. Então, a mulher

precisa ensinar ao homem sempre, que respeito acima de tudo, nós somos iguais e nós precisamos nos respeitar, uns aos outros.

Esse trabalho me proporcionou ganhos, no social, eu participar de vários espaços públicos, vários conselhos, vários espaços de debate. No econômico, graças a Deus, me proporcionou muita coisa, eu pude fazer algumas mudanças, reformas na minha casa que estava precisando, na cooperativa também, a gente adquiriu muita coisa, este espaço mesmo é fruto de um processo de formação, né. Um espaço de luta, a gente conseguiu este espaço. O econômico vem me ajudando desde que comecei, vem me ajudando até hoje. Somos 20 mulheres e a cooperativa já tem 20 anos. A cooperativa tem um significado especial para mim.

5.3 A HISTÓRIA DE JASMIM

“...enquanto vida eu tiver, estarei estudando e incentivando as outras pessoas a estudar, ensinar e aprender...”

Estou passando dos cinquenta anos, tenho estado civil solteira, mas tenho um relacionamento de mais de trinta anos, não tenho filhos por força da natureza, eu tive duas gestações e perdi. Recentemente, eu concluí o ensino superior, eu tirei o segundo grau quando eu comecei a cooperativa em 2000. A cooperativa iniciou em 5 de fevereiro de 2000.

A cooperativa vai completar 19 anos, dia 5 de fevereiro. Iniciamos vendendo pão, pão normal sal, leite e milho, e ampliamos para produção de alimentos em geral, estamos trabalhando com alimentação pronta também, quentinha e etc...

Eu nasci em Salvador, fui nascida e criada nesse mesmo bairro da Engomadeira, onde a cooperativa permanece. Eu concluí o

segundo grau na ordem mesmo, segui a idade, conclui com 19 anos, e daí eu parei, eu tinha 19 anos quando eu conclui. Retomei só agora pela necessidade da cooperativa de documento que eu fui fazer, iniciei a contabilidade por necessidade, mas iniciei a graduação com os dois primeiros anos, os quatro semestres, contabilidade, mas aí a gente decide se permanece ou não, quando eu vi que administração era mais completa para necessidade da cooperativa, aí eu mudei e conclui em 2017.1.

Quando a gente começa a cooperativa, a gente começa sem noção de nada, né?! Todo mundo se junta para desenvolver uma atividade econômica, pelo princípio da solidariedade e tal, mas quando a cooperativa toma corpo jurídico, aí a coisa muda de figura e começa o grande problema dentro da cooperativa. Tipo, tomamos corpo jurídico tem alguns anos já, mas a gente se esbarra em documentação, porque nem tudo a gente entende, tem que ter profissionais e começa todo mundo sem capital, né, para iniciar o negócio. Aí, no andar da carruagem tem as perdas, né, que vai saindo as pessoas porque não tem retorno imediato, não tem retorno imediato porque as pessoas não tem conhecimento suficiente para gerir o negócio, para fazer rodar o negócio, para fazer acontecer. Então, já é meu olhar crítico em relação a todas as cooperativas, como a gente conhece a rede de alimentação e outras redes também e a gente vê que os problemas são muito semelhantes, né?! A falta de retorno imediato, é como se as pessoas esperassem que a gente caiu em um espaço todo mundo junto e que o governo fosse dar praticamente tudo, fosse dar equipamento, dar espaço, dar a comercialização e a gente vê que não é por aí, não é assim, tudo tem que ser na base da batalha [...].

Muitos profissionais eles vendem o conhecimento deles claro, existem várias formas de vender o saber, não sei se é vender o saber. Tipo, a contabilidade, precisamos ter contador, precisamos ter profissional de nutrição e temos, a cooperativa, e pra isso a gente precisa ter dinheiro para pagar a eles. Embora, o contador da

cooperativa levou uma temporada sem receber dinheiro porque ele teve um estágio na cooperativa antes de montar um escritório, então pra gente, fomos até beneficiada com esse contador. Porque ele estava ainda estudando, quando ele se formou e montou escritório e pegou a gente como cliente e coitado, vários meses sem receber dinheiro junto com a gente! E até hoje ainda acontece. Mas falando ainda da educação, depois que eu fiz a faculdade, a cooperativa deu outra direção com relação a comercialização, porque eu adquiri vários conhecimentos necessários e a gente até participa de licitação pública, porque eu aprendi na com a graduação, não aprendi com a assessoria, com o movimento de economia solidária a buscar essa comercialização.

A gente enfrenta pau a pau com qualquer empresa para poder provar que a gente também tem capacidade de fornecer alimentação com qualidade e tal, tudo que é exigido pelas normas e exigências da vigilância sanitária e isso tudo melhorou depois que eu fiz a faculdade, né em termo de conhecimento.

Então, hoje a gente está mano a mano com grandes empresas, disputando o mercado, que é a única alternativa que a gente está tendo, nós da economia solidária. Se a gente esperar só pela economia solidária, a gente morre de fome, porque nem os próprios militantes consomem os produtos que nós produzimos e isso é uma realidade, não só daqui da cooperativa, nos empreendimentos de economia solidária. Se você olhar assim, quem diz ser militante como é que usa os produtos de economia solidária é gato pingado. Então, a gente enfrenta assim essas empresas, hoje a gente está com um pequeno contrato com a SESAB, é um órgão que dar direcionamento para vigilância sanitária, e pra gente foi um desafio muito grande, a gente vencer uma licitação pra SESAB, e a gente ficar com todos, tanto a vigilância sanitária, quanto os hospitais e a gente fornece até para o hospital Roberto Santos, a gente fornece para os treinamentos dos médicos do Hospital Roberto Santos.

E pra gente é um desafio que a gente enfrentou com outras empresas e a gente consegue atender de forma satisfatória e a gente, graças a Deus, recebe elogios até em comparação com outras empresas e pra gente é muito importante, gente está em um espaço público disputando pau a pau.

Agora mesmo, a gente está participando de outras licitações e, muitas vezes, a gente não vai mais longe ainda por falta de capital, porque o capital é que garante né. Porque o governo não paga de imediato, então a gente precisa de capital para comprar insumos e matéria prima e a gente não tem. Nesse momento, a gente está pegando eventos pequenos, a gente não consegue ainda formar capital para poder pegar eventos maiores, contratos de um ano, para poder garantir, que esse é o nosso desejo, contratos de um ano, para poder todo mundo ter direito a uma renda fixa, não uma renda pontual...

Eu sou uma das fundadoras, das fundadoras mesmo aqui só tem dois, e os demais vieram depois, veio dentro da rotatividade. Tem gente que tem mais de quinze anos, tem gente com dez anos, com oito anos e por ai já vai, o mais novo tem dois anos e pouco, quase três anos[...]

Quando eu tinha faixa de 18 anos de idade, eu já tinha trabalhado coletivamente com outras pessoas, eu produzia confecção de grade de ferro então era um projeto que tinha chegado aqui na Engomadeira, na comunidade na época, era uma parceria com a UNEB de uma serralheria comunitária. Nesse, eu trabalhei durante quatro anos, confeccionando grade de ferro e nesse trabalho eu coordenava 25 mulheres, era de mulheres, a gente não conseguiu avançar por conta de assaltos, arrombamentos. A gente perdia muitos equipamentos e a gente estava em um espaço da UNEB, mas naquela época a gente não tinha segurança para garantir que a gente tivesse os equipamentos para que a gente pudesse produzir com segurança. E, naquela época mesmo, quando a gente desfez com mais ou menos quatro para cinco anos e fui trabalhar em outros mercados de trabalho

formal, fui gerente de farmácia, e trabalhei também como agente de saúde.

Depois, foi que surgiu outra mobilização vinda da UNEB, também para esse projeto que nasceu a cooperativa, quando surgiu essa mobilização para este novo projeto, eu voltei e fiz contato com algumas pessoas que já tinha trabalhado comigo na serralheria, algumas mulheres, voltei fiz contato e conseguimos reunir dez pessoas dessas, dessas vinte e cinco reuniu dez, então dez topou. A gente veio para este projeto né, a gente não sabia ainda o que queria fazer, serralheira o que seria, mas depois a gente viu que serralheria, na época que a gente tinha 18 que a maioria das mulheres era jovem, estava tudo beleza para trabalhar com ferro, mas depois a gente disse serralheria não, já estava todo mundo já com mais de trinta, e aí a gente disse serralheria não dá devido à idade. Aí, a gente foi tentar descobrir o que ía fazer, foi aí que o reitor da UNEB sugeriu a gente fazer pão delícia.

Depois, a gente veio descobrir que pão delícia era um pão de festa, não era um pão para vender na comunidade, comunidade de Engomadeira que desse sustentação pra gente. Então, a gente mudou de pão delícia, mudou não, ampliou para outros pães, pão normal, a gente quer que a população consuma diariamente e não de festa em festa. Aí, fizemos pão de sal, leite e milho, conseguimos ter uma boa venda, a gente pagava aluguel na época quando foi fundado, a gente conseguia vender até cinco mil pães por dia, que dava um bom retorno.

O pão na época era dez centavos, dava retorno até financeiro até pra gente. Só que com isso, eu não sei se foi a gente que deu a ideia, a gente vendia também porta a porta, e aí todas as ruas da comunidade vendendo, vendia no carrinho de mão e outros carrinhos também, aí a gente abriu ideias e veio surgindo outras pessoas vendendo dessa mesma forma com carro, com tudo. E aí foi abrindo outras padarias, aí não deu mais para sustentar. Foi aí que a gente

ampliou para outros tipos de alimentação e panetone também, que a gente no final de ano também produz, aí a gente deu segmento.

Hoje a gente está com sede própria, através de um projeto, projeto da Petrobras, conseguiu comprar a sede e a gente também está com veículo, que a gente tem também uma kombi, que é que atende nossos eventos, mas a gente não está com renda equilibrada, mas esperamos que esteja bem próximo já, depois de tanta batalha.

Aí, quando eu estava como agente de saúde que eu saí, que terminou o prazo, foi que eu resolvi não trabalhar pra ninguém e tinha surgido essa oportunidade que a gente se juntou então por isso que eu sempre gostei de trabalhar coletivamente. Embora, os desafios são muitos, e agora pior, eu digo porque na hora que a gente começa com a idade baixinha, a idade pequena a gente não pensa em nada, aí depois que a gente amadurece é que a gente começa a ver por outro ângulo. Mas, eu gosto de trabalhar no coletivo, eu não dou para ter patrão e nem ser patroa também, só acho que as pessoas têm que ter consciência do que ela quer, e tem que respeitar o outro e tem que e ser autônomo mesmo, ter autonomia.

E também eu incentivo muito as pessoas aqui na cooperativa a estudarem, se quer tocar um negócio tem que estudar, sem ter conhecimento do negócio, eu incentivo muito, embora nem todo mundo tem uma essa compreensão, e ainda tem aqueles que prefere obedecer de que ser dono do seu próprio negócio. Ainda é um desafio que a gente vem tentando vencer, que é de que precisa estudar. Eu, se eu pudesse voltar na máquina do tempo, eu já tinha vários doutorados, pretendo ainda fazer a minha pós, o meu mestrado, enquanto eu viver estudar. É como se a gente desligasse uma máquina e ligasse e dissesse: - poxa como funciona coisa e a gente tinha esquecido. Não me vejo sem estudar, já estou agoniada, pois eu já terminei há algum tempo e por outros motivos ainda não voltei. Mas estou doida para voltar a sala de aula, mas pretendo fazer um doutorado, embora já tenha mais de cinquenta, enquanto vida eu tiver, estarei estudando e

incentivando as outras pessoas a estudar, ensinar e aprender, e por aí lá vai.

Todos os processos formativos foram e são importantes, tanto que a gente coloca assim um barema para medir as pessoas da cooperativa que participam desses espaços como eu e outros. Não sei se você chegou a conhecer mais pessoas além de mim, mas as pessoas que participavam e participam desses espaços, elas têm um outro comportamento dos que não participam, mas alguns não querem participar destes espaços, isso ajuda a gente a crescer. Eu era muito calada, ainda sou, mas era muito calada, se recebesse um não, era não para sempre, hoje eu não aceito um não. Se me disserem um não, eu enfrento e só sossego depois que consigo um sim. Então, isso eu aprendi nesses espaços, sim.

A gente sabe que a vida ela não é como a gente gostaria que fosse, mas a gente pode tentar mudar nossa vida para que seja o melhor possível, então esses espaços modificaram muito a minha vida, tanto dentro de casa também. Porque está com uma pessoa a mais de trinta anos não é fácil, muitas pessoas na cooperativa se separaram dos esposos, namorados e eu que aprendi a conviver com a diferença. Se eu não estivesse nesses espaços eu já tinha me separado há muito tempo, mas aprendi a conviver com a diferença em todos os sentidos, graças a Deus.

Com certeza, com certeza eu me empoderei aqui na cooperativa, se eu não tivesse na cooperativa eu não seria apenas (Jasmim cita o nome e sobrenome), seria apenas (Jasmim cita o nome), se é que você me entende [risos]. Eu nem sei como definir, dar uma definição correta do que significa a cooperativa para mim, eu diria assim, para mim além de uma oportunidade, oportunidade da gente mudar em todos os sentidos, oportunidade da gente fazer o que deseja, é não temos limite para isso, tanto que eu uso até no meu perfil, que o céu é o limite! Que eu acredito que não há limite para o que a gente quer, basta a gente querer que a gente pode chegar onde a

gente quiser, então eu acredito que o céu é o limite, nesse sentido, e é assim que eu vejo uma oportunidade em cooperativa. É liberdade, é uma oportunidade de liberdade.

Houve mudanças, claro que levamos vários anos sem conseguir tirar renda. Mas depois que a gente mudou de endereço, tivemos três endereços até agora da cooperativa, o primeiro alugado, o segundo também e o terceiro que é próprio. No primeiro, a gente não tinha renda, foi logo quando fundou, ficamos cerca três anos, não tinha renda, a gente só conseguia tirar quando tinha assim algum evento grande, que o local não tinha como ter venda que garantisse renda. No segundo, tinha venda que garantia a renda, tanto que todos cooperados que estavam na época do segundo aluguel, que era na frente da rua, antes de chegar mais padarias e tal, a gente conseguia, muitos conseguiram construir casa, reformar a casa, a gente tinha sim uma renda legal até. E também na época que a gente veio para a rua principal foi quando ampliamos o fornecimento, o tipo de fornecimento né? Foi quando a gente também começou a servir o projeto Ecofolia né, que a gente começou aumentar a renda por conta do carnaval.

Hoje a gente está em um endereço que não dá para ter venda fixa, diária, é só para fora mesmo ou só para entrega, não dá para produzir e vender no local, porque a gente comprou um imóvel, mas não é na rua principal, mas é o que garante a gente servir em qualquer espaço fora, ou produzir e levar ou ir produzir fora, pelo menos sossegou a gente com relação ao aluguel. Com relação às mudanças, do ponto de vista social a gente teve aqui na comunidade um projeto, quando a gente estava com o projeto da Petrobras, inscrevemos cem jovens e demos o curso a sessenta de cooperativismo. Desse curso, a gente conseguiu encaminhar alguns jovens para outros espaços, alguns dele ainda estão aqui na cooperativa, quando tem evento grande eles participam.

Desse curso, a gente conseguiu outros cursos como o projeto vira vida, um outro projeto que veio não só para cooperativa, como outros grupos também. A cooperativa colocou alguns jovens desses para um processo de seleção e ficaram três no projeto vira vida. Desse projeto, eles trabalhavam por um ano na caixa econômica e renovou por mais um ano. E desses selecionado ficaram até hoje e estão contratados pela caixa econômica, foi além do projeto, e eles são gratos, esses jovens eram jovens que estavam em vulnerabilidade social, trabalhando em ponto de tráfico e tal. Um deles é que mais agradece, ele catequiza para os colegas que essa oportunidade transformou a vida dele.

E o que a gente percebe é que muitos desses jovens que trabalham como olheiros, são usuários, e tal, eles tem vontade de sair, mas eles não conhecem outros caminhos, não conhecem outras possibilidades e agente não consegue, ainda na cooperativa sem projeto, fazer isso. Não temos projetos que garanta abarcar parte desses e criar tipo uma rotina para estar sempre, a cada ano, colocando eles. Nós mesmo damos o curso de cooperativismo a esses, eram cem que ficou sessenta em três turmas de 20, e incrível que desses 20 ainda vinham os convidados.

Eles pediam a gente para convidar, cada turma de 20, aumentavam. Eles pediam para trazer e a gente permitia e eles se descobriam com uma oportunidade. Eles até hoje cobram da gente, mas não temos como colocar aqui na cooperativa, porque não temos renda que garanta, mas até hoje a gente ainda faz contato, e espera que o governo mude, que a gente consiga algo através das políticas públicas, que esses jovens tenham duas opções, então isso pra gente é preocupante, principalmente para mim, que eles me cobram projeto que garanta renda e a gente não consegue....

Para mim, ser mulher é ter autonomia, é ser livre e ter sua liberdade de fazer o que quer, o que pensa, é medir suas próprias consequências. Ser mulher é ser o que eu sou, é mesmo tendo uma

relação de mais de 30 anos, meu marido aprendeu comigo a não impedir que eu faça o que eu acho que é bom para mim, não que ele não tivesse tentado, ele simplesmente aprendeu a me respeitar, então para mim também é uma conquista como mulher!

5.4 A HISTÓRIA DE MAGNÓLIA

“A cooperativa hoje é um pedaço de mim!”

Eu tenho 32 anos, sou daqui de Salvador, me tornei catadora no ano de 2007, foi aí que conheci a cooperativa, através de um amigo meu que trabalhou aqui. Fez parte de um projeto e eu estava sem opção de trabalho, aí perguntei se pegava mulher, porque emprego só dão para homem [risos]. Aí ele disse que era tranquilo. Eu cheguei aqui, me apresentei, e disse que tinha interesse no trabalho, comecei com o grupo de triagem, que é a separação dos materiais. Também já fiz parte da rota, que é recolher materiais para a cooperativa e participei da área de artesanato, fiquei lá uns meses, me tornei administrativo e hoje estou na presidência da cooperativa.

Sou casada, tenho um filho de um ano e cinco meses, e é daqui que eu tiro todo meu sustento da minha família. Depois que comecei o trabalho cooperado mudou muita coisa, no início eu não tinha noção de reciclagem, de aterro sanitário e desse mundo político que estou vivendo. Para mim, eu usei, coloquei lá fora, a coleta vinha levava os materiais, dava seu destino e eu não estava nem aí. E, depois que eu entrei na cooperativa, eu vim ver a importância do trabalho que a gente faz enquanto catador hoje.

Infelizmente, ainda não é reconhecido né, temos o número de classificação da carteira de ocupação, mas não é só isso que a gente deseja, a gente deseja de fato poder trabalhar, principalmente na nossa cidade com a coleta. Informar as pessoas que elas precisam separar os

materiais, conhecimento que antes eu não tinha. Hoje, meu pai faz essa separação, minha família faz essa separação, logo no início quando eu era criança, minha irmã mandava jogar o lixo na maré, foi assim que eu fui criada né, mas com o passar do tempo, eu lá com meus vinte e poucos anos que entrei na cooperativa isso mudou muito para mim. Então, não é só aqui que eu faço, na minha casa e na casa de toda minha família.

Eu participo de várias formações, porque a cooperativa não está só, ela faz parte de uma central de cooperativas da Bahia, a qual eu também estou como presidente dessa rede e a gente participa de várias formações. Tem um projeto aí que é durante nove meses, que a gente conseguiu através do edital que justamente a gente está visitando e fazendo formação em todas as cooperativas sobre o lixo, sobre o descarte inadequado do lixo. Além disso, a gente também participa de algumas formações para orientar as pessoas sobre as leis, principalmente a política nacional de resíduos sólidos, a gente fala um pouquinho de saneamento básico. O nosso intuito é de deixar o catador formado para ele poder lutar, lutar por algo que ele tenha o conhecimento da causa, saber como ele vai entrar. Principalmente, a formação política é algo que a gente está mais abraçando no momento né, por conta desse cenário.

Esses processos formativos me possibilitou mais conhecimento, conhecer outras pessoas, outras cooperativas, outras associações que trabalham com a mesma coisa, ou então aquelas mesmas que trabalham na economia solidária que tem outros processos, mas basicamente isso mudou a minha vida. A partir do momento que começo a participar desses fóruns, dessas redes, meu conhecimento aumenta e eu enquanto cidadã, eu poder discutir, brigar pra mim é muito prazeroso.

A cooperativa hoje é um pedaço de mim! Não participei do início, da fundação que foi no ano de 99, mas é um pedaço de mim,

tanto que eu já tenho aqui mais dez anos envolvida nesse processo aqui da cooperativa.

E me empoderei aqui, antigamente eu mal abria a boca, eu falava pouco e ouvia pouco e hoje eu tenho o costume de ouvir mais né e também contribuir. Então para mim, é gratificante eu chegar em um lugar, no Ministério Público, debater em uma prefeitura e ter conhecimento da minha causa, coisa que antigamente eu não ligava, para mim isso não tinha muita importância.

A exemplo da minha atuação do CADSOL, logo no início eu não sabia o que era, vim saber lá na Secretaria do Trabalho e a gente começou a fazer avaliação dos empreendimentos para ter a declaração né, a DCE SOL, e aí que eu vim conhecer o mundo em que eu estou vivendo, muito grande, que não se resume só a Bahia né, é a nível nacional. Então, assim, eu vim perceber que a maioria das cooperativas são composta de mulheres e por a maioria ser mulheres, nós temos que estar na gestão mesmo. Então, para mim, mais uma vez dizer, é um prazer dizer que eu estou enquanto presidenta hoje da minha cooperativa, porque na minha rede hoje a gente tem mais de dez empreendimentos, mas de gestão femininas tem quatro. Porque a maioria das mulheres ainda são tímidas, não querem assumir o papel, são muito inteligentes também, sabem fazer a gestão, mas só querem fazer a gestão de bastidores, então é uma questão também que a gente precisa trabalhar. É as mulheres saírem de onde estão para poder se apresentar enquanto uma gestora.

O peso do título de ser presidente da cooperativa isso pesa muito. Logo no início, antigamente eu dizia meu nome e dizia que era da cooperativa, trabalha no setor de biju, era esse termo que eu usava. Hoje, quando a gente chega que se apresenta digo meu nome e sobrenome, catadora, do bairro do Lobato, é como é que eu falo né, presidente da cooperativa com todos os catadores, as pessoas já dar um outro olhar pra gente, já começam a chamar a gente para outras atividades, já abre mais caminhos. Até porque tem uns probleminhas

nesses caminhos ai né, porque tem muitas pessoas que não gostam de tratar com as mulheres, principalmente alguns homens, quando a gente vai em algum lugar a gente percebe a diferença de como eles tratam a gente, mulher, e como eles tratam outro homem.

Antes, na verdade para mim, ser mulher era aquele conceito que tinha, mulher foi feita para casar, ter filho e ficar em casa. A partir do momento que eu comecei a participar das formações, tanto nas cooperativas como das conferências de mulheres que tem, eu vejo o mundo diferente! A mulher ela pode estar onde ela quiser, independente dela ser mulher ela não precisa ser submissa, ela também pode dar ordem, ela também pode contribuir com o processo, ela está ali para fazer e não para ficar nos bastidores tendo um homem lá falando e ter uma mulher atrás só representando. Então, hoje eu me sinto com esse poder, essa força! E fico feliz por ser uma mulher negra, lá do bairro do Lobato e poder dizer, eu estou enquanto presidenta da cooperativa, além da cooperativa ainda tem central [risos].

Houve incremento de renda, bastante, logo no início, na verdade, nossa renda é um pouco mínima, a gente conseguia tirar entre 100 e 200 reais isso no ano de 2007. Hoje, por conta de algumas parcerias com alguns projetos que a gente teve nos anos anteriores, isso mudou bastante, hoje a gente consegue tirar um salário-mínimo.

No âmbito social, o que hoje acontece na cooperativa é que a gente tem uma parceria com uma associação, ela trabalha com pessoas que vieram para salvador se perderam aqui, ou não tiveram condições de pagar aluguel, ou entraram no mundo das drogas. Então, isso para mim é prazeroso quando a gente abre a porta da cooperativa para poder resgatar essas pessoas. A gente tem aqui alguns internos trabalhando com a gente, fazendo reciclagem e no futuro a gente pretende que ele também vire um cooperado, como todos os benefícios que o cooperado tem e também o lado negativo que possa ter, eles também possam contribuir. Só em saber que ele não vai estar

na rua, que ele vai estar na cooperativa, vai ter o dinheiro dele, isso para mim é excelente, a gente vai estar resgatando vida.

Eu conclui o segundo grau, eu que parei, poderia ter continuado, mas devido a alguns problemas meus, eu não entrei na faculdade, mas ainda tenho planos [risos]. Primeiramente eu vejo a família, quando você tem aquele nível de família que dá um norte, que coloca a gente na escola isso é essencial, graças a Deus eu tive isso! Meus pais sempre colocaram a gente na escola, sempre para fazer cursos, meus pais também sempre estudaram, uma pessoa no mundo sem conhecimento não é nada. Eu tirando meu segundo grau, a experiência que eu tenho hoje é aqui da cooperativa, mas claro que a educação é importante, com certeza, é nosso primeiro contato externo fora da família, a gente conversa com outras pessoas, ter uma pessoa para orientar a gente de todo o processo, é a escola é essencial...

5.5 A HISTÓRIA DE VIOLETA

“...eu sou assim, eu sou mulher, dependo de mim e gosto de ser mulher!”

Tenho 56 anos, me casei nova, tive meus três filhos lindos e maravilhosos e essa vida minha mesma de batalhadora, de trabalhadora de educação sobre os filhos, e essa aí mesmo. Eu sou de Nazaré das Farinhas, mas aqui nessa região de Rio Sena, eu tenho trinta e seis anos e vim para aqui eu tinha vinte anos de idade.

Comecei minha vida escolar lá, estudei até a oitava série, não até o primeiro ano do segundo grau. Eu parei de estudar porque eu me casei e eu vim para aqui (Salvador). E, assim, você sabe que antigamente quem tinha marido, o marido não deixava a gente botar a cara pra fora, quem dirá estudar [risos]. E aí foi vindo os filhos, marido, a luta do dia a dia, eu não queria deixar os meus filhos

sozinho para poder estudar e aí eu não continuei os estudos. Claro que a escola é importante, o que tem de mais importante é a saúde e a escola, não existe mais nada importante do que a saúde e a escola.

Na cooperativa, eu trabalhei muito, mas assim já trabalhei, assim, em casas domésticas, trabalhei no BANEB, em vários outros lugares de limpeza, e tudo, mas o que eu me vi mais, foi numa certa época que eu me desempreguei e fiquei parada, e aí essa cooperativa começou em 2005. Que foi feito por Lídice da Mata que começou um Bagunçaco, que era o bagunçaco, não era cooperativa, até o rapaz que fundou o Projeto Bagunçaco está aí nessa reunião. Quer dizer, a gente ensina as crianças na capoeira e outros tipos de atividade, aí foi indo, foi indo, aí se acabou esse bagunçaco, quando terminou o bagunçaco, juntou o grupo e fundou a cooperativa essa cooperativa em 2005. Pra gente entrar nela, a gente tinha que colocar currículo e pagar uma taxazinha, hoje em dia entra, mas não paga taxa, antigamente pagaria uma taxa e a gente saía pela rua aí catando, e aí foi que eu me encontrei, depois que eu vim, me inscrevi aqui, coloquei meu currículo, aí ele não me chamaram em 2005, no fim de 2006 que ele me chamaram para vir trabalhar. Aí meu filho ainda não gostaram, - ah minha mãe a senhora trabalhar no lixo. Eu disse: - a precisão faz o ladrão, eu vou trabalhar! E aí eu vim trabalhar aqui, gostei, me encontrei, foi o trabalho que eu me encontrei, apesar de o dinheiro ser menos do que eu ganhava lá fora, mas foi o dinheiro que deu para eu sobreviver, mas sendo pouco eu comecei a sobreviver mais, quando eu ganhava pouco aqui na cooperativa do que ganhando muito lá fora. E aí eu me encontro aqui até hoje, desde 2006, eu gosto de fazer o meu trabalho!

Aqui tem parte da triagem, que os cooperados quando os resíduos chegam, e eles vão fazer a separação. E eu sou um tipo, assim, de orientadora deles. Eu procuro orientar eles fazer deles um catador melhor e não pior, pior significa o quê? Pior para mim significa que eles estão parados, fazendo o que não se deve, e o

melhor para mim, que sou orientadora, é que eles aprendem e que eles consiga alguma coisa que ele não teve no futuro, mas que agora na cooperativa eles podem ter. Eu simplesmente sou essa orientadora. Digo o que ele vão fazer, ou que não vão fazer, me sento com eles, faço reunião, se algum tiver com problema vem a mim que eu vou me sento, converso, procuro dar conselho, procuro se tiver algum atrito com eles lá em cima, que venha que desça os dois, venha que aí é boto os dois juntos e aí eu faço a união dos dois para poder não ter atrito, eu sou assim um tipo de orientadora [risos].

Quando comecei esse trabalho, ai mudou tanta coisa na minha vida, mudou eu saber respeitar as pessoas, mudou eu saber que todos nós somos iguais, um para o outro, mudou até na minha própria educação, mudou no meu bem-estar de vida e mudou até na minha, assim, quando eu tenho que preservar aquele dinheiro pouco, mas eu tenho que preservar aquele dinheiro, como eu também posso preservar o meio ambiente, né? Porque se eu não preservar o meio ambiente, vai chegar uma época que eu própria já estou pisando no material que eu estou jogando ali, então se eu não preservar o meio ambiente.

Participo de diversos processos formativos, bastante né? A gente aprende mais, é um ensinando uns aos outros, está me entendendo? E a gente tem, tipo assim, uma ligação, um conjunto, porque se chama cooperativa, então é um cooperando com o outro. Então, nas reuniões eu me sinto como qualquer um dali que esteja, e a gente aprende mais, e também pode ensinar também algo. Eu sei algo, mas Magnólia ou João não sabem, eu já vou falar, ele já vai falar coisa que eu também não sei, e já vou ficar sabendo, está me entendendo? Eu acho que nas reuniões, eu acho aproveitável para mim também.

Ah, rendeu muito! Rendeu porque, eu sou uma pessoa assim, não sei os cooperados, para mim eu dou muito valor aquele dinheiro que eu ganho, eu não sou uma pessoa de botar minha mão, eu só boto minha mão até o caco da minha cabeça, eu dei valor ao dinheiro que eu consegui aqui e procurei investir na educação dos meus filhos, que

eu sempre procurei ajudar eles, a incentivar eles a crescer, está me entendendo? Ajudou muito, na educação de meus filhos de eu pagar transporte para eles irem estudar, na alimentação, minha casa era de telha, mas ou pouco ou muito hoje em dia já é de laje, tá me entendendo? E eu tenho tudo aquilo que para mim basta! O mais importante para mim dessa renda que eu passei a ter, foi formar minha filha na faculdade!

A cooperativa para mim significa, é um tipo de preservação ambiental, é um tipo de educação, é um tipo de eu me ver igual por igual né? É um tipo que eu também posso ajudar outras cooperadas, é um tipo assim, a cooperativa para mim é tipo uma família, não é de sangue, mas é de coração, é igual quando a gente pega uma criança que adota, então a cooperativa para mim, é um filho que eu adotei, não é do meu sangue, mas é de coração!

Então, todos esses cooperados, que eu também sou cooperada, eu me encontro como uma família, uma família de dia eu tenho essa família, e a noite eu tenho a minha família de sangue que está na minha casa.

Pode se dizer que eu me empoderei aqui, eu fico pedindo a Deus que passe sábado e domingo para poder eu já está no meu trabalho. Eu mudei um pouquinho, porque antes eu tinha receio de falar, mas hoje em dia não, hoje em dia eu falo, porque eu tenho direito, procuro preservar também os meus direitos, procuro preservar aquilo que eu possa dizer a alguém, tá me entendendo? Então, eu me achei como autoritária de mim própria, mostrar que eu sou mulher!

Ser mulher é uma coisa muito independente moça, ser mulher para mim é levantar de manhã, botar sua cabeça para cima e ir trabalhar. Eu nunca gostei de depender de homem, tá entendendo? Eu sempre, eu gostei de ser mulher, porque meu pai morreu muito cedo, me deixou muito nova, minha mãe ficou com dez filhos e minha mãe criou a gente desde criança a sendo mulher, trabalhar para botar dentro de casa, tá entendendo? Eu sou mulher, não fui nem criança, eu fui

mulher, mulher independente, sempre, eu gostei de ser mulher! Homem para mim é uma participação que nós mulheres temos que ter mesmo, mas se ele botar um copo, eu tenho que colocar um garfo, certo? Para na hora ele não vir tirar onda comigo, eu sou assim, eu sou mulher, dependo de mim e gosto de ser mulher! Mulher para mim é tudo! Nem todas as mulheres se acham assim, mas eu me acho uma mulher muito importante! Ainda me acho uma mulher guerreira!

O que eu falei é a minha realidade. E também quero pedir para que mulheres mostrem para si própria que elas são mulheres, está me entendendo? Ela não pode ser dependente de ninguém, só dela própria, mostrar que ela é mulher! Então, é esse ensinamento que eu dou as minhas filhas, ser mulher! Ser mulher não é para ter marido, para ficar em casa dentro de uma casa submissa a ele não, mulher é levantar de manhã ser batalhadora e guerreira!

6 DESVELANDO OS PROCESSOS DE EMPODERAMENTO DAS MULHERES COOPERADAS PELA EDUCAÇÃO SOCIAL NA EJA

Este capítulo é reservado a análise do material produzido com intuito de promover o diálogo com a base teórica. Os relatos obtidos com esta pesquisa são importantes fontes de dados para responderem ao objeto deste estudo, que está em compreender, através das histórias orais de vida de mulheres cooperativadas, de que forma a Educação Social na EJA promoveu o empoderamento dessas mulheres, explicando, nesse contexto, a escolarização, o trabalho, a prática de educação social e a EJA.

Dessas narrativas históricas organizou-se a análise a partir de unidades de significação e destas para as categorias, no intuito de poder dialogar e responder ao objetivo deste estudo. Assim, as categoriais são: a escolarização e o significado da educação; o significado do trabalho cooperativo e o dos processos educativos sociais; e o empoderamento feminino e a educação.

6.1 A ESCOLARIZAÇÃO E O SIGNIFICADO DA EDUCAÇÃO

A escolarização é o processo de conhecimento adquirido no ambiente escolar, que está diretamente ligado ao processo de aprendizado na escola. Como direito legal, a escolarização era um tema contemplado desde a primeira Constituição em 1824, que reservava a garantia de uma educação para todos os cidadãos. Como relata Haddad; Di Pierro (2000), “a garantia de uma escolarização básica para todos, não passou da intenção legal. A implantação de uma escola de qualidade para todos avançou lentamente ao longo da nossa história.”

Nesse contexto, mesmo sendo um direito garantido por lei, nem todos tiveram a oportunidade de ter acesso à educação ou de concluir os estudos de forma integral, mas mesmo quando isto acontece, no caso das mulheres, ainda perpassa por alguns atenuantes referentes à questão de gênero como gravidez, machismo e os filhos. A educação é fator primordial para uma nova perspectiva de vida, para mudança de realidade, para uma perspectiva social, por isso o processo de escolarização é tão importante. Nesse sentido, o

quadro abaixo vem explicitando a partir das narrativas o processo de escolarização das entrevistadas:

QUADRO 2 – ESCOLARIZAÇÃO DAS MULHERES COOPERADAS

ENTREVISTADAS	SOBRE O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO
Margarida	Eu sempre estudei por aqui, estudei no 19bc, ali aquele colégio, no Pinto de Carvalho, lá em São Caetano, meu currículo escolar é tudo excelente. Tudo 10, 9 não aceito tomar a média, em nada. Foi, eu casei com 16 anos aí só concluí até oitava série, aí depois eu com 30 e pouco quase 40 anos[...]Aí eu voltei a estudar, estudei os três anos e fui excelente, fui elogiada como a aluna mais inteligente do colégio da minha época[...].
Angélica	Eu fiz o segundo grau completo, porque minha mãe criou a gente com muita dificuldade, muita dificuldade mesmo, só não passamos fome, mas aquela coisa de que roupa é natal e são João e olhe lá [risos], porque assim, comida nunca ela deixou faltar, porque não podia esperar por meu pai que também era alcoólatra e pensava primeiro nele, mas, assim, ela dizia o que posso dar para vocês é o estudo, ela não tinha, quer dizer ela sabia escrever e ler, ler e escrever, porque foi até o terceiro ano primário, mas sabia ler e escrever e fazer conta como ninguém, mas, assim, era uma pessoa que conversava com qualquer um sem fazer feio a ninguém, e ela dizia sempre procurar estudar!
Jasmim	Eu concluí o segundo grau na ordem mesmo, segui a idade concluí com 19 anos, e daí eu parei, eu tinha 19 anos quando eu concluí. Retomei só agora pela necessidade da cooperativa de documento que eu fui fazer, iniciei a contabilidade por necessidade, mas iniciei a graduação com os dois primeiros anos, os quatro semestres, contabilidade, mas aí a gente decide se permanece ou não, quando eu vi que administração era mais completa para necessidade da cooperativa, aí eu mudei e concluí em 2017.1.
Magnólia	Eu concluí o segundo grau, eu que parei, poderia ter continuado, mas devido a alguns problemas meus eu não entrei na faculdade, mas ainda tenho planos.[risos]. Primeiramente, eu vejo a família, quando você tem aquele nível de família que dá um norte, que coloca a gente na escola isso é essencial, graças a Deus eu tive isso!
Violeta	Comecei minha vida escolar lá, estudei até a oitava série, não até o primeiro ano do segundo grau. Eu parei de estudar porque eu me casei e eu vim para aqui (Salvador) e assim você sabe que antigamente quem tinha marido, o marido não deixava a gente botar a cara pra fora, que dirá estudar [risos], e aí foi vindo os filhos, marido, a luta do dia a dia, eu não queria deixar os meus filhos sozinho para poder estudar e aí eu não continuei os estudos. Claro que a escola é importante, o que tem de mais importante é a saúde e a escola, não existe mais nada importante do que a saúde e a escola.

Fonte: elaborada pela pesquisadora (2019).

Os relatos acima revelam o quanto o processo de escolarização é importante para as entrevistadas, elas consideram o estudo como: sucesso escolar; um elemento primordial para ter um bom futuro; como uma necessidade; a educação como essência de vida e a valorização do estudo. Outra questão também registrada nas entrevistadas que para além do ambiente escolar, o laço familiar também se faz presente no processo de educação.

Nas narrativas, encontram-se vestígios para a não continuidade dos estudos, fatores estes, geralmente, ligado ao seio familiar. Rosembergue (1994), em seu estudo, destacou que entre os motivos para o abandono escolar estaria ligado à vida social das mulheres, este, por sua vez, provocava limitações que estavam associadas às questões de gênero e socioeconômicas, dificuldades como: gravidez precoce, cuidado e educação dos filhos, casamento e a dupla jornada (emprego e trabalho doméstico). Esses são fatores que contribuem e fomentam a evasão escolar. A exemplo da fala de uma das entrevistadas,

eu parei de estudar porque eu casei com 16 anos já estava de barriga, fui criar filho, meu marido ganhava pouco não tinha condição de sustentar a casa sozinho, aí eu fui trabalhar para poder sustentar a família, aí depois que minha caçula nasceu minha vida melhorou um pouco. (Entrevistada Margarida, 2018)

Nota-se que uma gravidez precoce, aliada às condições econômicas familiar, ditaram as regras para o processo de abandono escolar, traço este marcado em nossa sociedade, em que as mulheres são alvo preferencial deste processo de exclusão social e de negação de direitos, ao qual o mundo feminino sempre foi submetido.

Algumas mulheres, mesmo com o processo da maternidade conseguiram concluir os estudos tendo que se dividir entre a tripla jornada: a de mãe, estudante e esposa, como relata Angelica (2018) “tive minha filha, já no último ano, é que eu engravidei, casei, mas conclui o segundo grau todo”.

Assim, a educação também é vista como campo em que as desigualdades de gênero se perpetuam e as práticas sexistas também se acentuam no contexto escolar, a partir do momento em que as mulheres são penalizadas por falta de políticas públicas que garantam sua continuidade aos estudos depois que viram mães.

Percebe-se que tal demanda não se apresenta apenas em contextos contemporâneos. Louro (1997) afirma que as segregações social e política, a que as mulheres foram historicamente conduzidas, tiveram como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito e todas as suas especificidades enquanto sujeito feminino desde o surgimento da ciência.

Essa autora aponta ainda que a escola, em seu surgimento, incumbiu de separar os sujeitos internamente, estabelecendo classificação, ordenamento, hierarquização onde jovens e adultos, crianças e adolescentes, por vezes estabelecendo a separação entre meninos e meninas, naturalizando assim os processos classificatórios entre diversos perfis, esquecendo e invisibilizando uma peculiaridade notadamente necessária a questão de gênero em sua

interface com as nuances de vida de uma mulher, sendo a gravidez e seu processo de maternidade/maternagem uma delas. Esta invisibilidade se expressa na vida de uma das entrevistadas.

Eu parei de estudar porque eu me casei e eu vim para aqui (Salvador) e assim você sabe que antigamente quem tinha marido, o marido não deixava a gente botar a cara pra fora, que dirá estudar, e aí foi vindo os filhos, marido, a luta do dia a dia, eu não queria deixar os meus filhos sozinho para poder estudar e, aí, eu não continuei os estudos.(ENTREVISTADA VIOLETA, 2019)

Esta fala, dita com naturalidade por uma das entrevistadas, revela o quão cruel o universo feminino foi submetido e como o machismo explica o quantitativo de mulheres na EJA. Esse falso poder adquirido com o machismo veio como privação da liberdade e direitos das mulheres. A visão construída ao longo desse processo histórico, em que a maternidade e o casamento eram as únicas opções de carreira feminina, negligenciavam a participação social, conforme relata as mulheres cooperativadas (Quadro 3):

QUADRO 3 – O MACHISMO E EDUCAÇÃO

ENTREVISTADAS	SOBRE O MACHISMO E EDUCAÇÃO
Margarida	“...eu parei (de estudar) porque eu casei com 16 anos já estava de barriga, fui criar filho...”
Angelica	Sou separada judicialmente, exatamente por conta dessa, dessa minha, eu acho assim que eu não sou muito de esperar para ninguém me dar, e sempre fui assim e talvez isso até tenha atrapalhado um pouco o relacionamento porque o marido se acostumou a não botar dentro de casa, era alcoólatra, e eu não ia ficar esperando para comer e nem dar comida aos meus filhos, então sempre batalhei, mas graças a Deus levei quase 25 anos nesta luta com homem alcoólatra, mas criei meus filhos dentro da dignidade e venci e graças a Deus estão bem!
Jasmim	Porque está com uma pessoa há mais de trinta anos não é fácil. Muitas pessoas na cooperativa se separaram dos esposos, namorados e eu que aprendi a conviver com a diferença. Se eu não estivesse nesses espaços eu já tinha me separado a muito tempo, mas aprendi a conviver com a diferença em todos os sentidos, graças a Deus.
Magnólia	Até porque tem uns probleminhas nesses caminhos aí, né? Porque tem muitas pessoas que não gostam de tratar com as mulheres, principalmente alguns homens, quando a gente vai em algum lugar a gente percebe a diferença de como eles tratam a gente, mulher, e como eles tratam outro homem.
Violéta	O marido não deixava a gente botar a cara pra fora, quem dirá estudar, e aí foi vindo os filhos, marido, a luta do dia a dia, eu não queria deixar os meus filhos sozinho para poder estudar e aí eu não continuei os estudos.

Fonte: elaborada pela pesquisadora (2019)

As falas acima trazem em seu bojo o retrato do machismo, é a externalização de opressão sofrida pela questão de gênero que marca a trajetória dessas mulheres. É latente quando elas relatam questões como: ter parado de estudar em detrimento do filho e do marido, por conta do alcoolismo, por o homem não conseguir lidar com o fato da mulher romper com este lugar de opressão e decidir deixá-la ou pela mulher que, lutando contra essa mesma opressão, prefere não ter um companheiro, o autoritarismo e a omissão.

O machismo se faz presente em ações cotidianas, desde da violência física, psicológica e simbólica, que faz com que a pessoa inserida neste processo, muitas vezes, negue ou sequer de fato perceba o contexto de agressões ao qual está inserida e essa naturalização do machismo leva a cegueira. De fato, este processo de negação também é estrutural e crítico. Ribeiro (2018) chama atenção,

A pessoa achar que machismo não existe não muda o fato de que a cada 5 minutos uma mulher é agredida no Brasil segundo o mesmo Mapa da Violência. São mulheres sendo mortas pelo simples fato de serem mulheres. Ser crítico é uma coisa, desonestidade intelectual é outra, e é absolutamente impossível debater com inverdades. Além de mostrar claro desrespeito com quem pesquisa, milita e vivência essa opressão na pele. Como alguém pode querer legitimidade para falar sobre algo que ignora? Negar fatos sociais para impor uma opinião é um problema sério de megalomania (RIBEIRO, 2018, 34).

Muito embora Scott (1986) aponte estudos que ecoam a voz de que o poder e as desigualdades sociais são pontos contributivos para pensar o lugar de opressão da mulher na sociedade atual, não se descarta essencialmente características biológicas dos indivíduos e a relevância do contexto sócio-histórico e econômico estabelecido entre os gêneros masculino e feminino.

Dessa forma, pensando as tantas mazelas existentes na sociedade brasileira, vem à tona a situação da opressão que a mulher vivencia nos dias atuais, sendo uma realidade cíclica, devido a todo contexto patriarcal ocidental, e dentre as consequências desta opressão está a falta de acesso da mulher à educação, concentrada pela formação técnica, social e cultural, já que a mulher ocupa na sociedade um lugar prioritário de mãe, orientadora religiosa que precisa ter dedicação e disponibilidade para tais “ofícios”, porém de forma submissa, abnegando-se de outras possibilidades como é o caso do seu acesso à educação, afirma Louro (1997).

Dito isso, percebe-se o significado de acesso à educação para essas mulheres, como nos conta Magnólia:

Meus pais sempre colocaram a gente na escola, sempre para fazer cursos, meus pais também sempre estudaram, uma pessoa no mundo sem conhecimento não é nada [...] Eu tirando meu segundo grau, a experiência que eu tenho hoje é aqui da cooperativa, mas claro que a educação é importante, com certeza, é nosso primeiro contato externo fora da família, a gente conversa com outras pessoas, ter uma pessoa para orientar a gente de todo o processo, é a escola é essencial... (ENTREVISTADA MAGNÓLIA, 2018)

Nesta fala, é possível perceber o olhar da entrevistada sobre a educação. Assim, ela entende que a educação acontece não só no ambiente institucional, mas também é muito importante que a família faça parte deste processo. É notório também que o contexto familiar influencia muito na sua perspectiva em relação à educação, pois se este sujeito encontra incentivo para estudar, provavelmente, ele entenderá um sentido positivo na educação, caso contrário, como afirma a entrevista, a falta de conhecimento será reflexo na minimização de oportunidades.

Essa falta de conhecimento negaria, no entanto, o acesso ao mundo do trabalho formal, por exemplo, na lógica do capital, as pessoas são exigidas, cada dia mais, a se capacitar, a estar sempre a frente de um possível concorrente a um posto de trabalho.

Para as mulheres em cooperativas entrevistadas, a educação é um passo de oportunidades e aprendizado, porque é através das práticas educativas que elas tem acesso a temáticas que envolve o seu dia, passam a compreender os seus direitos, informações importantes do seu campo de trabalho e proporciona uma outra visão sobre sua realidade. Saviani (2007), sobre essa relação de trabalho e educação, destacou que,

aprender a ler, escrever e contar, e dominar os rudimentos das ciências naturais e das ciências sociais constituem pré-requisitos para compreender o mundo em que se vive, inclusive para entender a própria incorporação pelo trabalho dos conhecimentos científicos no âmbito da vida e da sociedade. (SAVIANI, 2007, p. 160)

6.2 O SIGNIFICADO DO TRABALHO COOPERATIVO E O DOS PROCESSOS EDUCATIVOS SOCIAIS

O trabalho cooperativo envolve a produção coletiva de pessoas que comercializam produtos e serviços. Essas iniciativas precedem de uma alternativa a falência do capitalismo em não comportar mais a demanda de mão de obra existente. Singer (2004, p.1) fez uma

análise acerca do surgimento dessas iniciativas, “as cooperativas de trabalho estão em crescimento acelerado nos últimos anos [...] o surto das cooperativas de trabalho se explica pelas profundas transformações sofridas pelo mercado do trabalho, que são autêntica tragédia para o trabalhador”.

Com o processo de industrialização muitos postos de trabalho foram substituídos pelas máquinas, houve uma precarização das relações trabalhistas, que culminou em muitos postos de trabalho que eram assalariados partirem para o trabalho individual, autônomo ou coletivo. Assim, as iniciativas coletivas foram uma alternativa propícia para a geração de renda, já que muitos trabalhadores não encontravam oportunidade de trabalho no mercado formal.

As cooperativas trabalham em uma lógica diferente do capital, pois todos são dono do negócio, o trabalho coletivo permite a participação de todos, numa gestão democrática, na qual o controle da produção é coletiva, bem como a distribuição igualitária dos resultados, ou que o difere de uma empresa capitalista. Nas empresas voltadas para esta lógica do capital, Singer (2002), ressalta que os trabalhadores vendem sua mão de obra, vendem sua capacidade de produzir em prol de salários escalonados de acordo com a experiência de cada um.

Essas iniciativas coletivas, em especial que trabalham no âmbito da economia solidária, fomentam, assim, uma nova visão das relações de trabalho, em que aliado à geração de renda procuram trabalhar princípios e valores que as diferem do modo capitalista. A economia solidária trabalha a partir da cooperação, trabalhando valores como respeito, autogestão, a valorização da pessoa, do cuidado com o meio ambiente e a geração de renda.

Diante desse contexto, o trabalho em cooperativa para as mulheres entrevistadas têm um significado especial, conforme fica expressa no Quadro 4, pois essa atuação não está pautada apenas em gerar renda, mas em construir uma identidade com a atividade que está sendo desenvolvida.

QUADRO 4 – O QUE AS MULHERES FALAM SOBRE O TRABALHO

ENTREVISTADAS	SOBRE MULHERES X TRABALHO
Margarida	Depois que comecei a trabalhar na cooperativa mudou tudo! A autoestima, o narizinho para cima, a liberdade, tudo, tudo, tudo [...] acho que se não fosse essa cooperativa eu não seria ninguém, sem brincadeira.
Angelica	Esse trabalho me proporcionou ganhos, no social eu participar de vários espaços públicos, vários conselhos, vários espaços de debate. No econômico, graças a Deus, me proporcionou muita coisa, eu pude fazer algumas mudanças, reformas na minha casa que estava precisando, na cooperativa também, a gente adquiriu muita coisa, este espaço mesmo é fruto de um processo de formação

	né, um espaço de luta, a gente conseguiu este espaço. O econômico vem me ajudando deste que comecei, vem me ajudando até hoje. Somos 20 mulheres e a cooperativa já tem 20 anos. A cooperativa tem um significado especial para mim.
Jasmim	Eu nem sei como definir, dar uma definição correta do que significa a cooperativa para mim, eu diria assim, para mim além de uma oportunidade, oportunidade da gente mudar em todos os sentidos, oportunidade da gente fazer o que deseja, é não temos limite para isso, tanto que eu uso até no meu perfil, que o céu é limite! Que eu acredito que não há limite para o que a gente quer, basta a gente querer que a gente pode chegar onde a gente quiser, então eu acredito que o céu é o limite, nesse sentido, e é assim que eu vejo uma oportunidade em cooperativa. É liberdade, é uma oportunidade de liberdade.
Magnólia	A cooperativa hoje é um pedaço de mim! Não participei do início, da fundação que foi no ano de 99, mas é um pedaço de mim, tanto que eu já tenho aqui mais dez anos envolvida nesse processo aqui da cooperativa.
Violeta	A cooperativa para mim significa, é um tipo de preservação ambiental, é um tipo de educação, é um tipo de eu me ver igual por igual né? É um tipo que eu também posso ajudar outras cooperadas, é um tipo assim, a cooperativa para mim é tipo uma família, não é de sangue, mas é de coração, é igual quando a gente pega uma criança que adota, então a cooperativa para mim, é um filho que eu adotei, não é do meu sangue, mas é de coração!

Fonte: elaborada pela pesquisadora (2019)

Destaca-se nas narrativas relatos singulares, olhar único, a partir da condição social que os sujeitos desta pesquisa ocupam na sociedade: a condição de mulheres, negras e pobres, alvo preferencial do desemprego e desigualdade de oportunidade quando o assunto é trabalho. Como enfatizado por Davis (2017), quando essa mulher se move, desestabiliza a pirâmide social, muda-se a base do capitalismo, e é justamente isso que o trabalho cooperado propõe na perspectiva da economia solidária. Mudar resquícios de um capitalismo opressor, que separa, distingue e precariza as relações trabalhistas.

O material (conteúdo das entrevistas) produzido, a partir dos relatos das mulheres cooperadas, pode-se constatar o quanto o trabalho é relevante para cada uma das entrevistadas. Destacamos nas falas acima o sentido do trabalho como: um local de autoestima; local de formação e aprendizado; o trabalho como forma de liberdade; como identidade; relação do trabalho com a educação.

A possibilidade de geração de renda, atrelada a uma emancipação financeira, entre outros fatores sociais, enfatiza a satisfação das cooperadas em estarem atuando em um espaço coletivo. Para além dos ganhos econômicos, foi possível perceber nos relatos outros ganhos como sociais, culturais e políticos. As trocas de experiências, os diversos espaços de atuação, o trabalho em rede contribuíram para o processo de formação política dessas mulheres. Singer (2005) destacou o papel da economia solidária como um ato pedagógico,

A Economia Solidária é um ato pedagógico em si mesmo, na medida em que propõe nova prática social e um entendimento novo dessa prática. A única maneira de aprender a construir a Economia Solidária é praticando-a. Mas, seus valores fundamentais precedem sua prática. Não é preciso pertencer a uma cooperativa ou empreendimento solidário para agir solidariamente. Esse tipo de ação é freqüente no campo político e no campo das lutas de classe, sobretudo do lado dos subalternos e desprivilegiados. (SINGER, 2005, p. 19)

No que concerne as atividades formativas, que trazem em sua essência a Educação Social, percebe-se em todos os diálogos analisados a importância de tais processos formativos em todos os aspectos, sejam eles sociais, políticos, culturais e econômicos.

Para Pereira (2015), a educação social, como uma prática educativa socializadora, procura atender a população que vive à margem dos sistemas oficiais e chama atenção para esta realidade, visto que os sujeitos inseridos neste contexto possam ter acesso a oportunidades e experiências de cidadania.

Nesse contexto, destaca-se que a educação social, como intervenção social, procura promover aos indivíduos o conhecimento a partir de práticas educativas que envolvem os sujeitos em perspectiva de mudanças, conforme explicita duas entrevistadas:

Eu sou educadora pela escola do EPESS (Escola Permanente de Educadores Sociais de Salvador) [...]A gente ficou quase dois anos foi muito importante, foi muito rico, ensinou muita coisa, direitos, documentação, contabilidade. Hoje, SESOL tem lojas no Shopping foi por causa da gente, do EPESS, que eles ensinaram. Um professor, chamado Cravo, de contabilidade, ele ensinou que dez por cento de supermercados, do comércio de tudo é para você fazer benefício social e é descontado no Imposto de Renda.(ENTREVISTADA MARGARIDA, 2018).

E então, nesses espaços formativos, eu fui aprendendo outros assuntos, não só de gastronomia, não só de como fazer feijão, de como servir os clientes, fui aprendendo outras coisas né, sobre os direitos humanos, sobre os nossos direitos, nossos deveres, a questão política pela qual a gente passa, que política a gente faz desde a hora que nasce, todo santo dia, mas fui entendendo um pouco mais é nessa conjuntura política mesmo que a gente está hoje, a gente tem um retrocesso muito grande, porque as mulheres tiveram várias conquistas, nós, e hoje a gente tá vendo aí o risco de perder.(ENTREVISTADA ANGELICA, 2018).

No que tange ao ambiente das mulheres em cooperativas, esses espaços formativos são de grande relevância para o processo de transformação de realidade, de mudança, de conhecimento dos direitos e deveres, do mundo que o cerca, como afirma Jasmim,

Todos os processos formativos foram e são importantes, tanto que a gente coloca assim um barema para medir as pessoas da cooperativa que participam desses

espaços como eu e outros, não sei se você chegou a conhecer mais pessoas além de mim, mas as pessoas que participavam e participam desses espaços, elas têm um outro comportamento dos que não participam, mas alguns não querem participar destes espaços, isso ajuda a gente a crescer. (ENTREVISTADA JASMIM, 2018)

A educação social é vista como parte complementar da educação escolar e procura atender a populações mais vulneráveis, promovendo aos sujeitos oportunidades e experiências de cidadania. A relação dialética entre a Educação Social e a EJA, por exemplo, torna-se possível na medida em que, como afirma Pereira (2015), “fundado na problematização da situação vivida pelos oprimidos, capaz de mudar suas representações da situação vivida, criando desejos e possibilidade outras de vida (i)material”. Assim, esta educação estaria problematizando e fomentando a reflexão do sentido das questões sociais vividas por estes sujeitos.

Embora o trabalho educativo social, embora não vise o ensino de conteúdos escolares, não significa que os despreze; pelo contrário, adota aqueles relacionados aos problemas pessoais e sociais enfrentados pelos educandos, estes são trabalhados em uma perspectiva pedagógica freireana em que se busca problematizar esses conhecimentos com vistas a conscientização crítica e mudança de vida (i)material, não para nessa prática, mas continua na garantia da escolarização plena, de qualidade e no contexto da pedagogia libertadora. PEREIRA (2015, p. 31973)

Estes diversos espaços que praticam a educação social diferem de uma lógica da educação formal na medida em que propõem atividades problematizadoras, que rompem com os esquemas verticais característicos da educação bancária, que promovem através das práticas educativas para libertar, transgredir, mediar para construção de uma postura crítica de sua realidade e, assim, poderem construir processos participativos com qualidade. Além disso, fomentar espaços de cidadania. Nesse sentido, Freire (1980) defendia a prática de uma educação problematizadora que permitisse a libertação de uma consciência oprimida.

Essas atividades no âmbito das cooperativas se dão a partir de temáticas que são importantes para o desenvolvimento das atividades produtivas e estão relacionadas tanto ao contexto produtivo como ao social, o intuito é promover uma educação problematizadora que permita a estes sujeitos reflexão sobre o contexto social que estão inseridos. Assim, muitas formações envolvem questões de cidadania, de direitos humanos, sobre cooperativismo, viabilidade econômica, valorização da mulher.

Em uma outra vertente de formação, é preciso também destacar, os espaços coletivos de discussões, onde a participação destas mulheres também representam uma forma de aprendizado, esses espaços de diálogos como conselhos, fóruns, coletivos, plenárias, redes de

mulheres promovem além de troca de saberes, a luta pela classe, formação política e o exercício do poder da fala. Esses espaços auto-organizados fortalecem a luta das mulheres e concretizam a articulação desses sujeitos sociais na construção dos espaços que permitam a reflexão e a luta contra a invisibilidade que os cerca.

Contudo, a representação das mulheres nos espaços auto-organizados ainda acontece de forma muito tímida e sutil, ainda como reflexo de todo contexto histórico de anonimato atribuídos as mulheres.

6.3 EMPODERAMENTO FEMININO E EDUCAÇÃO

O empoderamento feminino é um tema muito recorrente atualmente, essa terminologia vem sendo empregada em diversos contextos e, de certa forma, desgastada pela aplicação do uso de forma equivocada. Para mim, falar de empoderamento feminino remete a um processo de emancipação e conscientização destas mulheres na sociedade. É preciso reforçar que o conceito de empoderamento explorado aqui difere da noção advinda do capitalismo, e sim, em uma perspectiva desenvolvida pelo olhar de Freire, da liberdade como um ato social.

Para Freire (1986), o conceito de empoderamento estaria ligado ao de classe social, a conscientização seria um processo desenvolvido a partir do meio em que o sujeito estivesse envolvido, atrelado a sua interação com este meio, em consonância essas iniciativas que pudessem mudar, transformar sua realidade. Assim, não acredita em autolibertação, e sim em um processo de conscientização, a partir das trocas sociais que levaria a mudança de realidade. Nesse processo de tomada de conscientização, esses sujeitos passariam a compreender sua realidade rompendo um laço de percepção ingênua, gerando um pensamento crítico acerca de sua própria realidade, de maneira a percebê-la de forma mais lúcida e crítica, possibilitando transformá-la

E esse processo não é tarefa fácil, especialmente para a mulher negra, que tem que lutar cotidianamente para romper com as questões de gênero, raça e classe. Nesse contexto, é importante ressaltar que o empoderamento advém de uma proposta de luta social, rompendo o processo de subalternidade que o sujeito está inserido para uma outra condição. Reforçasse aqui, que o empoderamento está ligado diretamente ao processo de conscientização.

Diante desse arcabouço, o empoderamento feminino parte dessa perspectiva de tomar consciência de todas as práticas de opressão, de negação de direitos, de dominação que o universo feminino foi sujeitado ao longo do processo histórico e, nessa reflexão, possibilitar medidas que minimizem essas atitudes. Assim, é importante que tais medidas sejam casadas também com práticas educativas que permitam que as mulheres tenham acesso a seus direitos, que elas possam modificar sua condição social para poder mudar este ciclo de negação e ponham fim no silêncio que as acometem.

É sobretudo neste contexto que a Educação é o principal instrumento de mudança. Pois, a partir do conhecimento, esta mulher vai entender que é capaz, e mudar com este processo histórico de inferiorização e desumanidade. Essa dialogicidade entre a Educação e o Empoderamento Feminino permite a reflexão que,

mudamos nossa compreensão e nossa consciência à medida que estamos iluminados a respeito dos conflitos reais da história. A educação libertadora pode fazer isso – mudar a compreensão da realidade. Mas isto não é a mesma coisa que mudar a realidade em si. Não. Só a ação política na sociedade pode fazer a transformação social, e não o estudo crítico em sala de aula (FREIRE, 1986, p. 207)

Esta questão se torna relevante quando percebe-se que este empoderamento está presente nos discursos das entrevistadas, conforme demonstra o Quadro 5:

QUADRO 5– SOBRE O PROCESSO DE EMPODERAMENTO

ENTREVISTADAS	EMPODERAMENTO E EDUCAÇÃO
Margarida	Eu acho que eu me empoderei, eu me emponderei! Se empoderar é se acentuar naquilo que você faz, né? Gostar daquilo que você faço, querer fazer melhor sempre melhorar, eu tô sempre assim, eu estou mal assim de cabeça, mas minha cabeça está assim cheia de novidades, para quando eu sentar eu dizer agora largar tudo e então está sempre mudando!
Angélica	Eu me empoderei muito aqui, muito, porque antes assim eu não tinha essa coisa de tá falando, de ficar me expressando assim, eu era mas calada, eu era mais de ouvir.
Jasmim	Com certeza, com certeza eu me empoderei aqui na cooperativa, se eu não tivesse na cooperativa eu não seria apenas (Jasmim cita o nome e sobrenome), seria apenas (Jasmim cita o nome), se é que você me entende [risos].
Magnólia	E me empoderei aqui, antigamente eu mal abria a boca, eu falava pouco e ouvia pouco e hoje eu tenho o costume de ouvir mais né e também contribuir. Então para mim, é gratificante eu chegar em um lugar, no Ministério Público, debater em uma prefeitura e ter conhecimento da minha causa, coisa que antigamente eu não ligava, para mim isso não tinha muita importância.
Violeta	Pode se dizer que eu me empoderei aqui, eu fico pedindo a Deus que passe sábado e domingo para poder eu já estar no meu trabalho. Eu mudei um pouquinho, porque antes eu tinha receio de falar, mas hoje em dia não, hoje em dia eu falo, porque eu tenho direito, procuro preservar também os meus direitos, procuro preservar aquilo que eu possa dizer a alguém, tá me

	entendendo? Então, eu me achei como autoritária de mim própria, mostrar que eu sou mulher!
--	--

Fonte: elaborada pela pesquisadora (2019).

Enfatiza-se aqui, a propriedade nas falas dessas mulheres, de seu reconhecimento enquanto mulheres, negras, pobres, oriundas de periferias e que se apropriam deste espaço em que convivem para se posicionarem. As narrativas revelam que o empoderamento vem a partir da satisfação pessoal, como forma de expressão e de conscientização de sua realidade, do lugar de pertence dessas mulheres, de identidade, como rompimento do silenciamento e como forma de valorização da autoestima. É importante perceber que vários aspectos contribuíram para que elas tenham essa postura, seja ele social, econômico ou político. Conforme citado por Magnólia,

A mulher, ela pode estar onde ela quiser, independente dela ser mulher. Ela não precisa ser submissa, ela também pode dar ordem, ela também pode contribuir com o processo, ela está ali para fazer e não para ficar nos bastidores tendo um homem lá falando e ter uma mulher atrás só representando, então hoje eu me sinto com esse poder, essa força! E fico feliz por ser uma mulher negra, lá do bairro do Lobato e poder dizer, que eu estou enquanto presidenta da cooperativa, além da cooperativa, ainda tem central [risos].(ENTREVISTADA MAGNÓLIA, 2018)

O lugar social que estas mulheres ocupam hoje, de serem lideranças em suas cooperativas, representam o quanto revolucionário é essa conquista que vem de um longo processo formativo, de atuação em diversos espaços, do reconhecimento do lugar de fala que cada uma tem ao longo de sua trajetória de vida. Elas, de fato, contrariam a lógica de uma sociedade machista e excludente que não absorve a figura feminina em papel de destaque, mesmo que, como lembra Ribeiro (2017, p.69), o lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas.

Contudo, Ribeiro(2017) ainda faz um alerta para o fato de que nem sempre estas mulheres têm consciência do *locus* social que ocupa, o lugar social não determina uma consciência discursiva. Implica-se aqui que o conceito de gênero, raça e classe social não pode ser analisado de forma isolada. O pensamento de Ribeiro (2017) coaduna com esse contexto social em que as mulheres ouvidas estão inseridas, pois

Não a toa, ao pensar conceitos como interseccionalidade e perspectivas revolucionárias, essas mulheres se propuseram a pensar novas formas de sociabilidade e não somente nas opressões estruturais de modo isolado. (RIBEIRO, 2017, p. 46)

Assim, o empoderamento feminino, aliado ao processo de educação, se dá a partir do momento em que este sujeito político toma pertence de suas próprias vidas. Essas mulheres

passam a ser protagonistas de suas histórias, conscientes de sua condição social. Ou seja, cria-se uma questão da identidade e de rompimento com as formas de opressão históricas. Com as mulheres em cooperativas, isso se deu a partir das práticas educativas proporcionadas pelo ambiente do trabalho.

Retoma-se que esta consciência desse processo de transformação só se fez presente a partir das interações sociais. Individualmente, tal prerrogativa decerto não aconteceria. Destaca-se, então, o papel da educação como elemento primordial de empoderamento para as mulheres, pois é, através dela que estes sujeitos refletem e têm a possibilidade de construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Essa discussão é possível a partir de práticas formativas que permitam a reflexão dos problemas sociais latentes e de como esta mulher se vê perante a sociedade. É importante destacar como elas se enxergam na condição de mulher nos dias atuais.

Ser mulher é o início de tudo, é a força, é a emoção, é a superação, sem a mulher não existe nada, porque sem a mulher o homem não nasceria. E sempre que tem um homem em uma posição maior eu digo me reportando a Dilma, nossa presidenta, a nossa primeira presidenta mulher, ela estava ao lado de Lula. Então, sempre que tem um homem de posição você pode olhar que tem uma mulher na frente, uma mulher ao seu lado, uma mulher atrás dele, né. Porque a mulher para mim é tudo! E uma mulher que busca conhecimento, que não baixa a cabeça para ninguém, que cria seus filhos, principalmente nesse mundo de hoje machista (ENTREVISTADA ANGELICA, 2018).

Por isso, a importância de falar sobre mulheres, em tempos difíceis, de ouvi-las, lê-las, como um processo de resistência, que se faz necessário, como um exercício diário da luta de uma opressão latente que ainda permeia nos dias atuais. Com um cenário político adverso, relatar experiências femininas é sinalizar sobre os diversos campos de atuação da mulher, é refletir sobre as condições de vida, de trabalho, de seu papel social e, nesse sentido, principalmente das mulheres em cooperativas. Assim, este estudo visa contribuir para que mais mulheres possam contar suas histórias contrariando a lógica da invisibilidade.

7 CONCLUSÃO

Considerando tudo que foi posto no decorrer deste estudo, todos os objetivos e análises dos conteúdos realizados, se faz entender o quanto é importante ter como tema de investigação a questão da mulher e seu processo de empoderamento pela via da educação, trabalho e cooperativismo. Essa troca, as experiências vividas, o contato com as entrevistadas é, sem dúvida, de grande relevância social, porque, ao compartilhar tantas histórias de vida de mulheres, compreende-se melhor o lugar que a mulher vem ocupando na sociedade brasileira.

Neste estudo, pode-se compreender um pouco sobre as histórias de vidas destas mulheres a partir do olhar delas, do lugar de fala de cada uma das cooperadas, histórias repletas de sentimentos, de luta e que revelam detalhes de riquezas sobre vários aspectos sociais como a educação, geração de renda, a questão de gênero, a família, entre outros.

O estudo partiu da seguinte questão de investigação: O processo de mediação da educação social, escolarização e o trabalho que foi vivido pelas mulheres das cooperativas oportunizou uma consciência de empoderamento?

O objetivo geral foi compreender através das histórias orais de vida de mulheres cooperativadas, de que forma a Educação Social na EJA promoveu o empoderamento dessas mulheres, explicando, nesse contexto, a escolarização, o trabalho, a prática de educação social e EJA. Os objetivos específicos foram analisar as histórias de vida de mulheres das cooperativas; perceber se ocorreu um processo de empoderamento e compreender o processo de escolarização, da educação social na EJA e o trabalho das cooperadas.

A metodologia da história oral foi o modelo de pesquisa utilizado que consiste numa compreensão particular do fenômeno a ser pesquisado, buscando a partir das histórias de vidas das mulheres cooperadas, suas memórias, seu resgate de identidade, suas experiências vividas e explicações para os fenômenos do empoderamento social via educação e trabalho. É compreender, através das narrativas, o sujeito histórico, uma experiência que parte subjetivamente a partir do olhar dos envolvidos na pesquisa.

A análise de conteúdo baseado em Franco (2008), através da perspectiva de Bardin (2009) que permitiu categorizar os temas mais relevantes dessas narrativas, dando subsídios para responder aos objetivos propostos no início desta pesquisa.

Os principais resultados foram o papel da educação como primordial na busca pelo conhecimento, na formação cidadã e, por consequência, a conscientização sobre seus direitos. Ou seja, reconhecem o papel da educação como fundamental para transformação social; as opressões sofridas pela questão de gênero, na condição de mulher, os relatos alertaram para o machismo estruturado pela sociedade, que se fez presente nas questões de evasão escolar, como ligados ao seio familiar; de forma positiva, percebeu-se a valorização do trabalho como processo de transformação social e empoderamento feminino, a partir do processo de conscientização de sua realidade e mudança de vida. Assim, a partir das narrativas foi possível categorizar os principais pontos tratados, elencando como primordial a escolarização e o significado da educação, o significado do trabalho cooperativo e o dos processos educativos sociais e o empoderamento feminino e educação, sintetizar as informações em diálogo com as fontes teóricas.

O resultado da pesquisa permitiu responder a questão de investigação da pesquisa, as histórias contadas pelas mulheres cooperadas relataram que essas mulheres passaram por um processo de conscientização maior da sua realidade, ampliaram a noção de direitos, bem como um maior conhecimento de sua realidade. Isso foi possível a partir do acesso à educação via trabalho, pois a partir da inserção das mesmas nas cooperativas, paralelamente, elas passaram por processos educativos, típicos da Educação Social, que possibilitaram dinamizar o saber, oportunizaram a troca de experiência e aproximação de temáticas do cotidiano que fomentam os problemas sociais.

Sobre o tipo de empoderamento ocorrido, os relatos informaram desde aumento da autoestima, a mudança de comportamento, a formação política, a participação na renda familiar, a um lugar de representatividade em suas cooperativas e em diversos espaços de diálogo, em saber que elas podem chegar onde quiserem. E que a escolarização, o trabalho e a educação social na EJA promoveram uma ressignificação do que é educação, a importância dos processos formativos para a construção do saber.

De forma geral, os objetivos da pesquisa foram alcançados, compreendeu-se de que forma as histórias orais de vida de mulheres cooperadas revelaram o processo de empoderamento a partir da escolarização, do trabalho e da prática de educação social. A partir das narrativas, foi possível perceber que o trabalho cooperado é uma opção real de fonte de renda, que possibilitou a conquista da independência financeira das mulheres cooperadas, a conscientização do seu *locus* social e sua formação política. Ainda assim, um detalhe chama a

atenção, que do grupo selecionado das mulheres cooperada, algumas chegaram a concluir os estudos no tempo formal, o que revela um outro olhar para aqueles oriundos em cooperativas que, equivocadamente, tendem a achar que são compostos por pessoas de baixa instrução ou que não tiveram acesso ao mercado formal. Entretanto, aqui percebe-se que as mesmas encontraram na cooperativa não só um espaço de trabalho, mas um local de representatividade, de identidade e acima de tudo de sentido de vida.

Levando em consideração a ambivalência das impressões percebidas nestes estudo, surgem dois sentimentos: de forma positiva, destacam-se a valorização da mulher em seu espaço de trabalho, seu processo de conscientização e transformação, os processos formativos que são espaços de grande aprendizado e troca de saberes, as possibilitando novas vivências. O papel de liderança em seus espaços, reflexo da luta diária por autoafirmação e a oportunidade de gerar renda para suas famílias.

Por outro lado, ainda pode-se constatar condições de trabalho precários, falta de oportunidades, desvalorização do trabalho de catadores e, de forma geral, o trabalho da economia solidária, poucas políticas públicas que atendam as necessidades dos empreendimentos econômicos solidários e o desconhecimento da população dessa prática de geração de renda.

Foi possível perceber uma mudança de realidade das mulheres envolvidas pelo trabalho coletivo no que diz respeito a renda familiar, mas também ficou patente que essas mulheres, embora obtiveram processos de empoderamento, têm muita consciência crítica desse processo, bem como do seu lugar na sociedade e na educação. Isso permite-se pensar de que forma esta pesquisa poderia contribuir efetivamente para elevar o pensamento dessas mulheres numa possibilidade de crítica? Assim, como exigência do mestrado profissional, a a partir dos achados da pesquisa pensou-se em oportunizar as contribuições das entrevistadas em um processo de formação pela via de oficinas temáticas que abordassem as questões de empoderamento feminino, questões de gênero, educação social, educação de jovens e adultos e trabalho cooperativo, renda etc.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejam todos feministas**. Editora Companhia das Letras, 1ª Ed- São Paulo. 2014.
- ALBERTI, Verena. Fontes orais: Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia G. C. C.; GOMES, Nilma Lino (Orgs.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p 19-50.
- BAQUERO, Rute Vivian A. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual - **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr, 2012.
- BAQUERO, Marcello; BAQUERO, Rute. Trazendo o cidadão para a arena pública: Capital Social e empoderamento na produção de uma democracia social na América Latina. **Redes**, v. 12, n. 1, p. 125-150, 2007
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2009.
- BERTH, Joice. **O que é empoderamento?**. Letramento Editora e Livraria LTDA, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais /** – Brasília : MEC/SEF, 1997. 126p.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: Acesso em 23 maio 2016.
- BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 15 janeiro 2016.
- CALIMAN, Geraldo. Pedagogia social: contribuições para evolução de um conceito. In: SILVA et al. (Orgs.). **Pedagogia social: contribuições para uma teoria geral da educação social**. São Paulo: Expressão e Arte, 2011. v. 2.
- CULTI, Maria Nezilda. O cooperativismo popular no Brasil: importância e representatividade. In: CONGRESSO EUROPEO DE LATINOAMERICANISTAS, 3, 2002, Amsterdam.
- DAVIS, Ângela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DI PIERRO, Maria Clara. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. **Educação & Sociedade**, v. 26, n. 92, 2005.
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Educação e Mudança**. 12. ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

_____. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo.; SHOR, I. **Medo e ousadia** – o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GADOTTI, Moacir; ROMAO, José E.. **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. 10. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2008.

GADOTTI, Moacir. **Educação Popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum**. In: Congresso internacional de Pedagogia Social, 4, 2012, Campinas,

GARRIDO, Noêmia de Carvalho. Educador social: diferentes campos de atuação, formação e reconhecimento profissional. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 2012, São Paulo. **Anais** Eletrônicos. Associação Brasileira de Educadores Sociais. Disponível em: <4v2/15.pdf>. Acesso em: 25 mai 2018

GODOY, A. S. Introdução a Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995

GONH, Maria Glória. Educação não – formal, educador (a) social e projetos sociais de inclusão social. **Meta: Avaliação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.24 - 37, jan./abr. 2009.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5.ed. São Paulo: Atlas,1999.

GRACIANI, Maria Stela Santos. A Pedagogia social no Trabalho com Crianças e Adolescente em Situação de Rua.In: SILVA, SOUZA NETO, MOURA et al. (Orgs.). **Pedagogia social**. São Paulo: Expressão e Arte, 2011. v. 1. 2 Ed.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**. n. 14, mai/jun/jul/ago, 2000.

LOURO, Guacira. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Érico Ribas et al. **A constituição da pedagogia social na realidade educacional brasileira**. 2010. Disponível em: <>. Acesso em: 18 mai. 2018.

MACHADO, Evelcy Monteiro. Pedagogia social: percursos, concepções e tendências. In: SILVA et al. (Orgs.). **Pedagogia social: contribuições para uma teoria geral da educação social**. São Paulo: Expressão e Arte, 2011. v. 2. 40.

MEIHY, José. C. S. B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. Tradução Isa Tavares. - São Paulo, 2008.

MULLER, Verônica Regina; MOURA, Fabiana; NATALI, Paula Marçal; SOUZA, Cléia Renata Teixeira de. A formação do profissional da educação social: espectros da realidade. XVIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O MERCOSUL/CONE SUL. UFSC. 2010, Santa Catarina. **Anais eletrônicos**. Santa Catarina: UFSC, 2010. Disponível em: <<http://seminarioformprof.ufsc.br/files/2010/12/M%C3%9CLLER-Ver%C3%B4nicaRegina3.pdf>>. Acesso em: 18 maio de 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, Cândida Andrade de. **Educação Social e Política de Juventude no Brasil e em Portugal: experiências de jovens afrodescendentes**. 211 f. 2017. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

MULHERES Transformando a Economia: **Cartilha da Economia Solidária e Feminista**. 2015. Disponível em: <<http://http://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2016/02/cartilhaSOFdigital.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2017.

NISKIER, Arnaldo. **Educação Brasileira: 500 anos de história, 1500-2000**. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1989.

PAIVA, Jacyara S de. **Experiências, compreendendo as vivências e.; de rua, produzidas na educação social**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES. 2011.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de Adultos**. 5. ed. São. Paulo-SP: Edições Loyola – Ibrades, 1987

PEREIRA, Antônio. **A Regulamentação da profissão de educador social e os impactos sobre a sua profissionalidade e formação**. Congresso Brasileiro de Sociologia. 16, 2013.

_____. **Os Novos Sujeitos da EJA e da educação social:** as pessoas em situação de vulnerabilidade. Educere -XII Congresso Nacional de Educação.2015 Disponível em: social.. Acesso em 21 de mai. 2018

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos.** 8. ed. São Paulo. Cortez; 1993.

RAGO, Margareth. **Entre a história e a liberdade:** Luce Fabri e o anarquismo contemporâneo. São Paulo: Editora UNESP, 2001. 19 p.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Letramento Editora e Livraria LTDA, 2017.

ROMANO, J. O. Empoderamento: recuperando a questão do poder no combate à pobreza. In: ROMANO, J. O; ANTUNES, M. (Orgs.). **Empoderamento e direitos no combate à pobreza.** Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2002, p 30-51.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação e gênero no Brasil. In: PONTIFÍCIA Universidade Católica de São Paulo (Org.). **Mulher e educação.** São Paulo: EDUC, 1994

_____. Fúlvia. Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. **Revista estudos feministas**, v. 9, n. 2, p. 515, 2001.

SANDENBERG, Cecília. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista.** Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEM, PO’, NEIM/UFBA. Salvador, Bahia, de 5-10 de junho de 2006.

SAVIANI, Dermeval et al. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista brasileira de educação**, 2007.

_____. **Pedagogia histórico-crítica:** primeiras aproximações.. (educação Contemporânea), 10. ed. Campinas: Autores Associados, 2008

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade.** Porto Alegre, v.16, n.2, p., 5-22, jul/dez., 1990.

SILVA, Márcia Rosana Costa. **Relação entre a prática docente e a evasão escolar no ensino da EJA fundamental II.** (monografia) (2015).

SILVA, Cesar Augusto Cruz da. **O Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) em um Centro Estadual de Educação Profissional:** evasão e remanescente. 2014. 409 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia – Tecnologia e Trabalho) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Curitiba, 2014.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária.** São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2002.

_____. Cooperativas de trabalho. **Brasília, DF: MTE**, 2004. Disponível em: <<http://www.mobilizadores.org.br>>. Acesso em 20 mar 2019.

_____. A economia solidária como ato pedagógico. **Economia solidária e educação de jovens e adultos**. Brasília: Inep, p. 13-20, 2005.

SOUZA, André Ricardo de. Um exame da economia solidária. **Revista Outra Economia**. São Leopoldo, v. 5, n. 59, p. 173-184, jul-dez. 2011.

SOUZA, Elizeu clementino de. (Auto)biografia. História de vida e práticas de formação. in: NASCIMENTO, Antônio D.; HETKOWSKI, Tania Maria.(Orgs.). **Mémoria e Formação de Professores**. Salvador: Editora da Edufba, 2007, p. 59-574.

STRECK, Danilo R.; SANTOS, Karine Educação de Jovens e Adultos: diálogos com a Pedagogia Social e Educação Popular. **EccoS Revista Científica**, São Paulo, n. 25, p. 19-37, jan/jun, 2011.

THIOLLNT, Michel, **Metodologia da pesquisa-ação**. 2. ed. (Coleção temas básicos de Pesquisa Ação). São Paulo: Cortez - Autores Associados, 1986.

TRILLA, Jaume. **La educación fuera de la escuela**. Barcelona: Ariel., 1996.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VENTURA, Jaqueline Pereira. A Noção de Educação ao Longo da Vida e a Educação de Jovens e Adultos. IN DANTAS; LAFFIN; AGNE (Orgs.). **Educação de Jovens e Adultos em debate: Pesquisa e Formação**. Curitiba: CRV, 2017.

O que é empoderamento. Geledés Instituto da Mulher Negra . 2018. 5' 44". Disponível em: “https://youtu.be/TM6rh5s8_pE”. Acesso em: abril de 2019.

Prática de Autogestão da economia Solidária. Fundação Banco do Brasil. Campo Grande,- Mato Grosso do Sul, 2013. 3' 46": Disponível em: “<https://youtu.be/90uQa3UOCWg>”. Acesso em: abril de 2019.

A Construção do Futuro Feminino. Trip Tv. Casa TPM, 2017. 20' 25" Disponível em: <https://youtu.be/Ki2SC6iDa08>. Acesso em: abril de 2019.

Conferência Angela Davis na UFBA. TVE Bahia. UFBA, 2017. 1º 05'. Disponível em: <https://youtu.be/2vYZ4IJtgD0>. Acesso em: abril de 2019.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS
MESTRADO PROFISSIONAL**



ROTEIRO DE ENTREVISTA

1) Sobre o ambiente do trabalho

- a) Fale um pouco sobre seu trabalho na cooperativa
- b) Quando começou o trabalho na cooperativa?
- c) O que mudou em sua vida após iniciar o trabalho cooperado?
- d) você participa das atividades formativas que a cooperativa propõe?
- e) O que os processos formativos, a partir da Educação Social, possibilitou a você?
- f) Podemos dizer que você se empoderou aqui?
- g) O que significa a cooperativa para você?

2) Sobre Educação

- a) o que é a escola para você?
- b) Durante sua vida teve acesso à escola?
- c) O que é educação?
- c) Qual o nível de escolaridade?

3) Sobre as questões socioeconômicas

- a) Para você o que é ser mulher diante da vida?
- b) Houve incremento de renda após o início da atividade na cooperativa?
- c) Quais os ganhos deste processo (social, cultural, econômico, formativo e/ou político)?

Obs.: Este roteiro de perguntas não exclui outras questões que possam vir a aparecer ao longo do processo de entrevista.

APÊNDICE B - DIÁRIO DE BORDO**DIÁRIO DE BORDO**

Este instrumento possibilita o registro de informações adicionais ao roteiro de entrevistas. Serão observados gestos, emoções, momentos que chamem a atenção durante a entrevista.

a) Entrevistada _____

b) Data da entrevista _____

c) Observações _____

d) Registros fotográficos

**APÊNDICE C - PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA:
HISTÓRIA ORAL DE MULHERES EM COOPERATIVAS: O PROCESSO DE
EMPODERAMENTO PELA EDUCAÇÃO SOCIAL NA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS**

GRACIELA REGINES DE PAULA NASCIMENTO SANTOS

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA :HISTÓRIA ORAL DE
MULHERES EM COOPERATIVAS: O PROCESSO DE EMPODERAMENTO PELA
EDUCAÇÃO SOCIAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Salvador, Ba

2019

GRACIELA REGINES DE PAULA NASCIMENTO SANTOS

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA: HISTÓRIA ORAL DE
MULHERES EM COOPERATIVAS: O PROCESSO DE EMPODERAMENTO PELA
EDUCAÇÃO SOCIAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Projeto de Intervenção Pedagógica, como parte dos requisitos para a dissertação, no Mestrado em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA) da Universidade Estadual do Estado da Bahia – UNEB. Área de Concentração 1: Educação, Meio Ambiente e Trabalho. Orientador: Prof. Dr. Antonio Pereira/UNEB

Salvador, Ba

2019

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	115
1.1 OBJETIVO GERAL	116
1.2 OBJETIVO ESPECÍFICOS.....	116
2. METODOLOGIA.....	116
3. OFICINAS.....	117
3.1 PRIMEIRA OFICINA.....	117
3.2 SEGUNDA OFICINA.....	118
3.3 TERCEIRA OFICINA.....	119
3.4 QUARTA OFICINA.....	119
4. FICHA DE OBSERVAÇÃO.....	121
5. PLANO DAS OFICINAS DO PROJETO DE INTERVENÇÃO.....	122
REFERENCIAS.....	123

INTRODUÇÃO

A presente Proposta de Intervenção Formativa é mais uma etapa do projeto de pesquisa História Oral De Mulheres Em Cooperativas: O Processo De Empoderamento Pela Educação Social Na Educação De Jovens e Adultos. Esta atividade formativa tem como finalidade trabalhar temáticas latentes a partir do que foi observado com o resultado da pesquisa com as temáticas de empoderamento feminino, questões de gênero e trabalho cooperativo.

As práticas formativas se darão a partir de um processo de intervenção com as cooperadas, em que as temáticas serão trabalhadas a partir de uma prática pedagógica dinâmica com o intuito de possibilitar reflexões, (des) construções de saberes que visem acrescentar conhecimento e troca de experiências a essas mulheres. A proposta didática pensada para os encontros visa propiciar aos participantes um ambiente que possibilite à participação, interferência, a (re)criação de saberes, motivação por parte dos envolvidos.

Entendendo que a Educação, bem como os processos formativos, dialoga com as práticas de trabalho das mulheres cooperadas, a partir do momento em que visam aproximar as temáticas ligadas aos problemas do cotidiano e permite a reflexão das suas causas. Coaduna com o pensamento de Saviani (2008, p. 12) quando afirma que a “educação é um fenômeno próprio dos seres humanos significa afirmar que ela é, ao mesmo tempo, uma exigência do e para o processo de trabalho, bem como é, ela própria, um processo de trabalho”. Assim, as oficinas pedagógicas serão adotadas de forma crítico - reflexiva para possibilitar a ampliação de conhecimentos pelos participantes.

Assim, essa proposta didática visa permitir a reflexão das temáticas sobre empoderamento feminino, contudo, neste contexto, falar apenas sobre empoderamento não teria sentido, assim ampliamos a reflexão sobre as questões de gênero e o trabalho cooperativo como uma prática pedagógica. Para tanto, serão convidadas não só as participantes da pesquisa, mas todas as cooperadas integrantes dos grupos entendendo que este processo formativo é de suma importância para o coletivo.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Promover uma reflexão acerca das temáticas empoderamento feminino, questões de gênero e trabalho cooperativo, buscando de que forma as práticas do cotidiano interferem no processo de conscientização das mulheres cooperadas.

Objetivos Específicos

1. Analisar a partir das formações no modelo de oficinas investigativas formativas, os conhecimentos acerca dos temas.
2. Identificar a aproximação conceitual das mulheres cooperadas com a temática trabalhada.
3. Refletir sobre o processo da intervenção/ formação, buscando quais estímulos fomentaram e ressignificaram os conceitos trabalhados.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento das oficinas formativas utilizaremos o processo de metodologia ativa onde os sujeitos são os maiores responsáveis pelo aprendizado, assim pensamos em atividades que permitam a interação constante dos participantes. O intuito deste método é garantir que a absorção dos conteúdos abordados aconteça de forma participativa e autônoma, para isso as formações foram idealizadas de forma a incentivar a crítica e a reflexão. Contudo, salientamos que mesmo havendo um planejamento, a aplicação do método não é estática, e sim flexível, possibilitando avaliação e a reavaliação, respeitando as especificidades dos sujeitos.

As atividades acontecerão em quatro encontros formativos com duração de três horas e pretende ser realizada na valorizando o espaço em que as cooperadas trabalham e para que elas se sintam à vontade para participar. Assim, a proposta abrangerá não só as participantes da pesquisa, mas todas as integrantes das cooperativas.

1. PRIMEIRA OFICINA

A primeira oficina será realizada na sede da Camapet (Cooperativa de Coleta Seletiva, Processamento de Plástico e Proteção Ambiental), a proposta é reunir as cooperadas e apresentar o Projeto de Intervenção. Após esse momento, iniciar com a dinâmica de apresentação individual, onde as mulheres vão dizer que são; o segundo momento elas vão pegar fotos de mulheres em diversos momentos espalhadas pelas mesas e vou pedir cada mulher em seguida falem sobre o que ver; Passar um vídeo de Ângela Davis em palestra na UFBA (duração de 1'00'). Disponível em: <https://youtu.be/2vYZ4IJtgD0>) e para finalizar introduzir trechos do pensamento de Ângela Davis sobre a mulher destacados no vídeo.

Oficina 1: tema – Afinal, o que é ser mulher?

CONTEÚDO	OBJETIVOS	METODOLOGIA	RECURSOS	AValiação
O que é ser mulher: vídeo de Angela Davis	Conscientização do papel da mulher na sociedade	1) Dinâmica de apresentação de quem sou eu 2) cada mulher em seguida pega uma foto com mulheres em várias situações e pede que elas falem sobre o que ver, 3) em seguida ver o vídeo de Angela Davis 4) introduzir o pensamento de Angela Davis sobre a mulher	1) recorte de jornal com fotos de mulheres contendo em situações 2) vídeo 3) pensamentos de Angela Davis	Durante o processo solicitar que cada mulher relate suas experiências. naquela oficina, avaliando-a. Gravar para análise posterior.

Avaliação: Após o texto e uma breve discussão sobre ele, pedir que eles escrevam o que pensam agora sobre Angela Davis, se gostaram do vídeo e como resumiriam o que a filósofa nos traz a partir da oficina. Guardar essas folhas.

Recursos: computador, datashow, caixa de som, papel sulfite, canetas e trechos de frases Angela Davis de para as cooperadas.

2. SEGUNDA OFICINA

A segunda oficina será realizada na sede da Coofe (Cooperativa Múltiplas Fontes de Engomadeira), as mulheres cooperadas serão convidadas para uma dinâmica de acolhimento. Após esse momento, iniciar apresentando como será a condução dos trabalhos do dia e para começar solicitar que elas peguem palavras dispostas na mesa e relacione com a temática.; o segundo momento elas vão assistir um vídeo de Djamila Ribeiro em uma palestra na Casa TPM, onde a filósofa fala sobre A Construção do Futuro Feminino (duração de 20'25'').Disponível em: <https://youtu.be/Ki2SC6iDa08>) e para finalizar pedindo que elas construam frases baseadas no que foi discutido a partir do vídeo.

Oficina 2: tema – Gênero: Há espaço para mulheres?

CONTEÚDO	OBJETIVOS	METODOLOGIA	RECURSOS	AValiação
Gênero: Há espaço para mulheres? Vídeo de Djamila Ribeiro : A construção do futuro feminino	Ampliar a discussão sobre a condição feminina e as oportunidades	1) Dinâmica de acolhimento 2) cada mulher em seguida pega uma palavra distribuída na mesa mulheres , 3) em seguida ver o vídeo de Djamila Ribeiro sobre a construção do futuro feminino	1) palavras ligadas as questões de gênero 2) vídeo	Durante o processo solicitar que cada mulher escreva uma frase que represente o que percebeu naquela oficina, avaliando-a. Gravar para análise posterior.

Avaliação: Após o vídeo e uma breve discussão sobre ele, pedir que eles escrevam uma frase que represente o que foi trabalhado, se gostaram do vídeo e como elas se percebem neste espaço. Guardar essas folhas.

Recursos: computador, datashow, caixa de som, papel sulfite, canetas e palavras ligadas as questões de gênero.

3. TERCEIRA OFICINA

O terceiro encontro será realizada na sede na Coopertane (Cooperativa de Tancredo Neves), inicialmente receberemos as mulheres cooperadas com uma poesia de entrada. Após esse momento, iniciar apresentando como será a condução dos trabalhos do dia e para começar solicitar que elas falem sobre o significado do trabalho para cada uma.; o segundo momento convidá-las a assistir um vídeo sobre Prática de Autogestão da economia Solidária,

(duração de 3'58".Disponível em: <https://youtu.be/90uQa3UOCWg>) e para finalizar um texto de Paul Singer que trabalha com a economia solidária como ato pedagógico.

Oficina 3: tema – Trabalho como uma prática pedagógica

CONTEÚDO	OBJETIVOS	METODOLOGIA	RECURSOS	AValiação
Trabalho como uma prática pedagógica: Texto de Pau Singer: SINGER, Paul. A economia solidária como ato pedagógico	Refletir sobre significado de trabalho e sua importância como prática pedagógica.	1) Solicitar que cada mulher fale sobre o que significa o trabalho. 2) em seguida ver o vídeo sobre Prática de Autogestão da Economia Solidária 3) introduzir um texto do pensamento de Paul Singer	1)Poesia 2) Vídeo Sobre Prática de Autogestão da Economia Solidária 3) texto de Paul Singer	Relatar a experiência nas cooperativas e refletir sobre a importância do trabalho cooperado.

Avaliação: Após o vídeo e uma breve discussão sobre ele, pedir que eles escrevam uma frase que represente o que foi trabalhado, se gostaram do vídeo e como elas se percebem neste espaço. Guardar essas folhas.

Recursos: computador, datashow, caixa de som, papel sulfite, canetas .

4. QUARTA OFICINA

O último encontro será realizada na sede na Canore (Cooperativa de Agentes Ambientais da Nova República), onde inicialmente recebemos as mulheres cooperadas com uma música de entrada. Após esse momento, realizaremos uma dinâmica com palavras para definir o que é empoderamento, logo após, expor frases de autores sobre a temática.; o terceiro momento convidá-las a assistir um vídeo sobre O que é empoderamento? (duração de 5'44".Disponível em: https://youtu.be/TM6rh5s8_pE); o quarto momento estaria reservado a uma dança circular para o fechamento das atividades e, por fim, seria entregue uma flor a cada uma, como simbologia aos nomes intitulados na pesquisa.

Oficina 4: tema – .Roda de Conversa: Dialogando sobre Empoderamento Feminino

CONTEÚDO	OBJETIVOS	METODOLOGIA	RECURSOS	AValiação
O que é empoderamento?: Video Joice Berth	Conceituar a terminologia empoderamento a partir das falas das mulheres cooperadas	1) Dinâmica com uma palavra para definir empoderamento 2) Introduzir frases	1) Frases de autores sobre empoderamento 2) video de Joice Berth	Solicitar de cada mulher que escreva uma frase sobre empoderamento para um painel.

		de autores sobre o empoderamento. 3) em seguida ver o video Berth. 4) Dança Circulares 5) Entrega de Flores	3) Flores	
--	--	--	-----------	--

Avaliação: Após o vídeo e uma breve discussão sobre ele, pedir que eles escrevam uma frase que represente o que foi trabalhado, se gostaram do vídeo e como elas se percebem o processo de empoderamento. Guardar essas folhas.

Recursos: computador, datashow, caixa de som, papel sulfite, canetas e flores .

FICHA DE OBSERVAÇÃO

Data:	Horário:
Local:	Numero de Pariticipantes:

Indicadores	1	2	3	4
Aproximação com o conteúdo Proposto				
Participação nas atividades				
Assiduidade				
Demonstra motivação com textos e vídeos				
Engajamento				

Legenda:

- 1- Insuficiente
- 2 -Regular
- 3 -Bom
- 4 -Excelente.

Observações Adicionais:

PLANO DAS OFICINAS DO PROJETO DE INTERVENÇÃO

1- PARA A PRIMEIRA OFICINA:

Atividade	Recurso
<ul style="list-style-type: none"> • Video de Ângela Davis Conferência UFBA 	https://youtu.be/2vYZ4IJtgD0
<ul style="list-style-type: none"> • Imagem de Mulheres em diversas Situações 	<ul style="list-style-type: none"> • Mulher amamentando • Mulher em reunião de trabalho • Mulher fazendo compras • Mulher na academia • Mulher trabalhando na construção civil • Mulher

2- PARA A SEGUNDA OFICINA:

Atividade	Recurso
Chuva de Palavras	<ul style="list-style-type: none"> • Oportunidades • Desafios • Luta • Machismo

	<ul style="list-style-type: none"> • Espaço • Vencer
Vídeo de Djamila Ribeiro	https://youtu.be/Ki2SC6iDa08

3- PARA A TERCEIRA OFICINA:

Atividade	Recurso
Vídeo sobre Prática de Autogestão da Economia Solidária	https://youtu.be/90uQa3UOCWg
Texto de Pau Singer	A economia solidária como ato pedagógico.

4 - PARA A QUARTA OFICINA:

Atividade	Recurso
Frases de Pessoas Sobre Empoderamento	<ul style="list-style-type: none"> • Nossa premissa feminista é: eu tenho valor. Chimamanda Adichie • O objetivo não é que as mulheres tirem o poder das mãos dos homens, pois isso não mudaria nada. A questão é exatamente destruir essa noção de poder. Simone de Beauvoir • Precisamos romper com silêncios. Djamila Ribeiro • Eu nunca fui tímida, eu fui silenciada. Monique Evelle • Empoderamento como instrumento de luta social. Joice Berth.
Vídeo sobre o que é empoderamento	“ https://youtu.be/TM6rh5s8_pE ”

REFERENCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Editora Companhia das Letras, 1ª Ed- São Paulo. 2014.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Letramento Editora e Livraria LTDA, 2017.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**. 10.ed. São Paulo: Autores Associados, 2008

SINGER, Paul. A economia solidária como ato pedagógico. **Economia solidária e educação de jovens e adultos. Brasília: Inep**, p. 13-20, 2005. Disponível em : <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484184/Economia+solid%C3%A1ria+e+educ+a%C3%A7%C3%A3o+de+jovens+e+adultos/5226fbd2-28a7-4a1c-a404-34dbe8f17cc7?version=1.2> . Acesso em 25 de Abril de 2019.

O que é empoderamento. Geledés Instituto da Mulher Negra . 2018. 5' 44". Disponível em: "https://youtu.be/TM6rh5s8_pE". Acesso em: abril de 2019.

Prática de Autogestão da economia Solidária. Fundação Banco do Brasil. Campo Grande,- Mato Grosso do Sul, 2013. 3' 46": Disponível em: "https://youtu.be/90uQa3UOCWg". Acesso em: abril de 2019.

A Construção do Futuro Feminino. Trip Tv. Casa TPM, 2017. 20' 25" Disponível em: <https://youtu.be/Ki2SC6iDa08>. Acesso em: abril de 2019.

Conferência Angela Davis na UFBA. TVE Bahia. UFBA, 2017. 1º 05'. Disponível em: <https://youtu.be/2vYZ4IJtgD0>. Acesso em: abril de 2019.

APÊNDICE D – FOTOS



Fonte: Facebook Coopertane



Fonte: Facebook Coofe



Fonte: Facebook Camapet



Fonte: Facebook Canore

ANEXO A – PARECER DO CONSELHO DE ÉTICA

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O EMPODERAMENTO DAS MULHERES COOPERATIVADAS PELA EDUCAÇÃO SOCIAL NA EDUCAÇÃO DE ADULTOS.

Pesquisador: GRACIELA REGINES DE PAULA NASCIMENTO SANTOS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 87562318.1.0000.0057

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.724.032

Apresentação do Projeto:

O projeto intitulado O EMPODERAMENTO DAS MULHERES COOPERATIVADAS PELA EDUCAÇÃO SOCIAL NA EDUCAÇÃO DE ADULTOS, da pesquisadora Graciela Regines de Paula Nascimento Santos, aborda a temática da Educação Social na perspectiva da Educação de Jovens e Adultos no contexto das mulheres cooperadas e envolve uma importante vertente a ser estudada. Os processos formativos aliados ao empoderamento das mulheres revela uma perspectiva de autonomia e de mudança de realidade. O cenário exposto acima configura o mote relevante para o desenvolvimento desta pesquisa, que tem como objetivo principal avaliar de que forma a Educação Social, na Educação de Adultos promovem o empoderamento das mulheres cooperativadas nos grupos de Salvador; compreender pelas História Oral das mulheres cooperativadas de que forma a Educação Social promoveu o empoderamento dessas mulheres. Os objetivos específicos são: analisar as histórias de vida de mulheres das cooperativas para perceber como ocorreu o processo de empoderamento dessas mulheres pela via da educação social, bem como identificar as práticas de educação social e sua relação com a EJA no interior das cooperativas.

promoveu o empoderamento dessas mulheres.

Os objetivos específicos são:

analisar as histórias de vida de mulheres das cooperativas para perceber como ocorreu o processo de empoderamento dessas mulheres pela via da educação social;

identificar as práticas de educação social e sua relação com a EJA no interior das cooperativas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios estão assim apresentados>

Riscos:

Toda a pesquisa com seres humanos envolve risco em diversos tipos, variações e gradações variadas. Diante disso, o projeto oferece riscos em potencial nas dimensões: psíquico, moral, intelectual, social, cultural em decorrência das ações de pesquisa.

Em virtude disso, no ato da assinatura do Termo de Consentimento de Livre Esclarecido – TCLE, os participantes serão informados dos riscos que estarão suscetíveis como participantes dessa pesquisa. A fim de minimizar os impactos será dada a oportunidade de desistência em qualquer momento da entrevista. Assim como não será publicada em nenhum momento os nomes dos participantes no corpo do trabalho. Os arquivos

coletados na pesquisa serão guardados em por um período de cinco anos, no MPEJA, sob os cuidados da pesquisadora Professor Antônio Pereira e Graciela Regines de Paula N. Santos.

Benefícios:

A avaliação dos benefícios envolve várias dimensões das quais destacamos: dimensão acadêmica, contribuindo para a melhoria do conhecimento da área da educação de jovens e adultos, foco desta pesquisa produzindo e comunicando um conhecimento novo; dimensão educacional, contribuindo através do conhecimento produzido, com a elevação da educação de jovens e adultos, área foco do projeto; dimensão social, abrangendo os participantes e o grupo social ao qual está inserido; entre outros aspectos. Em relação aos benefícios aos participantes, se pretende registrar as memórias das trajetórias de vidas das mulheres em cooperativas, assim como registrar o empoderamento a partir dos processos formativos a partir da Educação Social

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera projeto como APROVADO, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera projeto como APROVADO, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

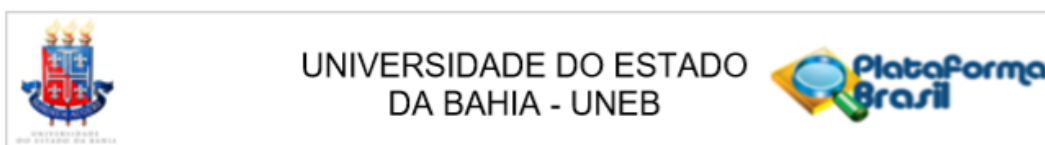
Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1092243.pdf	13/04/2018 10:43:08		Aceito
Outros	termodeconcessao1.pdf	13/04/2018 10:42:26	GRACIELA REGINES DE PAULA NASCIMENTO	Aceito
Outros	Termoautorizaodocoparticipacao.pdf	04/04/2018 19:28:38	GRACIELA REGINES DE PAULA NASCIMENTO	Aceito
Outros	Termoautorizaoproponente PDF	04/04/2018	GRACIELA	Aceito

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante e exequível.

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
 Bairro: Cabula CEP: 41.195-001
 UF: BA Município: SALVADOR
 Telefone: (71)3117-2399 Fax: (71)3117-2399 E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 2.724.032

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos foram todos apresentados

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Outros	Termoautorizacaoproponente.PDF	04/04/2018 19:25:40	NASCIMENTO SANTOS	Aceito
Outros	termocoletadedadosemarquivo.PDF	19/03/2018 10:12:02	GRACIELA REGINES DE PAULA NASCIMENTO	Aceito
Outros	termocompromissopesquisador.PDF	19/03/2018 10:11:23	GRACIELA REGINES DE PAULA NASCIMENTO	Aceito
Outros	cep.PDF	19/03/2018 10:10:36	GRACIELA REGINES DE PAULA NASCIMENTO	Aceito
Outros	termodeconfidencialidade.PDF	19/03/2018 10:08:42	GRACIELA REGINES DE PAULA NASCIMENTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.PDF	19/03/2018 10:07:20	GRACIELA REGINES DE PAULA NASCIMENTO	Aceito
Outros	AnexoIRoteirodaEntrevista.docx	19/03/2018 10:05:35	GRACIELA REGINES DE PAULA NASCIMENTO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetedepesquisagraciela.docx	19/03/2018 10:03:49	GRACIELA REGINES DE PAULA NASCIMENTO	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	19/03/2018 09:47:14	GRACIELA REGINES DE PAULA NASCIMENTO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 20 de Junho de 2018

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador)